UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Linha de Pesquisa: Culturas Midiáticas Audiovisuais

TERESINHA DE J. LEONEL DA ROCHA (TERESA LEONEL)

AUTORIA E ESTILO NO JORNALISMO EM BLOG: UM ESTUDO DE CASO DO BLOG DE RICARDO NOBLAT

JOÃO PESSOA
2012

TERESINHA DE J. LEONEL DA ROCHA (TERESA LEONEL)

AUTORIA E ESTILO NO JORNALISMO EM BLOG: UM ESTUDO DE CASO DO BLOG DE RICARDO NOBLAT

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Área de Concentração: Processos Midiáticos - da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Soares

JOÃO PESSOA

2012

R672a Rocha, Teresinha de J. Leonel da.
Autoria e estilo no jornalismo em blog: um estudo de caso do blog de Ricardo Noblat / Teresinha de J. Leonel da Rocha. - - João Pessoa: [s.n.], 2012.
139f. : il.

Orientador: Thiago Soares.
Dissertação(Mestrado) – UFPB/CCHLA.

1. Comunicação. 2. Estilo autoral. 3. Jornalismo-Ciberespaço. 4. Jornalismo-Blog. 5. Blog do Noblat.

UFPB/BC CDU: 007(043)

TERESINHA DE J. LEONEL DA ROCHA (TERESA LEONEL)

AUTORIA E ESTILO NO JORNALISMO EM BLOG: UM ESTUDO DE CASO DO BLOG DE RICARDO NOBLAT

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Área de Concentração: Processos Midiáticos - da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Soares

Aprovada em 08 de junho de 2012

Banca Examinadora

_____
Prof. Dr. Thiago Soares (Orientador)

_____
Prof. Dr. Heitor Rocha (UFPE) - externo

_____
Prof. Dr. Claudio Paiva (UFPB) - interno

JOÃO PESSOA

2012

Toda honra e toda glória sejam dadas ao Deus Todo Poderoso. A Ele dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A toda minha família, que me acompanhou e me apoiou durante toda a trajetória da pesquisa, nas minhas idas e vindas entre João Pessoa/Recife/Petrolina. Em especial, a meu marido, Geraldo, a meus filhos, Diego, Leonardo, a minhas noras, Juliana e Layana, a minha mãe, Marieta, a tia Julia, a meu irmão Haroldo, a minha cunhada Jaqueline, a meu irmão Albano,a minha cunhada Ercione e a minhas sobrinhas Shayra e Thallyna, que me acolheram em João Pessoa.

Aos meus irmãos da igreja, em especial àqueles do grupo familiar, Aurino e Gleide; Cosme e Carol; Carminha e Messias; Daniel e Ivana; Sandra e Luis Lau; Nivaldo e Edmeia, Rosilene e Regis, Adilson e Nilse, Amilton e Celia, Ivone, Brigida, Karla Danielle, Mayzete, Julio Bernardino e Karla Andrea. Obrigada pelas orações, lealdade, compreensão e palavras carinhosas.

Ao professor Thiago Soares, orientador do trabalho, por acreditar na proposta da pesquisa e pela dedicação, segurança e estímulo constante.

Ao jornalista Ricardo Noblat, que dispensou seu precioso tempo para me receber em sua casa, conceder uma longa entrevista com mais de 3 horas de duração, além de me permitir acompanhar sua rotina de trabalho por mais de 6 horas.

Aos meus colegas professores Macelle Khouri, Fabiola Moura, Renata Freitas, Andrea Cristiana e Moises Almeida – este que emprestou seu precioso tempo para revisão deste material. A todos os professores da UNEB (DCH III-Juazeiro-BA) pela força e estímulo para que eu não desistisse da pesquisa.

A Capes pelo apoio financeiro, fundamental para a realização desta pesquisa.

Aos meus ex-alunos (agora jornalistas) Welington Junior, Laiza Campos, Jaqueline, Wllyssys, Ricardo, Evelin e Tiago Crateus pelo incentivo constante.

A minha amiga jornalista e professora de Português, Vera Medeiros, que emprestou seu conhecimento e revisou este trabalho com carinho e dedicação.

Minha amiga Lara Cavalcanti que emprestou livros e livros das Teorias da Comunicação e sempre foi incentivadora do trabalho.

Minhas amigas da academia Vânia, Blenda, Andressa, Cinara e Marivane que me estimularam e deram força para continuar a pesquisa.

Ao meu primo João Carlos que me hospedou em Brasília-DF e me deu todo apoio para minha pesquisa em campo.

Ao meu amigo jornalista Gerson Camarotti por me “emprestar” seu conhecimento sobre o papel de Ricardo Noblat para o jornalismo político.

Aos colegas de mestrado pelas discussões, incentivo e produções que guiaram o meu trabalho.

Jornalismo, independente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores e ouvintes. (CLOVIS ROSSI).

RESUMO

É no ambiente do ciberespaço que o jornalismo em blog vem se consolidando e assumindo novas tarefas, rompendo com padrões criados pelo jornal impresso e pela mídia audiovisual. Isso tem estimulado uma discussão sobre a prática jornalística nesse espaço em que a interação entre o produtor de conteúdo e o internauta possibilita outros formatos comunicacionais. Este trabalho objetivou-se à investigação do Blog do Noblat para compreender o conjunto de traços que caracterizam a marca do jornalista-blogueiro e personificam o estilo do autor a partir da sua produção, seleção e triagem do conteúdo a ser publicado. Associamos o *modus operandi* de Ricardo Noblat à personificação do próprio autor, que pode contribuir na categorização de um estilo para o jornalismo em blog. Esta categorização está fundada na produção e veiculação dos textos na forma verbal, visual ou audiovisual e suas consequentes implicações no jornalismo exercitado no ciberespaço.

Palavras-chave: Blog do Noblat. Estilo autoral. Jornalismo em blog. Jornalismo no ciberespaço.

ABSTRACT

It is the environment of cyberspace that journalism in blog has been consolidated and assume new tasks, breaking with patterns created by the newspaper printed and audiovisual media, stimulating a discussion about journalistic practice in this space that the interaction between content producer and the internet enables other communication formats. This study aimed to research the Blog Noblat to understand the set of traits that characterize the brand of the journalist-blogger and embodies the author's style from its production, selection and sorting of content to be published. We associate the modus operandi of Ricardo Noblat the person's own author who can contribute to the categorization of a style of journalism in blog. This categorization is based on the production and transmission of texts as verbal, visual or audiovisual and their consequent implications for journalism exercised in cyberspace.

Keywords: Blog Noblat. authorial style. blog journalism. journalism in cyberspace.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 - Casa Noblat - visão da área exterior – terraço e jardim 21
FOTO 2 – Escritório do Noblat 22
FOTO 3 – Ricardo Noblat 26
FOTO 4 – Diário do Avô 37
FOTO 5 – Porta-retratos netos 36
FOTO 6 – Ricardo Noblat apurando informação pelo telefone 44
FOTO 7 – Ricardo Noblat demonstrando cansaço 45
FOTO 8 – Ricardo Noblat reanimado 46

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Perfil do Noblat 24

FIGURA 2 – Post “Por quem bate o coração do secretário geral do PT”. Veiculado dia 09/09/2010 34

FIGURA 3 – Post “ A decisão foi de Lula. Só dele”. Veiculado dia 12/05/2004 37

FIGURA 4 – Post “Foda-se” publicado no Blog do Noblat, dia 19/10/2009 38

FIGURA 5 - Post “Meu nome é André Noblat. Ricardo é outra pessoa”. Veiculado dia 19/03/2011 40

FIGURA 6 - Post “Economize dinheiro...” Veiculado dia 17/03/2011 41

FIGURA 7 - Post “As metamorfoses em 32 anos de PT (Editorial)”. Veiculado dia 14/02/2012 76

FIGURA 8 - Post “Conselho ao senador Eunício Oliveira”. Veiculado dia 11/07/2011 80

FIGURA 09 - Post “Hora do Recreio”. Veiculado dia 1º/01/2011 86

FIGURA 10 Post “CPI? Dilma não quer nem ver...” Veiculado dia 17/04/2012 91

FIGURA 11 – Post “Hora do Recreio”, veiculado dia 03/01/2011 94

FIGURA 12 – Post “Comentário – Pensando em voz alta”, veiculado dia 15/02/2011 95

FIGURA 13 – Post “A delação premiada à brasileira” – veiculado dia 10/03/2011 102

FIGURA 14 – Post “Onde está Marina” – veiculado dia 03/03/2011 103

FIGURA 15 – Post “Frases da semana” – veiculado dia 01/05/2011 105

FIGURA 16 – Post “Em primeira mão –Governador de Santa Catarina deixa DEM” – veiculado dia 1º/05/2011 107

FIGURA 17 – “Blog de Maria Bethânia...” – veiculado 16/03/2011 110

FIGURA 18 – Post “Blog de Betânia foi aprovado por ‘critérios jurídicos’´ – veiculado dia 16/03/2011 111

FIGURA 19 – Post “Blog de Betânia: o projeto, como o governo aprovou” - veiculado dia 17/03/2011 113

FIGURA 20 – Post “Economize dinheiro do governo. Mande um poema” - veiculado dia 17/03/2011 114

FIGURA 21 – Post “Queremos ser Maria Bethânia” – Veiculado dia 18/03/2011 115

FIGURA 22 – Post “Filho do Noblat...” – Veiculado dia 19/03/2011 no blog www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br 117

FIGURA 23 – Comentário Blog do Noblat - 19/03/11 – às 15h08 118

FIGURA 24 – Post “Meu nome é André Noblat. Ricardo é outra pessoa” – Veiculado dia 19/03/2011 121

FIGURA 25 – Comentário Blog do Noblat - 19/03/11 – às 21h 122

FIGURA 26 - Comentário Blog do Noblat – 19/03/11 – às 21h56 123

FIGURA 27 – Comentário Blog do Noblat – 19/03/11 – às 22h08 124
FIGURA 28 – Comentário Blog do Noblat – 19/03/11 – às 23h01 124
FIGURA 29 – Comentário Blog do Noblat – 19/03/11 – às 23h13 125
FIGURA 30 – Comentário Blog do Noblat – 19/03/11 – às 23h57 126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

a) OBJETIVO 15

b) METODOLOGIA 17

c) ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO 18

1 ETNOGRAFIA DA PRODUÇAO: A PESQUISADORA EM CAMPO 21

1.1 RICARDO NOBLAT: A PESSOA, O JORNALISTA, O BLOGUEIRO 22

1.2 SOBRE A ENTREVISTA 25

1.3 O HOMEM VIRA O JORNALISTA 26

1.4 ROTINA DE PRODUÇÃO 27

2 O AUTOR FAZ O SEU ESTILO 48

2.1 AUTORIA E ESTILO 48

2.2 O ESTILO JORNALÍSTICO 61

2.3 NOBLAT E SUAS MARCAS, SEUS ESTILOS 72

3 TRIAGEM: UMA DECISÃO DO JORNALISTA-AUTOR 83

3.1 O FAZER JORNALÍSTICO DE RICARDO NOBLAT 83

3.2 QUANDO NOBLAT É O GATEKEEPER E O GATEWATCHING 96

4 ESTUDO DE CASO: "MEU NOME É ANDRÉ NOBLAT. RICARDO É OUTRA PESSOA" 109

4.1 COMO TUDO COMEÇOU 109

4.2 RICARDO NOBLAT X ANDRÉ NOBLAT 119

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES 132

REFERÊNCIAS 134

ANEXOS 139

INTRODUÇÃO

Pensar o jornalismo hoje, em meio às transformações mediadas pela tecnologia, faz-nos refletir sobre a produção de notícia nas diversas plataformas e o modo como se ajusta, ou melhor dizendo, como flui o conteúdo noticioso dentro de uma perspectiva de consolidação no ciberespaço[1]. A expansão acelerada da produção de informação na rede estimulou o surgimento de novos paradigmas na comunicação. Emergiram novos comportamentos, crenças e valores, que entraram em choque com rotinas e valores antes estabelecidos como sólidos e rígidos. A ausência da estabilidade abre espaço para mudanças constantes à fluidez, modificações que interferem no fazer jornalístico (GILMOR, 2004; SANTAELLA, 2007, PRIMO, 2006). Hoje, o conhecimento e o jornalismo, especificamente, não estão fixados apenas em determinados ambientes, mas, espalhados por toda a rede de pessoas conectadas à internet que não apenas absorvem informação como também definem, produzem e transmitem conteúdo. (SANTAELLA, 2003; LEMOS, LEVY, 2010).

É nesse ambiente de ciberespaço que o jornalismo em blog vem se consolidando e assumindo novas tarefas, rompendo com padrões criados pelo jornal impresso e a mídia audiovisual, estimulando uma discussão sobre a prática jornalística nesse espaço em que a interação entre o produtor de conteúdo e o internauta possibilita outros formatos comunicacionais. O jornalismo em blog provocou, ainda, a migração de profissionais atuantes da chamada mídia tradicional para esse espaço. Nesse contexto, o jornalista Ricardo Noblat é um dos exemplos. Depois de 40 anos no jornalismo impresso, assumiu de forma despretensiosa, como ele mesmo explicou em entrevista para este trabalho, a função de blogueiro. Noblat está na rede desde março de 2004. Começou no portal iG e, em 2005, foi para o site do jornal o Estado de São Paulo e, desde 2007, está hospedado no portal O Globo.

[1] Lévy, em seu livro Cibercultura, nos diz que a nomeação “ciberespaço” foi inventada por Gibson (2003) em seu romance de ficção científica Neuromante, de 1984, no qual a palavra designa “o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural.” (LÉVY, 1999, p. 92). Essa nomeação foi logo incorporada pelos usuários das redes digitais. Lévy (1999, p. 92) define ainda ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, e afirma que o fundamental é que o ciberespaço não é uma infraestrutura, mas, sim, uma forma de usar e explorar as infraestruturas existentes.

Surgiu, então, o problema que norteou esta pesquisa: o que define e caracteriza o blog do jornalista Ricardo Noblat que personifica o seu estilo, a sua marca como autor a partir de sua produção, seleção e triagem do conteúdo a ser publicado? O questionamento foi ganhando corpo à medida que fomos acompanhando as postagens veiculadas no blog, durante o período da pesquisa (outubro de 2010 a abril de 2012), culminando com a entrevista ao blogueiro (novembro de 2011), na sua residência, em Brasília-DF; traçando assim, alguns caminhos para análise do objeto.

a) OBJETIVO

Entendendo que o blog se apresenta como uma categoria do webjornalismo (ESCOBAR, 2007) e como um novo gênero do ciberjornalismo (ORIHUELA, 2006; ROBINSON, 2006), referenciamos, neste estudo, o ciberjornalismo, por entender que há uma especificidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, o mais importante, necessariamente, difundir conteúdos jornalísticos (SALAVERRÍA, 2005). O ciberespaço engloba tanto a Internet quanto outras redes telemáticas; e, além de estar relacionado com a investigação, produção e difusão de conteúdos, diz respeito ainda ao armazenamento das mensagens jornalísticas (CALVO, 2006).

No decorrer deste trabalho, adotamos o uso dos termos ‘jornalismo no ciberespaço’ e ‘jornalismo em blog’, por serem designações categóricas que aglutinam as fases e características específicas das potencialidades apresentadas nos blogs - objeto deste estudo. No entanto, ao nos referirmos ao Blog do Noblat, consideramos a definição de Raquel Recuero (2003), que conceitua esse tipo de blog como "Publicações Mistas", aquelas que efetivamente misturam posts pessoais sobre a vida do autor e posts informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal. A pesquisadora explica que o blog é um espaço para “estímulo à discussão e ao debate por parte dos leitores e transforma o fluxo de informação predominantemente vertical que observamos em nossa sociedade em um fluxo horizontal”. (RECUERO, 2003). Diante dessas reflexões, objetivou-se, neste trabalho, investigar o Blog do Noblat e compreender o conjunto de traços que

caracterizam o jornalista-blogueiro e personifica o estilo do autor[2] a partir da sua produção, seleção e triagem do conteúdo a ser publicado.

Para guiar o estudo sob tal perspectiva, propomos três objetivos específicos:

a) analisar a personificação do autor a partir da rotina produtiva que o jornalista Ricardo Noblat estabelece para alimentar o blog;

b) verificar as características pertinentes ao jornalismo no ciberespaço utilizadas no Blog do Noblat, que possibilitam a interação do blogauta[3] com o blogueiro e interferem nas postagens veiculadas;

c) apontar algumas convergências entre o jornalismo praticado na mídia tradicional[4] e o modo como essa prática se apresenta na produção do conteúdo veiculação no blog.

Ricardo Noblat começa a produzir, para uma plataforma virtual, o blog e descobre outras habilidades jornalísticas que ratificam seu olhar crítico em relação à cobertura política, temática específica do profissional, que abre novas possibilidades para o seu fazer jornalístico e exige dele mudanças radicais na rotina de produção e uma vida pessoal quase de exclusividade para esta função. Este *modus operandi* associamos à personificação do próprio autor e pode contribuir na categorização de um estilo para o jornalismo em blog. Esta categorização está fundada na produção e veiculação dos textos na forma verbal, visual ou audiovisual e suas consequentes implicações no jornalismo exercitado no ciberespaço.

b) METODOLOGIA

Visando alcançar os objetivos apontados anteriormente, procedemos metodologicamente, num contexto teórico associando as teorias da comunicação em suas diversas áreas com pesquisadores como Mauro Wolf (2002) e Nelson Traquina (2005/2008), para alicerçar no que tange à análise dos critérios de noticiabilidade e valores-notícias; teorias do gatekeeper e gatewatching.

---

[2] A indicação do autor ou blogueiro neste trabalho se refere ao jornalista Ricardo Noblat responsável direto pela produção do conteúdo veiculado no blog que traz o seu nome (http://oglobo.globo.com/pais/noblat/), hospedado no portal O Globo. O autor no sentido de produzir, mediar e opinar sobre o conteúdo veiculado.

[3] Neste trabalho utilizaremos o neologismo blogauta (leitor de blog + internauta), navegador ou internauta para definir o leitor do blog (a pessoa que ler e/ou comenta o texto no blog).

[4] Consideramos a grande mídia os jornais impressos, a TV e o Rádio.

Analisamos o jornalismo no ciberespaço e tendo o blog como meio comunicacional com teóricos como Pierre Levy e André Lemos (1999/2010); Raquel Recuero (2003/2005); Ramon Salaverría (2005), Lucia Santaella (2003/2007), entre outros que estudam essa dimensão relacional. Para compreender o estilo autoral no contexto literário, fomos beber em fontes de teorias da literatura como Roland Barthes (2000), Michel Foucault (1970/1981/2002), numa linguagem repensada por Antoine Compagnon (2001) e, depois, revista por Santaella (2007) no ciberespaço. O intuito desse percurso tem a ver com uma reflexão que considera as práticas jornalísticas no campo tradicional das grandes mídias e a reconfiguração do fazer jornalístico em outros espaços comunicacionais a exemplo do blog. Para tanto, também nos baseamos na discussão do estilo e a linguagem jornalística com pesquisadores como Vilas Boas (1996); Nilson Lage (2001) e Lia Seixas (2009).

Para análise do material postado pelo jornalista Ricardo Noblat, utilizamos os critérios metodológicos que perpassam as categorias dos gêneros jornalísticos teorizadas por Lia Seixas (2009), e outros teóricos contemporâneos sobre a blogosfera (RECUERO; ORDUÑA e ORIHUELA) que nos ajudaram a delimitar as caracterizações deste objeto em possíveis definições de categorias conceituais de análise e tipologias.

Assim como a própria Internet, a proliferação dos blogs enquanto prática usual no ciberespaço abre mecanismos para liberação de emissores de conteúdos, a manifestação de textos informativos ou noticioso produzidos por blogueiros (jornalistas ou não) e por internautas que expressam suas ideias. Em função dessa pluralidade comunicacional, optamos por não estabelecer um método específico que delimitasse esta pesquisa. A proposta é não permitir o “engessamento” do material coletado, para que este não fique sob o guarda-chuva de métodos pré-estabelecidos os quais emperram a fluidez do processo comunicacional que foi ocorrendo na medida em que acompanhamos as postagens do autor do blog, Ricardo Noblat, durante o período da pesquisa (de outubro de 2010 a abril de 2012). Outro fator fundamental nesse contexto é que consideramos critérios metodológicos etnográficos, utilizando o empirismo da Internet, assim como defende Adriana Amaral no uso da etnografia

> partindo de um modelo comunicacional que leve em conta seu contexto e as culturas que nela se desenvolvem, na qual estão inscritos tracejados e conversações cuja observação sistemática e

> investigação interpretativa desvendam padrões de comportamento social e cultural. (AMARAL, 2010).

A escolha do material para análise foi pré-definida no anteprojeto centrada no ineditismo, na diversificação e na inovação do tipo de publicação realizada num espaço de apropriação jornalística e o corpus da pesquisa foi delimitado depois da entrevista produzida em campo.

Nesse ambiente, buscamos consolidar a essência do fazer jornalístico com questões primordiais da profissão, regras e princípios que regem a conduta de um profissional, independentemente do suporte em que acontece a produção do conteúdo.

c) ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O primeiro tópico deste trabalho "*Etnografia da produção: a pesquisadora em campo"* traz o arcabouço da pesquisa. A temática recai sobre as relações entre pesquisador e informante (o pesquisado) - neste caso, o jornalista Ricardo Noblat. No conteúdo apresentado, descrevemos o deslocamento do pesquisador, sua ida até Brasília-DF, as expectativas do "ir a campo" e deparar-se com o 'por vir', o estranhamento pela exposição diante do entrevistado, tão decisivo na formação do olhar interpretativo, e o medo do envolvimento da pesquisadora em se "encantar" com o protagonista do seu objeto de estudo. Este tópico é descrito de forma expressiva e intimista no sentido de mostrar o autor do blog no seu espaço de produção, os detalhamentos que desenham sua estrutura redacional, sua relação com o ambiente familiar, já que a "redação" é na própria residência do jornalista, e sua rotina de produção. É nessa parte do trabalho que a pesquisadora mergulha no empirismo do objeto de estudo, compartilhando conversações com o jornalista, observando e sistematizando a investigação interpretativa para desvendar padrões de comportamento profissional, social e cultural do blogueiro Ricardo Noblat que se apresentam no seu fazer jornalístico no blog.

A partir desse contexto, trazemos o segundo tópico, "*O autor faz o estilo*", apresentando noções que têm um marco teórico nas teorias do autor, estilo e estilística, relembrando conceitos considerados clássicos na área da literatura, que consolidaram, definiram, em alguns momentos, a participação do autor e, por vezes,

até apontaram divergências na produção de uma obra. Fazemos, ainda, um contraponto com a linguagem e o estilo jornalístico que sofreram diversas alterações ao longo do século XX, até os dias de hoje e estão sendo reconfiguradas desde o advento da internet e das múltiplas formas de produção de conteúdo no ciberespaço. Apresentamos, então, uma série de traços, características e marcas textuais do jornalista Ricardo Noblat, que permitem personificar seu estilo autoral no blog.

O contexto da seleção e triagem do conteúdo a ser publicado pelo autor do blog é exposto no terceiro tópico deste trabalho: "*Triagem: uma decisão do jornalista-autor".* Nesta parte, a abordagem centra o olhar com inspiração nas teorias do jornalismo, mais especificamente nas teorias do gatekeeper e do gatewatching para compreender como o jornalista Ricardo Noblat, como autor, estabelece-se no contexto comunicacional do ciberespaço. Mostramos, ainda, a rotina de produção do blogueiro, sua "maratona" na triagem, seleção do conteúdo e sua produção autoral. Neste aspecto, trazemos um breve panorama do formato jornalístico na grande mídia e a migração do conteúdo noticioso para internet e, especificamente, para plataformas como o blog. Também trazemos a contribuição de alguns autores no tocante a conceitos teóricos da área de comunicação dentro do contexto do ciberespaço e apresentamos alguns posts veiculados no blog do Noblat que ajudam a compreender o estilo autoral do jornalista.

Diante de tantas reflexões sobre meios e processos de produção da informação, o espaço e o papel do jornalista devem passar também por uma avaliação. Essa é a proposta do quarto e último tópico deste trabalho. "Estudo de caso: Meu nome é André Noblat. Ricardo é outra pessoa". Essa parte é um relato específico do dia 19 de março de 2011, em que o filho do jornalista, André Noblat, veicula uma matéria dentro do espaço destinado ao autor do blog, respondendo as críticas feitas por internautas a ele e ao pai, Ricardo Noblat. O fato nos chamou atenção em função da relação familiar entre o autor do blog e o seu filho, bem como a imbricação entre as partes que resultaram em determinadas respostas do blogueiro no espaço destinado aos comentários dos internautas.

Enfim, estruturamos o trabalho ora apresentado para compreender a utilização do Blog do Noblat como espaço de produção autoral, apontando para um estilo próprio do jornalista Ricardo Noblat, a partir de um conjunto de práticas que permitem ao autor comentar, opinar, interagir e interpretar conteúdos produzidos

para o blog. Este trabalho pretender trazer luz à compreensão desse fazer jornalístico.

1 ETNOGRAFIA DA PRODUÇAO: A PESQUISADORA EM CAMPO

O jornalista Ricardo Noblat nos recebeu em sua residência, situada na Quadra L18, conjunto 4, casa 2, Lago Sul, área nobre de Brasília-DF, no dia 08 de novembro de 2011, às 14h30, para uma entrevista jornalística com três horas de duração, a qual dispomos na íntegra, em Anexo.

Noblat é recifense, casado há 34 anos com a também jornalista Rebeca Scatrut, tem três filhos e dois netos. Mora numa casa que tem, aproximadamente, 850 m² de área construída, duas salas amplas bem decoradas com peças de madeira, couro, bronze e alguns outros elementos que retratam sua origem pernambucana. Na parte externa da residência, há uma piscina e um espaço verde cuidadosamente projetado, inclusive com três mastros expondo as bandeiras do Brasil, de Pernambuco e do Sport Club do Recife. (ver Foto 1)

FOTO 1: Casa Noblat - visão da área exterior – terraço e jardim

Em seu espaço de trabalho, uma espécie de escritório e biblioteca ao mesmo tempo, há uma estante que vai de uma ponta a outra da parede com livros organizados. Ainda há outros títulos empilhados em cima da mesa. Uma camisa oficial e uma faixa do Sport Club do Recife penduradas na estante confirmam sua preferência no futebol. Existem também algumas fotos dele com autoridades como o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva e o jogador Pelé, além de fotos com seus

filhos, em vários momentos de sua vida. Na estante, também estão expostos alguns troféus referentes aos prêmios de jornalismo que o Blog do Noblat recebeu ao longo desses oito anos de atuação.

O ambiente do escritório de Noblat tem um clima clássico. Toda mobília é de madeira escura avermelhada, estilo rústico. Uma janela com vista para o jardim-garagem onde se apreciam algumas plantas caseiras, que dão um toque bucólico ao ambiente. Em sua mesa de trabalho, com formato em “L”, além de alguns livros empilhados, há um computador com webcam, um caderno junto ao teclado -- como ele mesmo indicou -- vários CDs e DVDs de músicas clássicas, MPB, jazz e outros gêneros musicais, canetas, uma lupa, tesoura e máquina de calcular.

É, neste espaço, que o jornalista passa a maior parte do dia, uma média de 18 a 20 horas, escrevendo, apurando informação através do celular, telefone fixo, ou mensagens via e-mail ou rede social Twitter. (ver Foto 2). Antes de entrarmos diretamente na apresentação da entrevista, é importante traçar um breve perfil do jornalista Ricardo Noblat.

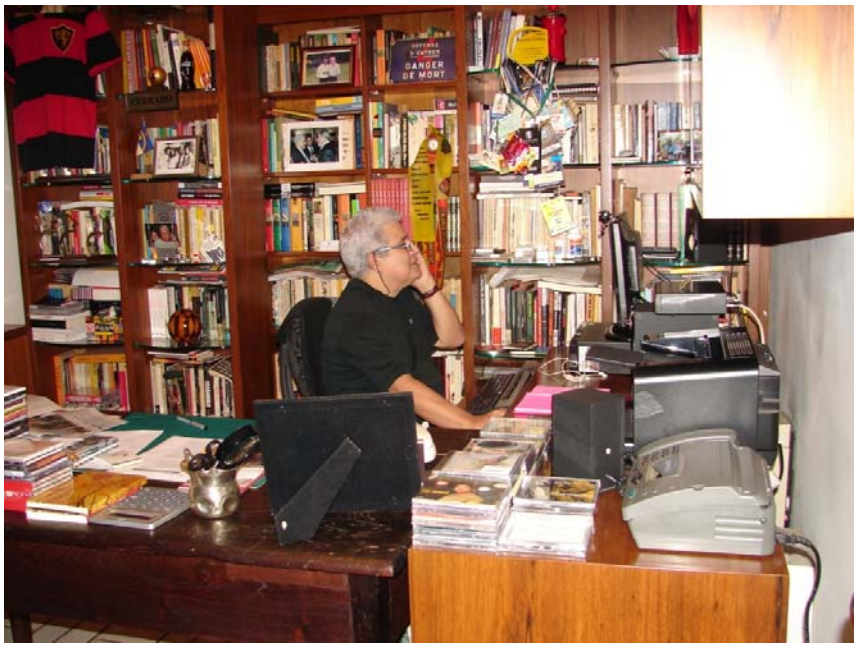


FOTO 2 – Escritório do Noblat

1.1 RICARDO NOBLAT: A PESSOA, O JORNALISTA, O BLOGUEIRO

Para que possamos entender o estilo do jornalista Ricardo Noblat, precisamos conhecer quem é esse profissional que atuou no jornalismo impresso por mais de 40

anos e que caminhos o levaram para o jornalismo na internet, especificamente, em blog.

Ricardo José Delgado Noblat é natural do Recife (PE), tem 63 anos, formado em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), trabalhou como repórter em jornais como Diario de Pernambuco, Jornal do Commercio, ambos no Recife, Jornal A Tarde, em Salvador, nas revistas Manchete e Veja.

Morando em Brasília desde 1982, foi editor regional da sucursal do Jornal do Brasil. Trabalhou como repórter da sucursal de O Globo, em 1989, de onde saiu para chefiar a sucursal da revista IstoÉ. Entre 1991 e 1992, atuou em Angola na campanha de José Eduardo dos Santos. Assumiu, em 1994, a direção de redação do jornal Correio Braziliense, permanecendo no cargo até novembro de 2002.

É autor, entre outros livros, de '*A Arte de Fazer um Jornal Diário'* (CONTEXTO, 2002) e *'O Que É Ser Jornalista'* (RECORD, 2004). Em 2004, criou o Blog do Noblat[5] para "depositar" o conteúdo que não ia para coluna de política que ele escrevia para o jornal O Dia (RJ). Nessa época, o blog estava hospedado no Portal IG. A partir de 2005, migrou para o portal O Globo, onde permanece até hoje.

A descrição perfilática feita até aqui sobre Ricardo Noblat está longe de ser a percepção que o próprio jornalista expõe de si mesmo e que está postada em uma das abas do seu blog com o título "Perfil do Noblat". Qualquer internauta que navegar nessa área não vai encontrar os dados que foram citados no começo deste tópico. Muito pelo contrário. Ele aproveita o espaço que seria destinado para um breve currículo pessoal e expõe, de forma inusitada, seu olhar sobre ele como jornalista.

Noblat se apresenta de forma pessoal e intimista. Relata, cronologicamente, suas experiências desde a sua juventude, um pouco antes de entrar no curso de Jornalismo, passando por conflitos políticos, incluindo a Ditadura Militar, em 1964, até os dias atuais. Essa narrativa aponta, entre outras coisas, para uma percepção bem interligada ao jornalismo. (Ver Figura 1)

Na abertura do texto, ele diz:

> Sem entender direito o significado da cena, vi uma tropa do Exército cercar o Palácio do Campo das Princesas, no Recife, para depor e prender o governador Miguel Arraes, na tarde do dia 31 de março de

[5] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/publicacoesdonoblat.asp

> 1964. Eu tinha apenas 15 anos de idade e estudava no Colégio Salesiano.
>
> Quatro anos depois, vi 300 soldados da Força Pública de São Paulo prenderem pouco menos de mil jovens reunidos em um sítio de Ibiúna, durante congresso da proscrita União Nacional dos Estudantes. Eu estava entre eles na condição de aluno do curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.... (PERFIL DO NOBLAT, 2011)

FIGURA 1 – Perfil do Noblat[6]

A descrição continua com o jornalista relatando suas experiências como repórter, editor-chefe em vários veículos de comunicação, atuando na editoria de política. Noblat faz uma cronologia da política brasileira a partir do seu envolvimento como profissional, mostrando um percurso em que ele próprio, como jornalista, cobriu fatos que marcaram a história dos governos brasileiros a partir de 1964,

[6] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/PerfilDoNoblat.asp

passando pelo processo da redemocratização até as eleições dos presidentes Luis Inácio Lula da Silva (2003) e Dilma Rousseff (2004).

De forma resumida, o perfil de Ricardo Noblat no blog do Noblat ressalta os pontos mais relevantes que marcaram sua vida como profissional e deixa clara a sua relação de envolvimento com o jornalismo, em especial, o seu papel de repórter. É importante destacar que uma das questões evocadas por este trabalho é entender qual é o lugar que Ricardo Noblat ocupa no campo jornalístico e como ele construiu este lugar de destaque, naturalmente, através de uma trajetória na qual ocupou importantes cargos em veículos jornalísticos de destaque no Brasil. Compreender não só o Noblat que vimos na etnografia da pesquisa de campo, na entrevista que fizemos para esta pesquisa, mas também aquele que se encena no perfil do seu blog, que evoca sua trajetória junto à própria história do país, parece ser uma curiosa maneira de interpretar e tentar entender como se construiu o estilo de Ricardo Noblat que chega à sua presentificação no Blog do Noblat.

1.2 SOBRE A ENTREVISTA

Durante a transcrição do áudio da entrevista que fiz, ao vivo, com Ricardo Noblat, em Brasília, realizei uma demarcação metodológica: usei reticências para deixar a fala o mais natural possível à leitura e demonstrar que o entrevistado estava adoentado na ocasião do encontro. É preciso reconhecer que, na atividade etnográfica, estuda-se um objeto (no nosso caso, o Blog do Noblat, mas, sobretudo, a figura de Ricardo Noblat e suas rotinas de produção e disseminação de informação) na vivência direta da realidade onde este objeto se insere. A nossa ida a Brasília, para realização de uma entrevista pessoal com Noblat se deu a partir de uma retranca metodológica: entender o modo como realmente as pessoas executam as suas funções, que, muitas vezes, diferem da forma como as definições dos processos sugerem que elas devem fazer.

Neste sentido, já ciente de que a nossa presença ali alteraria, de alguma forma, sua rotina de produção, tentamos fazer com que ele não se ausentasse de seu ofício de jornalista. Na transcrição, aparecem tópicos em negrito que se referem à tônica principal do assunto a ser relatado e, por isso, optamos em não colocar aspas nas falas, já que o conteúdo, excetuando os tópicos, é a própria narrativa do entrevistado. Consideramos, também, o texto conforme a fala do entrevistado, no

sentido coloquial da narrativa. Os complementos sobre determinados assuntos seguem com indicações entre parênteses.

Para a gravação da entrevista, utilizamos um equipamento eletrônico, MP4 Player, que foi colocado numa posição direcionada para Ricardo Noblat, visando captar melhor o áudio. A entrevista teve duração de 3 (três) horas, mas entre conversa informal, entrevista e paradas para atendimento ao telefone ou ir ao banheiro, o tempo de permanência na residência de Noblat foi de, aproximadamente, 6 horas.

1.3 O HOMEM VIRA O JORNALISTA

É num clima descontraído, sentado em um dos sofás da sala principal de sua residência, em Brasília, que o jornalista Ricardo Noblat começa a gravar, em áudio, a entrevista que é um dos dispositivos de interpretação do objeto deste trabalho - o Blog do Noblat. (Ver Foto 3)

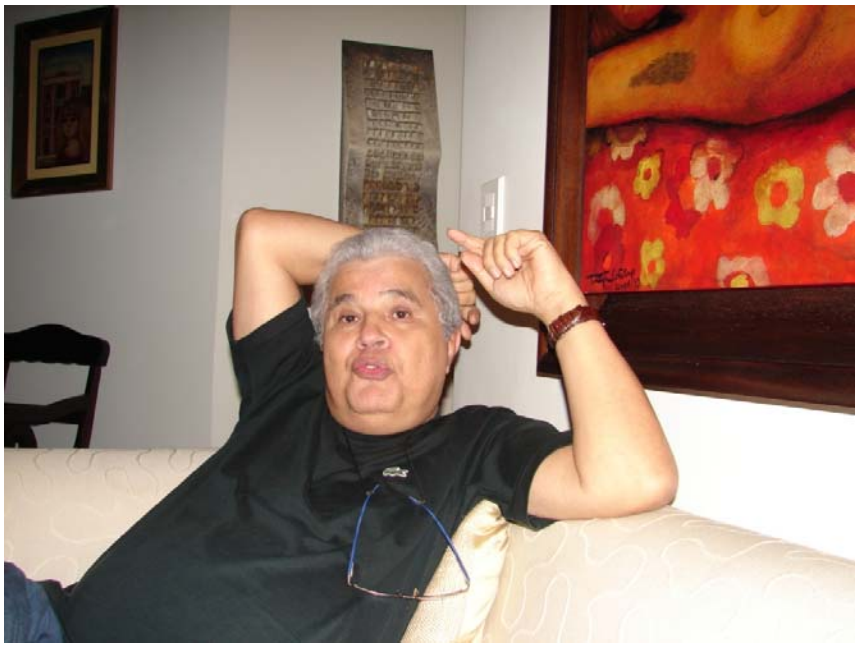


FOTO 3 – Ricardo Noblat

Embora tenhamos roteirizado todas as temáticas que seriam abordadas com ele, a fala do entrevistado transcorreu de modo muito natural, e nossa interferência foi mais pontual, quando se percebia a necessidade de conduzir a narrativa para uma temática específica. A primeira impressão diante do entrevistado não foi tão animadora, já que a expectativa era grande em relação ao encontro. Ele parecia um

tanto frio, distante. Como se estivesse demarcando território entre entrevistado e entrevistador. Era preciso entender, nesse momento, a necessidade de assumir a tão esperada “postura profissional” e nada de deixar o deslumbramento contrapor o “objeto de estudo”.

Entre falas, pausas e tosses, Ricardo Noblat - que na época se recuperava de um tratamento na coluna e de uma microcirurgia no coração para implantação de um stent (mola que mantém as artérias coronárias desobstruídas) no mês de setembro/2011 - refletia, em todos os momentos, a respeito de sua atuação profissional como jornalista e blogueiro. Essa reflexão começa quando ele expõe sua rotina de produção.

1.4 ROTINA DE PRODUÇÃO

De segunda a segunda, todos os dias da semana, a rotina do jornalista Ricardo Noblat começa por volta das 11h da manhã e vai até 4h do outro dia. O horário só é alterado se ocorrer algum fato importante no dia anterior ou na madrugada. Por volta das 11h, quando retorna ao trabalho, começa por pesquisar sites de notícias, fazer algumas ligações, apurar informações e postar conteúdo no blog. Mais ou menos às três horas da tarde, faz uma pausa, almoça, e segue a produção até a hora do Jornal Nacional, quando interrompe todas as atividades para assistir ao noticiário da Rede Globo.

Janta e assiste, religiosamente, à novela das 21h da Rede Globo. É um momento de descontração, afirma Noblat sorrindo. Retorna para o escritório às 23h e segue trabalhando até às 4h da manhã. É também, durante a madrugada, que o jornalista lê vários jornais e revistas pela internet e faz uma clippagem de algumas matérias para postagem no blog. Pela rotina de trabalho, não há descanso depois do almoço, pouco ou nenhum contato com outros afazeres do tipo lazer, entretenimento. O que se percebe é uma dedicação exclusiva ao oficio jornalístico.

Toda essa rotina vem acontecendo há oito anos, interrompida, apenas, por duas férias. Uma de 15 dias, que passou na Espanha, mas deixou um amigo fazendo o blog, e a outra, no começo de 2010, em que relaxou uma semana numa pousada em Maceió/AL. O blog, durante os oito anos de existência, nunca teve um dia parado. Por conta dessa sobrecarga de trabalho, Noblat começa a apresentar alguns sintomas na área de saúde que apontam alterações em relação a sua vida

profissional. Os médicos indicaram mudanças de hábitos como alimentação, horas de sono, prática de exercícios, entre outras coisas.

> Mesmo trabalhando muito a vida toda... eu era acostumado a tirar um mês de férias todo ano. Ia para Porto de Galinha todo ano e ficava um mês plantado na beira mar, e o mundo podia desabar que eu não saía da praia. E há oito anos, eu tirei apenas duas férias curtas, e isso foi muito desgastante. Agora, por conta do susto em relação à saúde... vou mexer nessa rotina...

Praticamente trabalhando sozinho no blog, Noblat sempre teve apenas um repórter. Inclusive, no período da pesquisa, em que estávamos na sua casa, ele procurava outro profissional. Vários jornalistas já passaram pelo blog, a exemplo de Leandro Colon, Felipe Recondo, Erich Decat entre outros. Ele explica que os jornalistas se destacam e, por isso, são requisitadas por veículos impressos como os jornais O Globo, o Estado de São Paulo e a Folha São Paulo. “Eu não tenho cacife para reter esse pessoal... Sempre pego gente para formar e perder. Nem diria ‘formar direito’, porque não dá tempo...”

Além de um repórter, Noblat trabalha ainda com um moderador de comentários. Nesse momento, ele se mostra muito enfático em explicar a importância desse moderador, já que o blog não tem nenhum mecanismo de bloqueio automático. Todos os comentários entram no ar e são retirados pelo moderador se ferir as “Regras do blog”[7] -- exposta no topo da página do lado direito com as seguintes indicações:

1 - Para comentar no Blog do Noblat, é preciso estar cadastrado no Globo Online.
2 - Ao cadastrar-se, você poderá informar, além do seu nome completo, um apelido que poderá usar para escrever comentários no Blog do Noblat e nos demais blogs do Globo Online.
3 - Sempre que comentar no Blog do Noblat - assim como nos demais blogs do Globo Online -, você poderá optar por assinar seu comentário com seu nome completo ou com o apelido que escolheu.
4 - A publicação do seu email junto com o seu comentário também é opcional.
Serão eliminados do Blog do Noblat os comentários que:

1 - Forem escritos em caixa alta (letras maiúsculas);

[7] Fonte: http://oglobo.globo.com/pais/noblat/RegrasDoBlog.asp

2 - Configurem qualquer tipo de crime de acordo com as leis do país;

3 - Contenham insultos, agressões, ofensas e baixarias;

4 - Estejam repetidos na mesma ou em notas diferentes;

5 – Reproduzam, na íntegra, notícias divulgadas em outros meios de comunicação;

6 - Reúnam informações (e-mail, endereço, telefone e outras) de natureza nitidamente pessoais do próprio ou de terceiros;

7 - Contenham links de qualquer espécie;

8 - Contenham qualquer tipo de material publicitário ou de merchandising, pessoal ou em benefício de terceiros.

A publicação de comentários será permanentemente bloqueada aos usuários que:

1 - Insistirem no envio de comentários com insultos, agressões, ofensas e baixarias;

2 - Insistirem no envio de comentários em caixa alta (letras maiúsculas);

3 - Prestarem informações falsas ou inconsistentes em seus cadastros no Globo Online;

4 - Cadastrarem-se no Globo Online informando nomes falsos ou apelidos no campo "nome completo";

5 - Criarem múltiplos cadastros no Globo Online Avisos:

1 - Blog não é chat. Respeitadas as regras, é livre o debate dos assuntos aqui postados. Pede-se, apenas, que o espaço dos comentários não sirva para bate-papo sobre assuntos de caráter pessoal ou estranhos ao blog;

2 - Ao postarem suas mensagens, os comentaristas autorizam o titular do blog a reproduzi-los em qualquer outro meio de comunicação, dando os créditos devidos ao autor;

3 - A tentativa de clonar nomes e apelidos de outros usuários para emitir opiniões em nome de terceiros configura crime de falsidade ideológica.

As postagens de conteúdos para além de política como cultura, artes, artigos e humor, Noblat conta com o apoio da historiadora Maria Helena Rubinato Rodrigues, que além de fazer as seções[8] “Obra Prima do Dia”, contendo relato histórico com fotografias de monumentos, objetos de artes ou pintura; a “Música do

[8] Seção é uma parte de uma página dentro do site ou blog.

Dia", um podcast[9] com uma ou duas canções nacional ou internacional de gêneros musicais variados, e a "Hora do Recreio", postagem de algum vídeo de cantores (as) da Música Popular Brasileira (MPB) ou internacional. Maria Helena também ajuda na clipagem durante a madrugada e posta os artigos dos colaboradores do blog. Ela tem uma planilha com os nomes e os dias da semana que cada articulista vai publicar o material. Embora a escolha do colaborador seja do próprio Noblat, Maria Helena é a responsável pela condução da postagem de conteúdo de cada um deles.

Os articulistas são distribuídos da seguinte forma:

* Domingo: Gaudencio Torquato, jornalista, professor, consultor político; Mary Zaidan, jornalista; Marcos Coimbra, sociólogo e presidente do Instituto Vox Populi (também escreve na quarta-feira) e Luis Fernando Veríssimo, escritor e jornalista (também escreve na quinta-feira).

* Segunda-feira: Edgar Flexa Ribeiro, educador, radialista e presidente da Associação Brasileira de Educação; Téta Barbosa, jornalista e publicitária; Elton Simões, administrador de empresa; Mariana Caminha, jornalista e Leonardo Boff, teólogo e filósofo.

* Terça-feira = Gisele Teixeira e Antela Feijó, ambas jornalistas.

* Quarta-feira: Demóstenes Torres, procurador de Justiça e senador (DEM/GO); Tamine Maklouf, jornalista, e Bruno Lima Rocha, cientista político.

* Quinta-feira: Arthur Virgílio, diplomata e ex- líder do PSDB no Senado, e Murillo de Aragão, cientista político.

* Sexta-feira: Melissa de Andrade e Sandro Vaia, ambos jornalistas, e José Dirceu, advogado, ex-ministro da Casa Civil.

* Sábado: Vitor Hugo Soares e Ruy Fabiano, ambos jornalistas, e Cristovam Buarque, professor da UnB e senador pelo PDT-DF.

Nesse momento, começamos a instigar a entrevista de modo muito sutil, ao questionar a escolha de Noblat por determinados articulistas, a exemplo de José Dirceu, membro do Diretório Nacional do PT, ex-Ministro-Chefe da Casa Civil da Presidência da República, de 2003 a 2005. Dirceu deixou o Governo acusado pelo então deputado federal, Roberto Jefferson (PTB-RJ), de ser o mentor do Escândalo

[9] Arquivo de áudio digital, frequentemente em formato MP3 ou AAC (este último pode conter imagens estáticas e links).

do Mensalão[10]. Depois de retornar à Câmara dos Deputados para se defender, Dirceu teve seu mandato de deputado federal cassado no dia 1º de dezembro de 2005, tornando-se inelegível até 2015. Outro articulista do blog é o senador Demóstenes Torres (DEM/GO), que, ao longo de nove anos no Congresso Nacional, notabilizou-se por combater a corrupção no País. Foi presidente da Comissão de Constituição e Justiça do Senado em 2011 e, desde o dia 29 fevereiro de 2012, a Polícia Federal revelou, conforme as investigações da Operação Monte Carlo[11], que há ligações entre o senador Demóstenes e o empresário de jogos clandestino, Carlos Augusto Ramos, conhecido como Carlinhos Cachoeira[12].

Noblat se apresenta na defesa quanto à escolha desses articulistas de modo a não polarizar a questão. Alega que José Dirceu representa uma corrente de opinião expressiva dentro do PT e é uma pessoa polêmica "amada por uns e odiada por outros. Isso é importante para que o blog seja plural, tenha várias correntes de opinião". Faz questão de ressaltar que não é amigo de José Dirceu e o convidou para escrever para o blog exatamente por conta desse contraste de opiniões. Explica que isso se aplica também ao senador Demóstenes Torres[13].

Aproveitamos a questão para também questionar se ele tem preferência por algum partido político ou opção por determinada linha ideológica. Ricardo Noblat emplaca uma resposta de imediato, explicando que jornalista não pode ter partido. Pode votar como cidadão, mas sem ter alinhamento automático com agremiações políticas.

Ao ser abordado sobre a importância da notícia, ele explica que "tudo que for relevante na política, especificamente, eu tento dar". Ainda que o conteúdo não tenha sido produzido por ele, o material é publicado com os créditos devidos. Para ele, o mais importante é que o blog seja conhecido como um espaço onde o internauta pode encontrar tudo de importante que aconteceu ou que está acontecendo na política. Consolidar o Blog do Noblat como uma referência nessa área é o propósito. Ele tem consciência de que isso só pode acontecer se ele usar material produzido por outros sites e blogs, já que sua equipe é restrita. "Jamais

---

[10] Esquema de compra de votos de parlamentares. Crise política sofrida pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2005/2006.

11 Operação que desarticulou a organização que explorava máquinas de caça-níqueis no Estado de Goiás por 17 anos, negócios em Brasília e outros estados da federação.

[12] Pivô do escândalo que ficou conhecido como "máfia dos caça-níqueis" em Goiás, em 2004.

[13] É importante registrar que, nessa época da entrevista, novembro/2011, não tinha sido divulgado o envolvimento do senador Demóstenes Torres com o contraventor, Carlinhos Cachoeira.

posso ter a pretensão de, sozinho, apurar tudo e concorrer com redações inteiras formadas".

Além da clipagem de jornal durante a madrugada, é também nesse horário que Noblat faz uma seleta triagem dos muitos emails que ele recebe com indicações de pauta. Ele explica que esta é uma das razões para ele dormir muito tarde: ler todos os emails. Nesse momento da entrevista, dá uma risada e diz: "nunca vi ninguém mandar notícia boa por email". E quando o assunto é selecionar conteúdos, explica que algumas sugestões de pauta dos internautas nos comentários do blog rendem boas matérias. No entanto, as indicações do público na rede social Twitter são mais aproveitadas, achando que isso acontece em função da interação com o leitor.

O jornalista deixa claro que não sabe quem é o público que lê o seu blog. Ele explica que nunca fez uma pesquisa nessa área. Antes de começar a usar o Twitter, Noblat tinha a impressão de que as pessoas que acessavam seu blog se restringiam ao público adulto já que a temática é política. No entanto, depois que passou a usar aquele espaço como fonte de divulgação do próprio blog, percebe que existem muitos jovens interagindo com ele no Twitter e postando comentários no blog. Além de política, Noblat acredita que outras temáticas são importantes e de interesse dos internautas. Por isso, faz questão de postar matérias de economia, cultura e fatos internacionais.

Frequentemente, os assuntos mais abordados no Blog do Noblat estão voltados para temática política. No entanto, fugindo um pouco dessa linha, no dia 9 de setembro de 2010, o jornalista publica uma nota social que chama atenção exatamente por desvirtuar do contexto de assuntos de política-partidária ou cobertura especifica sobre o Planalto e o Congresso Nacional. Isso chama atenção para a pesquisa, já que uma nota com vínculos de temáticas associadas ao colunismo social parece ser um diferencial ou, até mesmo, um apontamento para se ter uma noção da importância da veiculação do conteúdo no blog independentemente da temática.

Ao ser questionado sobre essa postagem em que dizia que o secretário geral do PT, na época, o deputado federal José Eduardo Cardozo, hoje ministro da Justiça, tinha comunicado a amigos, em um jantar, que iria se casar com uma jornalista (ver Figura 2), Noblat explicou, com naturalidade, que deu a nota porque, até aquele momento (setembro/2010), ninguém tinha dito que o então deputado

havia terminado o namoro com a também deputada do PCdoB, Manuela D'Ávila. "Era o casal de ouro daqui... Isso todo mundo comentava, eu tinha tido a notícia em primeira mão de que ele já tinha acabado o namoro com a Manuela e que tava para casar com essa Sofia Krause. Por isso, dei a nota". (ENTREVISTA NOBLAT, 2011).

Nesse momento, Noblat entra numa defesa sobre esse tipo de postagem que foge um pouco do conteúdo diário veiculado no blog. Ressalta que não é uma prática do Blog do Noblat trabalhar com notas sociais, embora reconheça que muitas delas podem trazer grande audiência e que percebe que o público gosta dos "bastidores da política". Ele aproveita o momento para falar da nota que postou sobre o nome da mulher que tomava banho de mar com Chico Buarque no Leblon-RJ (2005). Conta que recebeu um telefonema de uma amiga dizendo quem era a pessoa. Checou, confirmou a informação e postou. "O blog bombou em audiência", comenta, rindo e comparando um post com o outro. Segundo ele, não corre atrás desse tipo de notícia, mas se ela chega até ele, depois de apurada, não vê nada demais em publicá-la. O jornalista diz não ter interesse nesse tipo publicação, não por preconceito, mas por considerar que não é sua vocação específica.

Nesse ponto da entrevista, ficamos com a impressão de que Noblat não gostou muito porque estávamos trazendo à discussão uma nota social. Ele desdenhava a temática ressaltando apenas que se tratava de um fato banal sobre um namoro de um deputado e que "aquilo" poderia significar, no blog, apenas uma "hora do recreio". No entanto, fez questão de ressaltar que o fato foi publicado exatamente porque ninguém tinha dado a informação até aquele momento sobre o término do namoro do então secretário com a deputada Manuela D´Ávila. Isso deu a entender que, para ele, a maior relevância na nota foi esse ponto específico, e não o novo namoro de José Eduardo Cardozo.

FIGURA 2 – Post *"Por quem bate o coração do secretário geral do PT"*.
Veiculado dia 09/09/2010[14]

Percebemos que era necessário mudar o foco da entrevista para trazer à tona uma nova temática para discussão. Começamos a questionar a relação dele com as fontes e o modo de apuração dos dados. Preservando a premissa jornalística de que é necessário ouvir várias fontes para confirmar uma informação, Noblat diz utilizar de quatro a cinco fontes, dependendo do fato que está sendo apurado. Explica que, em função da carga horária de trabalho para "alimentar" o blog, não costuma sair durante o dia para entrevistar pessoas ou "colher" informação. Faz isso muito mais por telefone e diariamente. Durante a semana, duas ou três vezes à noite, ele janta com algum político ou pessoas com que ele tem interesse em trocar informações.

Pausa para uma água, atender telefonema (da filha) e comer três rodelas de abacaxi. Nas mudanças de hábitos que Noblat precisa fazer para melhorar a sua saúde, uma delas é se alimentar a cada três horas, um regime à base de frutas, legumes, muita água, exercício físico e suspensão por completo do cigarro, vício há mais de 40 anos.

[14] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/09/03/por-quem-bate-agora-coracao-do-secretario-geral-do-pt-321606.asp

Durante a pausa da entrevista, aproveitamos para registrar, em imagens fotográficas, o ambiente das duas salas de visita do jornalista. Os registros captam alguns elementos que compõem a decoração como o Diário do Avô, posicionado em uma das mesas-centro da casa e, próximo a um dos sofás, porta-retrato dos netos exposto numa mesa de canto, acompanhado de uma prataria e luminária estilo abajur. Há, ainda algumas caixinhas de madeiras decoradas que dão um toque clássico e meio contemporâneo ao espaço. O ambiente retrata bem o lado família de Ricardo Noblat. (Ver Fotos 4 e 5).

FOTO 4 – Diário do Avô

FOTO 5 – Porta-retratos netos

Retornando à entrevista, vamos direto ao assunto sobre o post “Foda-se”, que está registrado no blog na área “Memórias do Blog” (ver Figura 3). O material faz parte do primeiro capítulo de um livro que Noblat pretende concluir até os 10 anos do blog. O título “Foda-se” (Ver Fig. 4) descreve o impacto que o próprio jornalista teve ao receber a informação, em primeira mão, por um assessor de um dos ministros do governo Lula, de que o presidente tinha usado a expressão “Foda-se a Constituição”, numa reunião com ministros e assessores para decidir o destino de um correspondente no Brasil do jornal New York Times. Na época, Noblat postou uma matéria no blog, com o título “A decisão foi de Lula. Só dele”, publicada no dia 12 de maio de 2004. Ele foi o único jornalista que veiculou esta parte da conversa do presidente com os ministros e assessores. Na abertura da matéria ele relata:

> Na reunião, ontem, em que decidiu o destino do correspondente do NYT no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva resistiu aos apelos de ministros e de assessores para que não tomasse a decisão que tomou. Todos ou quase todos que ele ouviu foram contra a cassação do visto de permanência no país do jornalista.
>
> A certa altura da reunião, um dos ministros argumentou:
>
> - Presidente, o jornalista é casado com uma brasileira. E a Constituição concede a ele o direito de ficar aqui...

A frase do ministro foi interrompida pelo comentário do presidente:

- Foda-se a Constituição. [...]

FIGURA 3 – Post “ A decisão foi de Lula. Só dele”. Veiculado dia 12/05/2004 [15]

[15] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2004/05/12/a-decisao-foi-de-lula-so-dele-16471.asp

FIGURA 4 – Post “Foda-se” publicado no Blog do Noblat dia 19/10/2009[16]

Questionado sobre sua intenção ao reproduzir a expressão “Foda-se” como título do post veiculado em outubro de 2009, Noblat ressalta que é um registro do acontecimento para memória do blog. Ele diz que, na época que fez a matéria, 12 maio de 2004, passou o dia todo esperando um desmentido do governo. Tinha certeza de que a sua fonte repassara a informação correta. No entanto, a pessoa que ele estava expondo na matéria era um Presidente da República e, mesmo o fato sendo verdadeiro, caso o Governo Federal soltasse uma nota desmentido o ocorrido, ele sabia que a sua imagem seria prejudicada.

A credibilidade de jornalista estava em pauta no momento em que ele decidiu publicar a notícia. Ele relata que passou o dia angustiado, esperando esse comunicado. E nada. Recebeu ligações de muitos editores e chefe de redação de vários jornais e revistas. Todos questionando a frase no meio do post e a sua audácia em publicá-la. Nenhum outro veículo na época republicou o texto. Todos sabiam, assegura Noblat, que a informação era verdadeira e foram apurar e checar os dados, mas nenhum veículo teve coragem de falar. Noblat credita essa atitude a falta de ousadia dos veículos que, na época, ainda eram muito tímidos para

[16] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2009/10/19/foda-se-233232.asp

“afrontar” um presidente escrevendo palavras de baixo calão, embora estas tenham sido expressas pelo próprio dirigente do país. Nesse momento, ele se torna eufórico ao defender sua postura como jornalista e enfatiza:

> O que se faz com a notícia é publicar. Não é pra jogar no lixo. É arriscada essa profissão? É. Mas você tá nela. Se não quiser, saia. Mas se tiver nela é pra correr risco. O risco de saber que eu tava publicando uma mentira era zero. O risco de ser desmentido era total. .poderia acontecer...passei o dia todo esperando o desmentido...e com medo do desmentido...porque se tivesse o desmentido, eu publicaria o desmentido e reafirmaria... portanto, chamaria o presidente de mentiroso, claro. Porque aí não dava pra publicar um desmentido sabendo que não era mentira e ficar calado...

O impacto com que esse material repercutiu em termos de audiência -- ele lembra que o blog “aconteceu” de fato depois desse episódio -- foi decisivo para que ele escolhesse essa temática e o título “Foda-se” para narrar a memória do blog no livro que está sendo produzido aos poucos.

Instigando novamente a entrevista, questionamos sobre a liberação de um espaço no blog, hierarquicamente destinado a ele como autor, para que o seu filho, André Noblat, publicasse um artigo respondendo uma série de críticas que estavam sendo feitas na área de comentários do blog em relação às matérias que ele (Ricardo Noblat) estava veiculando sobre a Lei Rouanet[17]. Nesse momento, Noblat começa a responder, de forma bem branda, e vai alterando a voz na medida em que percebe que deve ser mais enfático sobre o assunto. Esclarece que liberou o espaço para o filho, porque ele precisava responder as “agressões” dos internautas que estavam usando a área destinada a comentários para falar sobre ele, o André. O filho dele se posicionou a favor da Lei e gostaria de responder isso aos internautas. (ver Figura 5)

[17] Lei Rouanet (Lei Federal 8.313). Foi assinada, em 1991, e permite às empresas patrocinadoras um abatimento de até 4% no imposto de renda, desde que já disponha de 20% do total já pleiteado. Para ser enquadrado na lei, o projeto precisa passar pela aprovação do Ministério da Cultura, sendo apresentado à Coordenação Geral do Mecenato e Aprovado pela comissão Nacional de Incentivo à Cultura.

FIGURA 5 - Post *"Meu nome é André Noblat. Ricardo é outra pessoa"*.
Veiculado dia 19/03/2011[18]

Sobre esse fato, especificamente, Noblat ressalta que tudo começou quando ele fez um post (ver Figura 6) debochando da cantora Maria Bethânia que estava captando recursos no valor de R$ 1,3 milhões, através da Lei Rouanet, para criação de um blog, *O mundo precisa de poesia*.

[18] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/03/19/meu-nome-andre-noblat-ricardo-outra-pessoa-368900.asp

FIGURA 6 - Post *"Economize dinheiro..."* Veiculado dia 17/03/2011[19]

Ele abriu espaço, então, para que os internautas publicassem vídeos com poemas, ressaltando o post com o título "Economize dinheiro do governo. Mande um poema". Ele diz que a participação do publico foi grande, mas não sabe precisar o número de pessoas. Outros veículos também fizeram matérias sobre a temática e Noblat publicou algumas. Os comentários no blog começam a confrontar Noblat, insinuando que ele tinha "telhado de vidro" já que o seu filho, André Noblat, fora contemplado com recursos da Lei Rouanet.

Questionamos sobre a relação pai e filho com a postura profissional. Noblat ressalta, enfaticamente, que diante de situações como essa, em que existe um embate de pessoas querendo atingi-lo, direcionando os "ataques" para seus filhos, ele toma sempre uma postura profissional jornalística. Explica que é importante dar satisfação ao leitor. É importante abrir um parêntese nessa parte do texto para ressaltar que, em todos os momentos da entrevista, Noblat está sempre considerando a pessoa que navega em seu blog como público ou leitor, e nunca se refere a ele como internauta ou blogueiro. Nesse momento, ele fala sobre as críticas que os internautas fazem no seu blog e que, excetuando palavrões ou difamação criminosa contra ele ou qualquer pessoa citada na matéria, todo material é liberado e

19 http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/03/17/economize-dinheiro-do-governo-mande-um-poema-368944.asp

registrado na área de comentários. Quando enfatizamos sobre a importância em dar satisfação ao leitor, ele diz:

> Sempre que eu respondo, eu me sinto sempre como jornalista...e antes de ser jornalista, a gente tem que dar satisfação ao público...a gente é uma raça muito prepotente, soberba...jornalista detesta ter que dar explicação à sociedade... até um dia desses, detestava o próprio o leitor [...].
>
> Até um dia desses, o telefone tocava numa redação, o jornalista pra atender...ir ao leitor...'o chato leitor está ligando'...era isso que eu ouvia na redação a vida inteira. Hoje, tá todo mundo correndo atrás do leitor, porque se não correr atrás dele, tá roubado [...].

Nesse momento, ele começa a explicar que o filho dele, André, pediu para publicar o artigo justificando que não era contra a Lei Rouanet, mas acha que ela deve servir melhor, principalmente para os artistas novos. E para não parecer que ele estava tendo o mesmo privilégio que a cantora Maria Bethânia, era necessário explicar. "Então eu disse: escreva André. E vamos publicar". Em função da especificidade desse tema, que envolve a relação profissional do jornalista Ricardo Noblat com a sua família, esta temática será mais bem detalhada no quarto tópico deste trabalho.

A temática agora é a relação do jornalista Ricardo Noblat com o jornal O Globo. A resposta dele foi direta:

> Sou pessoa jurídica. O Globo me contratou para colocar o blog no portal do jornal. [...] No contrato com o jornal, a responsabilidade do conteúdo é minha...Tanto que quem me defende de algum processo são advogados que eu pago, e não d e O Globo. Eu sou responsável pelo conteúdo tanto pro bem como pro mal;...eu faço como quero... em compensação, eu arco com as consequências disso.

Tão logo respondeu a questão, começou a explicar sobre o compromisso dele como profissional e disse ter a plena consciência de que, apesar de ter liberdade para postar qualquer conteúdo, não faria nenhuma publicação que "esculhambasse" o jornal O Globo.

Começamos a falar sobre o jornalismo em blog e em outros meios de comunicação. Ele levanta a bandeira do jornalismo sério (não sisudo), aplicando as mesmas técnicas para o texto impresso, internet, blogs ou sites, na TV ou no rádio. O cuidado é o mesmo. Consultar várias fontes, apurar dados e checar a informação.

A diferença, ele explica, está no modo como cada jornalista escreve o texto. Diz não conhecer nenhum código de ética de jornalismo em blog. Acha que qualquer código de ética descente que exista em qualquer empresa jornalística, no jornal, na TV ou no rádio, pode ser o código de ética do blogueiro.

Sobre a produção de texto, ele diz que no caso do blog, há uma liberdade para se expressar conforme cada um deseja. Não necessariamente seguindo regras textuais apreendidas e aplicadas como no jornalismo de impresso:

> Não acho que o leitor seja tão burro que eu tenha que dizer 'olha, aqui é só notícia... aqui é só opinião...o leitor sabe quando estou dando notícia, quando estou fazendo análise, quando estou dando opinião. E como não tem ninguém pra me dizer 'você não pode fazer', eu faço.

A partir de então, ele começa a fazer ênfase sobre as cobranças dos internautas em relação à opinião dele. Ressalta que o leitor quer opinião de todos os blogueiros, não apenas dele, e que isso acontece, porque existe uma necessidade de confrontar ideias, pensamentos. "Eu não quero caracterizar o meu espaço tentando fazer a cabeça das pessoas ou tentando trazer as pessoas para o meu lado...não...eu quero que seja um espaço somente de informação."

Explica que sua opinião está baseada naquilo sobre o qual ele tem mais conhecimento. Como não se sente conhecedor de todas as coisas, faz comentários ou artigos de assuntos nos quais se sente mais à vontade para opinar.

> Na hora de opinar, eu escolho temas que eu tenho mais segurança... que tenho uma opinião mais sólida sobre aquilo ou que eu tenho uma observação a acrescentar [...].
>
> [...] quando eu escrevia no jornal do Brasil, que substituía o Castelinho (Carlos Castelo Branco), Abreu Sodré, na época, era ministro das Relações Exteriores (1986-1990)... ele dizia 'mas Noblat é incrível...eu leio você na segunda-feira e você não tem nada a ver com essa pessoa doce e educada que você é. Na segunda-feira você é um incendiário...é irreconhecível...'

Durante os oito anos do blog, Noblat diz que não consegue apontar qual o material mais relevante produzido e publicado por ele. Mas cita um que, em sua opinião, fez um diferencial muito grande na imprensa nacional. A cobertura do caso

Francenildo, o caseiro, e a queda do ministro Palocci, em 2006.[20] Ele diz que foi o blog "sem nenhuma modéstia" que contribuiu para desvendar uma série de informações inverídicas e contraditórias em relação aos fatos que foram publicados na imprensa. Ressalta que o trabalho do blog nessa cobertura foi muito relevante.

Fala com prazer de um especial produzido durante os 50 anos da morte de Getulio Vargas, em 2004[21]. Ele fez, como se o blog existisse naquele período, em 1954. Pediu artigos a vários escritores e intelectuais como Millôr Fernandes, Jânio de Freitas, Rui Mesquita. Todos escreveram para o blog, como se estivessem no dia 24 de agosto de 1954. Além de emocionante, Noblat diz que o material ficou uma pesquisa histórica.

Outra pausa para atender a um telefonema. Aproveitamos para fazer novos registros fotográficos.

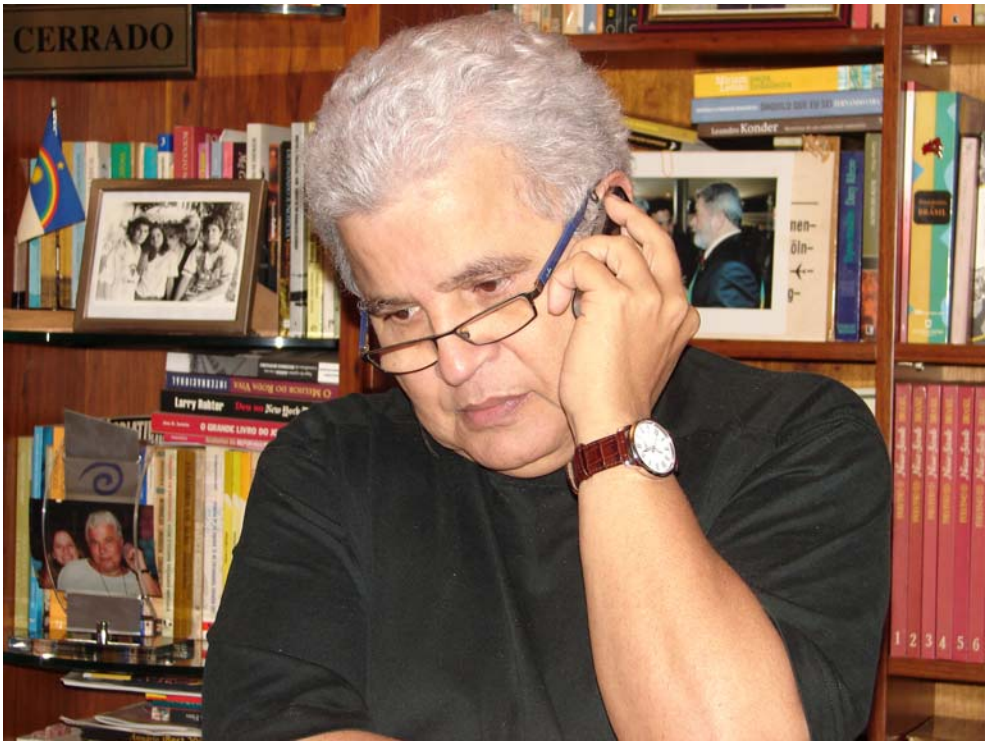


FOTO 6 – Ricardo Noblat apurando informação pelo telefone

[20] O caso Francenildo Santos Costa, também chamado de 'Escândalo da quebra do sigilo bancário do caseiro', aconteceu durante o governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 2006. O caseiro Francenildo divulgou ter visto o então Ministro da Fazenda, Antonio Palocci, frequentando, em Brasília, uma mansão para reuniões de lobistas acusados de interferir em negócios de próprio interesse no governo Lula, para partilhar dinheiro e abrigar festas animadas por garotas de programa. O ministro Palocci foi demitido pelo presidente Lula depois de ser divulgado que aquele solicitara a quebra ilegal do sigilo bancário do caseiro Francenildo.

[21] Ler todo especial no Blog do Nobalt pelo link: http://oglobo.globo.com/pais/noblat/?a=672

FOTO 7 – Ricardo Noblat demonstrando cansaço

Depois de alguns minutos e já dando sinais de cansaço, Noblat retorna ao mesmo sofá em que estávamos conversando e diz que está tudo bem e quer continuar a entrevista. Nesse momento, começamos a falar sobre o jornalismo de hoje. Ele fica animado. (ver Fotos 7 e 8)

FOTO 8 – Ricardo Noblat reanimado

Começa por dizer que jornalismo é uma prestação de serviço e que há, sempre, uma confusão entre o que é “interesse público” do que é “interesse do público”. Em sua opinião, o jornalismo de hoje se rende muito mais ao interesse do público. Ele diz que sabe fazer a distinção entre uma coisa e outra e cita, como exemplo, o câncer do ator Reynaldo Gianecchini.

> Gianecchini com câncer é interesse público. Ele é um artista, uma pessoa conhecida...e, portanto, é uma notícia que interessa às pessoas. Gianecchini reatando com a Marilia Gabriela é interesse do público. Se eu faço uma distinção entre uma coisa e outra, há espaço...mas uma informação é menor, e a outra é maior, mais relevante.

Diz que os jornais populares hoje estão menos “apelativos”. Já teve épocas que faziam o “jornalismo de sangue”. Hoje, segundo Noblat, “apelam” para as cores, mas não mais para crimes. Pelo menos alguns deles. Cita o jornal Extra do Rio e o Super Notícia, em Belo Horizonte como exemplos. Diz ainda que o jornalismo online não está definido no seu modo de fazer, e o conteúdo ainda é reproduzido como o impresso. “A mesma linguagem, o mesmo padrão, a mesma técnica de

apresentação da matéria...quando online é outra coisa completamente diferente. Você pode fazer um texto desestruturado, mais coloquial, mais desregrado...”

Questionando sobre o tratamento e a forma como ele conduz seus textos. Ele sinaliza que, em seus 44 anos de profissão, escrevendo sobre as mesmas coisas, há uma linha, uma coerência na produção textual. Atribui isso à leitura de bons livros e à escolha de escritores. Nesse momento, ele demonstra certo marasmo sobre essa vivência prolongada e diz que pensa em parar daqui a alguns anos.

> ... porque é tudo igual... tudo a mesma coisa...o que escrevi sobre política há 8 anos é a mesma coisa... os personagens se repetem...os maus feitos, como prefere Dilma (presidente Dilma Rousseff), se repetem...não tem mais nada de original.

Chegando quase ao final da nossa entrevista, algumas opiniões sobre assessoria de imprensa, por exemplo. Ele ri e diz não ter nada contra assessoria “apenas acho que não é jornalismo”. Mesmo usando todas as técnicas do jornalismo, Noblat entende que o jornalismo, de forma bem simplificada, é um ofício que se faz para o bem ou para o mal, e a postura do assessor é sempre de defesa do seu cliente.

Quando questionado sobre sua preferência entre jornalismo online ou impresso, foi categórico: o impresso. E sobre a função de ser jornalista ou colunista? “Só sou jornalista...posso tá no exercício da função de colunista, na função de repórter, de redator, de editor, do que seja...mas, sou apenas jornalista.”

Com o adiantado da hora (já passava das 20h), chovia muito, e Noblat precisava jantar e descansar um pouco. Percebemos que era o momento de encerrar a entrevista. Ele se colocou à disposição para nos receber no outro dia, caso fossem necessárias mais informações. Lembrou que poderíamos também tirar qualquer dúvida por email. (Chegamos a fazer isso umas duas vezes, depois de ouvir todo o áudio). Na hora da despedida, ficamos sem jeito. Afinal, não tinha como agradecer aquele precioso tempo de um profissional que respira, come e dorme jornalismo. Mas fizemos.

2 O AUTOR FAZ O SEU ESTILO

Depois de sermos, literalmente, apresentados a Ricardo Noblat, na entrevista concedida em sua casa em Brasília, é preciso trazer à tona teorias que ajudem a interpretar o Blog do Noblat. Naturalmente, um contato direto e acessível ao jornalista facilita a compreensão das rotinas produtivas do blog e também nos impulsiona a compreender como o Blog do Noblat é uma espécie de “coroação” da trajetória jornalística de Ricardo Noblat, acentuando seu estilo e compondo marcas autorais notadamente reconhecidas no campo de produção do jornalismo.

Neste capítulo, vamos apresentar alguns elementos que caracterizam e parecem personificar um autor e o estilo que este determina. De modo especifico, faremos um levantamento de algumas definições de estilo e autor, noções que têm um marco teórico nas teorias do autor, na literatura, nas artes plásticas, no cinema e, consequentemente, no jornalismo. A ideia aqui é ressaltar o estilo jornalístico como um dos construtores da noção de autoria.

Em função da complexidade do assunto, algumas definições sobre a temática buscam examinar a hipótese corrente de que o jornalista Ricardo Noblat está contribuindo na categorização de um estilo para o jornalismo em blog, a partir das escolhas de suas publicações. Essa categorização está fundada na produção e veiculação dos textos na forma verbal, visual ou audiovisual no blog em estudo e suas consequentes implicações no fazer jornalístico no ciberespaço. Este estudo contribui para melhor entendimento da análise do objeto.

2.1 AUTORIA E ESTILO

Definir “estilo” não é uma tarefa fácil. A palavra é derivada do latim *stilus,* e significava um instrumento para escrever em tábuas de cera. Dessa noção de “inscrição” em tabuas de cera, evoca-se a ideia de uma marca, de um rastro, um vestígio. Vestígio de alguém que “inscreveu” ali e deixou a sua marca. É desta construção de uma marca pessoal que a noção de estilo pode ser compreendida a partir das linguagens. Os dicionários recorrem à definição do termo traduzindo a existência de uma maneira particular de escrever, de exprimir o pensamento. Desta personalização de um estilo, parte-se, também, para uma dimensão coletiva do termo. Estilo pode ser também um conjunto das qualidades características de uma

época: o estilo romântico, por exemplo. Ainda se encontra o significado de estilo aliado a um modo de vida, procedimento, atitude a maneira de ser de uma pessoa ou uso, costume, hábito, modo: “vestir segundo o estilo de uma época”.

No *e-dicionário de Termos Literários* de Carlos Ceia (Online)[22], o significado de estilo é proporcional à variedade de processos de criação literária com variantes como:

> (1) *estilo de autor*, quando se identificam certos rasgos linguísticos que são únicos num dado indivíduo;
> (2) *estilo de época*, quando um dado período da história literária impôs um modo de escrever muito codificado e segundo normas colectivas, falando-se, neste caso de estilo clássico, maneirista, barroco, romântico etc.;
> (3) *estilo de uma obra*, quando nos referimos ao modo literário que um dado texto apresenta (lírico, narrativo ou dramático);
> (4) *estilo temático*, quando uma dada obra se concentra em temas específicos (políticos, filosóficos, religiosos, jornalístico, históricos, etc.);
> (5) *estilo qualificado,* quando se opta por dar uma determinada ênfase ao discurso (neste caso o estilo pode ser diplomático, sarcástico, ironico informativo ou objectivo, humorístico etc.);
> (6) *estilo localizado*, quando falamos de um modo de comunicação verbal próprio de uma comunidade linguística geograficamente localizada (estilo ático, dórico, flandrino, parisino, paulista etc.). (CEIA, Online).

Na definição de estilo por Harry Shaw, que consta do seu *Dicionário de Termos Literários* (1982), o sentido do termo está mais próximo dos estudos linguísticos. A definição ratifica a ideia de estilo associada à “expressão individual”, caracterizando uma visão voltada para estilística (estudo do estilo), ou seja,

> se considerarmos estilo significando os maneirismos e processos característicos dum determinado escritor, então poderemos falar do estilo pomposo do Dr. Johnson, do estilo caprichoso de Charles Lamb, do estilo alusivo de T.S. Elliot, do estilo sóbrio de Ernest Hemingway, etc. A maioria dos críticos está, no entanto, de acordo em que aquilo que alguém diz, a maneira como o diz são elementos básicos do estilo. Podemos então considerar o estilo como sendo a marca (influência) da personalidade do escritor na matéria por ele versada. (SHAW, 1982, p. 187-188).

[22] http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1029&Itemid=2

O sentido original da palavra ‘estilo’ vem da retórica antiga, especificamente da *Retórica* de Aristóteles, seguida por *De oratore* de Cícero, por *Institutio oratoria* de Quintiliano e pela *Ars poetica* de Horácio (SANTAELLA, 2007).

> Em Aristóteles, considerada como a arte da oratória ou da fala pública, a retórica tinha duas finalidades interligadas: a arte da persuasão, dirigida para o efeito que o discurso tem sobre a audiência, e a eloquência, voltada para a forma e estilo de sua composição. (SANTAELLA, 2007, p. 55).

No século XVIII, a referência às grandes questões do estilo é ainda estabelecida pela retórica antiga. De um lado Platão, apresenta uma face romântica do estilo como indicação da retórica, algo divino, subordinado à verdade geral e à inspiração psicológica. Numa outra visão, Aristóteles ressalta que o estilo é “ornamento” que pode ser apreendido e pesquisado nas figuras de linguagem produzidas e nos efeitos psicológicos e estéticos. O romano Quintiliano apresenta três espécies de excelência para o estilo: correção, clareza e adorno. Em outro momento, acrescentou ainda a “adequação ao contexto” (SANTAELLA, 2007).

Lucia Santaella (2007) observa que a dependência nos moldes clássicos sobre o estilo continuou durante o Renascimento (fins do século XIII e meados do século XVII), no entanto, a preocupação maior era com a poética, ou seja, a beleza e a ostentação da linguagem suplantaram a retórica. É importante ressaltar que os tratados de retóricas tinham estabelecidos três tipos de estilo: *stilus humilis* (simples), *o stilus mediocris* (moderado), e o *stylus gravos* (elevado ou sublime).

Já no final do século XVI, Montaigne e Ben Johnson (*apud* COMPAGNON, 2001) identificaram o estilo com o próprio homem, e Robert Burton declarou, na sua obra *Anatomia da melancolia (1621),* que “o estilo anuncia (manifesta, revela) o homem”. Mesmo com o domínio da retórica clássica, ainda no século XVIII, uma das ideias retomada de Quintiliano é a de que o “estilo é a vestimenta do pensamento”. A obra referência desse período foi de Buffon (*DISCOURS SUR LE STYLE, 1753)* em que aparece a famosa afirmação “o estilo é o homem mesmo”. Este pensamento fora antecipado por Montaigne, Ben Johnson e Burton já indicando uma concepção romântica de estilo.

Para o estudioso das teorias da literatura Antoine Compagnon (2001), o termo ‘estilo’ é confuso em seu uso moderno. Ele pode significar ao mesmo tempo a “individualidade”, ou seja, a singularidade de uma obra, a necessidade de uma

escritura, assim como uma “classe”, uma escola (uma família de obras), um gênero (a exemplo da família de textos situados historicamente), um período (o estilo Luís XIV), um arsenal de procedimentos expressivos, de recursos a escolher. O estilo remete, ao mesmo tempo, a uma *necessidade* e a uma *liberdade*. Esse dualismo estimula um conflito de interesses, e é isso que torna o termo ambíguo. O pesquisador ressalta que, desde Aristóteles, entende-se o estilo como um ornamento formal, definido pelo *desvio* em relação ao uso neutro ou normal da linguagem.

Em seu estudo, Compagnon (2001) faz uma análise sobre o termo e apresenta alguns elementos significativos que abrangem os aspectos da noção do estilo verbal e não verbal.

> a) *O estilo é uma norma*. O valor normativo e prescritivo do estilo é o que lhe está associado tradicionalmente: o “bom estilo” é um modelo a ser imitado, um cânone. Como tal, o estilo é inseparável de um julgamento de valor.
> b) *O estilo é um ornamento.* Essa ideia está associada à retórica de Aristóteles de acordo com a oposição entre as coisas e as palavras (*res e verba);* ou entre às duas primeiras partes da retórica, relativa às ideias *(invento e dispositivo)* e a terceira, relativa à expressão através das palavras (*elocutio).*
> c) *O estilo é um desvio.* Variação estilística. (variação das palavras para dar uma forma mais elevada). Ainda existe a elocução clara ou baixa (ligada aos termos próprios) e a elocução elegante (estimulando um espanto, o que tornaria a linguagem agradável).
> d) *O estilo é um gênero ou um tipo.* Segundo a antiga retórica, o estilo, enquanto escolha entre os meios expressivos, estava ligada a noção de *aptum* ou de conveniência (Tratado do estilo de Demétrio, por exemplo). (COMPAGNON, 2001, p.168 e 169).

Entre os elementos apresentados acima, o estudioso chama atenção específica para os traços do estilo, desde o período de Aristóteles, como inseparáveis. São eles: ornamento e desvio. Este primeiro se entende como ornamento formal, definido pelo desvio em relação ao uso neutro ou normal da linguagem. Há então uma intenção proposital entre as coisas e as palavras e existe também uma variação das palavras para apresentar uma forma elevada ou eloquente do que se diz sobre as coisas. O estudioso apresenta algumas posições binárias bem conhecidas que decorrem da noção de estilo:

> são fundo e forma, conteúdo e expressão, matéria e maneira. Como principio de todas essas polaridades está naturalmente o dualismo

> fundamental linguagem e pensamento. A legitimidade da noção tradicional de estilo depende desse dualismo. O axioma do estilo é, pois, este: *há várias maneiras de dizer a mesma coisa,* maneiras que o estilo distingue. (COMPAGNON, 2001, p. 168).

Os tratados de retórica distinguiam tradicionalmente três tipos de estilo: o *stilus humilis* (simples), o *stiulus mediocris* (moderado), e o *stilus gravis* (elevado ou sublime). Essa tipologia dos três tipos de estilos, divulgada desde então com o nome *rota Virgilii,* "roda de Virgílio", estabeleceu-se por um longo período, por mais de mil anos. Compagnon ressalta que ela corresponde a uma hierarquia (familiar, média, nobre) que engloba o fundo, a expressão e a composição, e que o escritor e ensaísta francês Michel de Montaigne[23] faz uma transgressão dessa formatação de modo deliberado, escrevendo sobre assuntos "medíocres" e, às vezes, "sublimes" no estilo "cômico e privado" das letras e da conversação.

Essa ruptura serviu, de certa forma, para abrir possibilidades ao questionamento, à dúvida e às alterações do modo como se estabelece um estilo de produção textual. Melhor dizendo: os três tipos de estilos, além não de excluírem uma análise estilística mais detalhada, tornam mais precisas as características próprias do estilo de cada um, em particular dos poetas e oradores considerados como modelos de estilo; "mas essas diferenças estilísticas nem por isso são consideradas como expressão de individualidades subjetivas". (COMPAGNAN, 2001, p. 170).

Ao se entender que o estilo é propriedade do discurso, há um código de expressão instituído. Isso caracteriza que o estilo está ligado a uma escala de valores e a uma determinação. O estilo, então, apresenta duas vertentes: *objetiva* (como código de expressão) e *subjetiva* (como reflexo de uma singularidade). O termo designa, ao mesmo tempo, a diversidade infinita dos indivíduos e a classificação regular das espécies. É nesse contexto que a concepção moderna, herdada do romantismo, associa o estilo ao *gênio* (a pessoa), muito mais do que ao *gênero* (considerando que a origem histórica da noção de estilo é a de *genus dicendi*, esboço rudimentar de uma classificação genérica do principio da tripartição clássica dos estilos: simples, médio, elevado). Nesse contexto, o romancista e

[23] Obras em português Michel de Montaigne: *Ensaios*, São Paulo: Martins Fontes, 2000/2001, trad. Rosemary Costhek Abílio. Em três volumes. E *Ensaios*, Madri: Abril Cultural, 1942, tradução de Sérgio Milliet, publicada também pela Editora da UnB/Hucitec, 2. ed. 1987.

ensaísta Marcel Proust, por ocasião da revelação estética da obra romanesca *O Tempo Redescoberto (1927),* explica que o "estilo para o escritor tanto quanto para a cor para o pintor, é uma questão não de técnica, mas de visão". (PROUST, 1927/1989, p. 474). Pode-se compreender, então, a transição para uma definição do estilo como visão singular, marca do sujeito na sua fala, na produção textual.

O estilo entra na seara das artes plásticas, a partir do século XVIII. E isso contribui para que ele seja mensurável, um valor de mercado. Em todos os níveis estéticos e em todos os sentidos do termo, o estilo torna-se o conceito fundamental da arte no decorrer do século XIX. Depois de assumir uma grande importância na história da arte, a noção de estilo ganha força nos estudos literários,

> sobretudo em Leo Spitzer, cujos estudos de estilo procuram sempre descrever a rede de desvios ínfimos que permitem caracterizar a visão de mundo de um indivíduo, assim como a marca que ele deixou no espírito coletivo. (COMPAGNON, 2001, p. 171).

Para resumir a visão do próprio mundo, da comunidade, *o estilo passa a ser cultura*, no sentido sociológico e antropológico que o alemão (*kultur),* o inglês e o francês deram ao termo. A noção de estilo se caracteriza por um "traço familiar", um conjunto de manifestações simbólicas. Schapiro começa seu artigo sobre estilo nestes termos:

> Por estilo compreende-se a forma constante –- e às vezes, os elementos, as qualidades e a expressão constantes -– na arte de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. O termo se aplica também à atividade global de um indivíduo ou de uma sociedade, como quando se fala de um estilo de vida ou do estilo de uma civilização. (SCHAPIRO, 1992, p. 35).

Pode-se perceber, pela generalização e fragilidade do termo 'estilo', certa dificuldade de se categorizar seu significado em função da amplitude que a palavra abrange. Para Compagnon, o estilo então é

> um conjunto de traços formais detectáveis, e ao mesmo tempo o sintoma de uma personalidade (indivíduo, grupo, período). Descrevendo, analisando um estilo em seu detalhe complicado, o intérprete reconstitui a alma dessa personalidade. O estilo, pois está longe de ser um conceito puro; é uma noção complexa, rica, ambígua, múltipla. Em vez de ser despojada de suas acepções anteriores à medida que adquiria outras, a palavra acumulou-as e

> hoje pode comportá-las todas: norma, ornamento, desvio, tipo, sintoma, cultura, é tudo isso que queremos dizer, separadamente ou simultaneamente, quando falamos de um estilo. (COMPAGNON, 2001, p. 173).

Compagnon recorre à ausência de pureza do conceito para justificar uma complexidade rica, ambígua e múltipla que o sentido estilo pede. De acordo com o estudioso, depois do desaparecimento da retórica no século XIX, a estilística herdou a questão do estilo. Seguem, então, os problemas do estilo que envolvem a coletividade e a particularidade: um lado voltado para o *socioleto,* e o outro, para o *idoleto*. O lado coletivo e deliberado do estilo tornou-se cada vez mais desconhecido, alterado para uma subjetividade da expressão de um homem. O estudioso ressalta que é Charles Bally, aluno de Saussure, em seu Compêndio de Estilística (1905), que apresentou uma ciência da estilística, separando o *indivíduo* e a *literatura,* semelhante à distância que Saussure estabeleceu para a *fala* e a *língua* (objeto da ciência linguística).

No entanto, para não deixar um dos lados do estilo desconhecido, o semiólogo e escritor francês, Roland Barthes (2000), em seu trabalho *O Grau Zero da Escritura* (*Le Degré Zéro de l´Écriture*), distingue a *língua* como um dado social e diz que o escritor deve-se reder a sua soberania e ao seu *estilo.* Como esta dualidade não é suficiente, Barthes inventa a *escritura* e, ao mesmo tempo, explica que a "língua e o estilo são forças cegas; a escritura é um ato de solidariedade histórica". (BARTHES, 2000, p. 13). Barthes (2000, p. 13) conceitua escritura ressaltando que a

> identidade formal do escritor só se estabelece verdadeiramente fora da instalação das normas da gramática e das constantes do estilo, no lugar onde o contínuo escrito, reunido e fechado inicialmente numa natureza linguística, [...] vai tornar-se finalmente um signo total [...] empenhando, assim, o escritor na evidência e na comunicação de uma felicidade ou de um mal-estar, e ligando a forma ao mesmo tempo normal e singular de sua palavra à vasta história do outro.

O escritor passou cada vez mais a analisar as formas, as estruturas e o estilo dos autores como objeto de suas análises. Barthes trabalhou ainda com a ideia de que a literatura tem de ser a subversão da forma, o logro, a trapaça da linguagem. Sem isso, não existiria obra inovadora. O pesquisador Compagnon (2001, p. 175) explica que

> com o nome de escritura, Barthes reinventou o que a retórica denominava estilo, 'a escolha geral de um tom, de um *éthos*, pode-se dizer'. Como algo que não se pudesse fugir, ele encontrou sozinho a tripartição dos *genera dicendi,* a classificação terciária dos gêneros, tipos ou maneiras de falar com a qual, durante um milênio, o estilo se identificara.

Se Barthes passou boa parte da sua vida tentando fazer renascer a retórica, que desaparecera do ensino desde 1870, é na primeira metade do século XX que renasce um grande interesse teórico e técnico pelo fenômeno do estilo, tanto na linguística quanto nos estudos literários. Neste primeiro, o domínio do estilo está para um sistema individual dentro de um código geral. Na literatura, os traços mais importantes estão ligados à figuração, à imagem (SANTAELLA, 2007). É neste período, que o tema do estilo tem um grande desenvolvimento no campo específico do saber sob o nome de estilística (herdeira legítima da retórica clássica)[24]. A estilística é uma disciplina que se ocupa dos efeitos produzidos pela linguagem que se utiliza num dado contexto e com um determinado fim. Toda análise linguística do texto literário tem marcas específicas – figura de estilo ou estruturas sintáticas, por exemplo – que auxiliam na diferenciação de um texto para o outro, o que pode apontar para uma definição bem particular de um escritor, o modo como ele se exprime literalmente.

A pesquisadora Lucia Santaella (2007) cita as principais tendências da estilística moderna, a partir do século XX, apresentadas por Birch (1994):

> 1. Estilística e computação. Usa procedimentos computacionais, matemáticos, lógicos e estatísticos por pelo menos três razões: os textos sevem como base de dados para o desenvolvimento de leis de probabilidade na língua; a autoria é investigada por meio de análise estatística dos padrões e distribuição dos traços estilísticos; e aos padrões são usados para avaliação dos méritos individuais de um texto, autor ou gênero.
> 2. Estilística impressionista. Caracteriza pela crença de que há modos alternativos de expressar o mesmo significado, e isso é explicado de modo impressionista.
> 3. Estilística estruturalista. Representada principalmente pelas correntes mais propriamente estruturalistas (ex. Charles Bally, Michael Rifaterre, Roman Jakobson) ou pelas correntes funcionalistas (ex. Michael Halliday), essa tendência da estilística propõe definições e técnicas de análise formais, rigorosas para os problemas do estilo.

[24] Para aprofundar os estudos em estilística ver bibliografia de Leo Spitzer (1928); Sebeok, (1960); Freeman (1970); Chatman (1971); Kachru e Stahlke (1972) e Bennett (1985).

> 4.Estilística pós-estruturalista. A filosofia e a teoria literária pós-estruturalistas rejeitaram as preocupações formais da linguística em prol de uma semiótica textual mais motivadora política e criticamente. O texto é considerado desconstrutivamente como um lugar ‘para produção de significados de um modo interativo e dinâmico que envolve o leitor em determinações sociais, culturais e institucionais e em muliplicidade de interpretações possíveis e análises baseadas em diferentes formações de leitura para diferentes propósitos críticos’. (BIRCH, 1994, apud SANTAELLLA, 2007, p. 59-60).

As tendências estilísticas, especificamente a pós-estruturalista, parecem sinalizar uma reflexão exaustiva sobre o modo de se pensar o estilo textual, considerando as interações e os múltiplos fragmentos das relações sociais e culturais. Isso fica claro nos principais pontos abordados acima.

Ainda assim, o estilo é importante como marca de identidade do autor. "Uma espécie de impressão digital" no dizer de Leeuwen (2005, 140-143, apud SANTAELLA, 2007, p. 62). Ainda segundo Leeuwen, há uma relevância do lado social do estilo como expressão de nossa posição, em termos de categorias como classe, gênero, idade, relações sociais, atividades e papéis que desempenhamos.

A maneira de uma pessoa se expressar sempre sugere uma relação entre “estilo e personalidade”, “estilo e individualidade”. Para a pesquisadora Beth Brait (2005), que estuda o conceito em Bakhtin, o estilo pode ser pensado em função do texto e de suas formas de organização em relação às possibilidades oferecidas pela língua, estendendo-se a textos não necessariamente literários ou poéticos. Nesse sentido parece haver uma relação direta e quase que obrigatória na intenção do autor quando produz o conteúdo onde ele próprio se “mostra” nessa produção.

Voltando à análise do pesquisador Compagnon (2001), ele apresenta uma discussão instigante no tocante ao “clamor contra o estilo” em que Roland Barthes, mais uma vez, não denunciava o estilo da estilística, mas reinventava paralelamente o estilo da retórica. Contudo, com o crescimento da linguística, o estilo fica com imagem de descrédito, baseado na possibilidade da sinonímia, ou seja, “há várias maneiras de se dizer a mesma coisa”. Neste caso,

> dois termos nunca têm exatamente a mesma significação, duas frases nunca têm totalmente o mesmo sentido. Consequentemente, o estilo, esvaziado de substância, seria nulo ou mal recebido, e a estilística é condenada a fundir-se na linguística. (COMPAGNON, 2001, p. 177).

Adentra-se numa seara complexa do debate sobre o “fim do estilo”, apontado por Santaella (2007), numa análise associada ao conceito de “morte do autor”, temática abordada por Roland Barthes (1984) e Michel Foucault (1970/1981/2001/2002), entre outros. De forma resumida, Santaella afirma que o autor é aquele que interfere de modo particular e pessoal em um processo de signos[25]. A noção de autor tende a cruzar com vários tópicos e domínios de reflexão, com as noções de causa, origem e finalidade, criação, consciência, sujeito, autoridade, liberdade e responsabilidade etc. Institucionalizado ao longo do século XIX, a definição (ou função) do autor sofrerá, ao longo do século XX, vários processos (alguns dos quais tendencialmente terminais). O conceito constitui o elemento polarizador da reflexão literária.

A título histórico e explicativo, é bom lembrar que, até o início da Idade Média, não existia preocupação em determinar responsabilidades pela produção das obras. As histórias estavam em processo constante de criação e eram modificadas, transformadas a partir das pessoas que faziam ou criavam a narrativa. Não havia questionamento sobre autoria. O material entrava em circulação e sua “vida útil”, digamos assim, era a garantia sufiente de autenticidade.

Foucault (2002) explica que, nos séculos XVII e XVIII, os textos científicos passam a ter validade em função de sua ligação a um conjunto sistemático de verdades demonstráveis, com o apagamento da *função autor.* Em contrapartida, nos textos literários, a não nomeação do autor tornou-se impossível, pois “o anonimato literário não nos é suportável” (FOUCAULT, 2002, p. 50). O pesquisador explica que a função do autor não se dá de forma universal e uníssona em todas as formas discursivas, mesmo dentro de uma propria cultura.

A partir da Renascença, ressallta Foucault (1981), distintos fatores sociais, políticos e econômicos contribuíram para a invenção e a exaltação do indivíduo, o qual, na arte, corresponde à figura do autor. Depois que os textos tornaram-se transgressores, a figura do autor precisava ser indicada para personalizar o conteúdo. Afinal, era necessário, então, punir as pessoas que produziam o material. “Essa noção do autor constitui o momento crucial da individualização na história das

[25] Na semiótica pierciana, um signo (ou *representamen*), é aquilo que, sob certo aspecto, representa alguma coisa para alguém. Dirigindo-se a essa pessoa, um primeiro signo criará na mente ou (semiose) dessa pessoa um signo equivalente a si mesmo ou, eventualmente, um signo mais desenvolvido.

ideias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia e das ciências". (FOUCAULT, 1970, p. 05)[26]. O pesquisador explica que os discursos eram definidos como um ato. Isto no sentido de serem colocados no campo bipolar do sagrado e do profano, do lícito e do ilícito, do religioso e do blasfemo. Foucault (2002) esclarece que, no final do século XVII e início do século XVIII, é estabelecido o sistema de propriedade dos textos, regras sobre direitos de autor, de reprodução etc.

Em seu texto clássico, *O que é o autor?* (1969), Foucault ressalta a noção de autor examinando a relação do texto com o autor, a maneira com que o "texto aponta para essa figura que Ihe é exterior e anterior, pelo menos em aparência". (FOUCAULT, 2002, p. 34). Observa que existe uma regra definida que controla a escrita como prática. Essa regra pode ser estabelecida por dois temas da escrita: *o tema da expressão e o tema da morte*. Ao tema expressão, Foucault explica que há dois extremos: ou o texto diz tudo ou o leitor diz tudo. Na primeira opção, não interessa quem escreve, já que a obra é suficiente. Na segunda opção, o pesquisador explica que o autor parece "sumir" de cena já que o leitor toma para si o sentido do texto. Sobre o tema da morte, ele explica que a escrita está ligada ao sacrifico da própria vida do escritor.

> O tema é milenar. A narrativa, ou a epopeia dos gregos, era destinada a perpetuar a imortalidade do herói, e se o herói aceitava morrer jovem, era porque sua vida, assim consagrada e magnificada pela morte, passava a imortalidade; a narrativa recuperava essa morte aceita. (FOUCAULT, 1970, p. 7).

Nesse sentido, "a marca do escritor não é mais do que a singularidade da ausência" (FOUCAULT, 2002, p. 36). É como se o autor ficasse distante do que escreve, anulando sua personalização no texto. Foucault observa que a escrita de hoje libertou-se do tema da expressão. Ela se basta a si mema e não está obrigada à forma da interioridade e se identifica com sua própria exterioridade desdobrada.

> O que quer dizer que ela é um jogo de signos comandado menos por seu conteúdo significado do que pela própria natureza do significante; e também que essa regularidade da escrita é sempre experimentada no sentido de seus limites; ela está sempre em vias

[26] Palestra proferida na Sociedade Francesa de Filosofia. Universidade de Bufallo. 1970. Disponível em <http://fido.rockymedia.net/anthro/foucault_autor.pdf>. Acesso em 20 agos. 2011.

> de transgredir e de inverter a regularidade que ela aceita e com a qual se movimenta; a escrita se desenrola como um jogo que vai infalivelmente além de suas regras, e passa assim para fora. Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer. (FOUCAULT, 1970, p. 6-7).

Pode-se entender que não há texto sem autor e que a personificação deste está no modo como ele se apresenta em um dado momento e em um tipo de cultura e os aspectos que compõem a sociedade em que este autor está inserido. A partir disso, Santaella (2007) chama atenção para questão das marcas de autoria como indicadores de um certo modo de criar que é próprio de um autor, e é isso o que "comumente recebe o nome de estilo". (SANTAELLA, 2007, p. 64). A autora afirma que

> não poderia haver estilo sem a interferência do autor na dimensão qualitativa dos signos que ele manipula. Algumas transgressões qualitativas nas regras determinadas de um sistema de signos é condição *sine qua non* para que o etilo se inscreva. É por isso que, como marcas de autoria, o estilo é sempre *sui generis,* peculiar, único, particular de um indivíduo. (SANTAELLA, 2007, p. 64).

Assim como Foucault, Roland Barthes discorre sobre a dificuldade para se estabelecer de "quem é a voz que escreve" já que, em sua concepção, a escrita destrói toda voz, porque ela é "esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito [...] onde vem perder-se toda a identidade, a começar pelo corpo que escreve" (BARTHES,1984, p. 49). Para o pesquisador, a dinâmica produzida pelo autor possibilita apresentar a leitura à sociedade; por isso, o entendimento da obra está associado a quem produziu. "Como se através da alegoria, mais ou menos transparente da ficção, fosse sempre afinal, a voz de uma só e mesma pessoa, o autor, que nos entregasse a sua *confidência*" (BARTHES,1984, p. 50). Barthes destaca que não é o autor quem fala, mas a linguagem, isto é, "isso que fala". Dito de outra forma, o momento em que o autor assume a linguagem, ele se constitui com algo que já está dado. O autor nunca fala palavras que não foram ditas, embora em muitos momentos pode até não ter consciência desse fato.

Na produção do texto A morte do autor (1968), Barthes reconhece que o autor não é universal, e, sim,

> uma personagem moderna, produzida, sem dúvida, por nossa sociedade na medida em que, ao sair da Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio do indivíduo ou, como se diz nobremente, da 'pessoa humana'. [...] A imagem da literatura que se pode encontrar na cultura corrente está tiranicamente centrada no autor, sua pessoa, sua história, seus gostos, suas paixões. (BARTHES, 1984, p. 66).

É isso, por exemplo, que explica Jorge Luis Borges (apud SANTAELLA, 2007, p. 63) quando diz que

> nunca podemos estar seguros sobre o ponto exato em que a liberdade de um escritor termina e os constragimentos da linguagem começam. Há sempre uma fronteira de luta: a luta com as palavras, no caso do escritor, ou a luta com os sons, com as cores, com as imagens, no caso de outras linguagens.

Tal liberdade autoral pode e está relacionada ao contexto em que o autor está inserido. Desse modo, cria-se a expectativa de possibilidades textuais a partir do conhecimento que o autor tem sobre determinada temática e a forma como aquele expõe o assunto. E, ainda falando sobre Barthes, os indicadores que podem ser considerados como fundamentais na sua argumentação como o descentramento, anonimato e pluralidade "irredutível" (o termo é de Barthes) ligam, explicitamente (embora seja de passagem), a morte do autor ao nascimento do leitor (objeto de estudo ainda bastante discutido).

Foucault (apud SANTAELLA, 2007) ressalta aspectos fundamentais na caracterização da função autor: a distinção entre o nome próprio e o nome do autor. No entanto, ambos têm a função descritiva.

> A distinção entre ambos encontra-se na existência de um nexo claro entre nome próprio e o indivíduo nomeado, ao passo que não há uma isomorfia e um funcionamento similar entre o nome do autor e aquilo que se nomeia. Assim, o nome do autor não é um nome próprio como os demais. Ele não é simplesmente um elemento de um discurso, mas exerce certo papel em relação ao discurso, funciona para caracterizar um certomodo de ser do discurso. (FOUCAULT apud SANTAELLA, 2007, p. 72).

Desse modo, há uma classificação em que se permite agrupar certo número de textos, estabelecendo quais textos devem ser publicados ou excluídos, entre outras ações. Nesse sentido, Foucault (*apud* SANTAELLA, 2007) conclui que a função autor é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. (FOUCAULT apud SANTAELLA, 2007, p. 73).

2.2 O ESTILO JORNALÍSTICO

Depois de uma breve noção de estilo e autoria, como discutido na literatura, por nomes como Roland Barthes, Michel Foucault, repensada por Antoine Compagnon e, depois, revista por Santaella no ciberespaço, para o debate sobre estilo no jornalismo faremos um apanhando sobre o modo de produção jornalística com variáveis temporais e estruturais externas e internas que desenharam o estilo do jornalismo no Brasil.

De modo sucinto, é importante trazer ao debate a relação do jornalismo com a literatura. Eles são gêneros discursivos que, ao longo de suas trajetórias, constituíram vínculos que marcaram épocas e estilos textuais com variações de pontos e coincidências entre um formato e outro. Durante os séculos XVIII e meados do século XIX, escritores renomados emprestavam seus conhecimentos textuais as redações divulgando obras literárias, publicadas em fascículos, chamados de *folhetins*, que contribuíram, posteriormente, para que essas obras se tornassem reconhecidas universalmente.

O primeiro a experimentar esse casamento da literatura com o jornal é o francês *La Presse*. Nele saem publicados romances-folhetins de Honoré Balzac, por exemplo, assim como o *Le Siècle*, outro jornal francês, em que Alexandre Dumas publica um dos maiores clássicos da literatura mundial: *Os três mosqueteiros*. Essa prática é comum no século XIX e se estende a outros países. No Brasil, podemos citar José de Alencar com o romance O Guarani, e Machado de Assis com Quincas Borba.

Os folhetins representavam uma forma de divulgação para os escritores e foram incorporados aos poucos à nova lógica capitalista a partir das décadas de 1830 e 1840 com a eclosão do Jornalismo Popular e, de acordo com o pesquisador Felipe Pena, "publicar narrativas literárias nos jornais proporcionava um significativo

aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante" (PENA, 2006, p. 29).

Com a constituição da imprensa informativa, ou seja, o estabelecimento de um jornalismo de tipo empresarial, jornalismo e literatura, então, sofrem dinâmicas de afastamento e também de aproximação. Já no final do século XIX, a participação dos escritores nas redações de jornal passa a ser reduzida. O confronto é também uma acomodação entre a parte literária do realismo social e o estilo jornalístico que acontece quando a imprensa comercial inicia a produção de jornais em larga escala e de forma sistematizada. Surge a figura do jornalista profissional e de um estilo de produção específico: o estilo *penny press*. A denominação faz menção à redução do preço do jornal, tornando-o mais acessível à população.

De acordo com Traquina, o desenvolvimento do jornalismo informativo nos países anglo-saxões foi motivado por um conjunto de acontecimentos conjunturais tais como a evolução do sistema político e econômico; os avanços tecnológicos; fatores sociais como o aumento no número de pessoas alfabetizadas e a urbanização (TRAQUINA, 2005, p. 35).

Mesmo com o modo mercantilista de produção do jornal, o debate sobre jornalismo e literatura continua durante o século XX. A temática se concentrava na dualidade entre a narrativa jornalística, baseada na ideia de que o jornalismo representava a objetividade e a literatura os seus traços subjetivos.

No entanto, no início da década de 1960, surge, nos Estados Unidos, um novo gênero jornalístico: o New Journalism. Embora tenha começado basicamente entre os anos de 1940, com os movimentos de transgressões culturais americanos, é só a partir de 1960 que ele ganha força. Foi um período da história da imprensa norte-americana em que os jornalistas começaram a ousar na linguagem e nos assuntos abordados.

O New Journalism foi criado pelo escritor e jornalista norte-americano Truman Capote em 1956, quando da publicação da reportagem-perfil do ator Marlon Brando pela revista New Yorker, intitulado “O duque em seus domínios”, citado como o primeiro texto do gênero. Além de Capote, outros expoentes do jornalismo como Tom Wolfe, Gay Talese e Norman Mailer aderiram ao novo estilo jornalístico[27].

[27] A origem do new journalism é bastante polêmica e inexata. Enquanto alguns afirmam que foi Truman Capote quem inaugurou o gênero, outros dizem que foi Gay Talese o inventor da “escola”, ao

Para o pesquisador Edvaldo Pereira Lima (2004), o gênero resgatou, na última metade do século XX, a tradição do Jornalismo Literário e conduziu este a uma cirurgia plástica renovadora sem precedentes (LIMA, 2004, p. 192). Os participantes desse novo jornalismo adotavam uma acentuada carga autoral, repleta de subjetividade narrativa e experimentações estilísticas. O novo jornalismo, então, é um exemplo de processo de renovação da produção jornalística.

No começo, esse gênero foi rejeitado tanto por jornalistas quanto por escritores. Mas, depois da publicação do livro *A sangue frio* (1966), de Truman Capote, classificado pelo próprio autor como romance de não ficção, o Novo Jornalismo ganhou reconhecimento. O livro ganhou destaque por retratar, de forma literária,o caso verídico de um assassinato com a riqueza de dados que proporcionaram um intenso trabalho de pesquisa feito por Capote junto aos assassinos, entrevistados na prisão pelo próprio jornalista.

O Novo Jornalismo utilizava quatro recursos técnicos apropriados e readaptados para produção de conteúdos: o ponto de vista, em particular o autobiográfico em terceira pessoa; o registro fiel dos traços do cotidiano, ou seja, o registro do status de vida dos entrevistados como gestos, hábitos, maneiras, costumes, objetos pessoais, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, enfim, padrões gerais de comportamento que forneciam um entendimento amplo sobre as personalidades (WOLFE, 2005, p. 55); a construção cena a cena, isto é, “contar a história passando de cena para cena e recorrendo o mínimo possível a mera narrativa histórica” (WOLFE, 2005, p. 54); o registro dos diálogos por completo como um dispositivo para capturar a atenção do leitor.

> O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso – e mais. Era a descoberta de que é possível, na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto… para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor. (WOLFE, 2005, p. 28).

---

publicar, em 1960, uma série de reportagens na revista Esquire, intitulada “Nova York: a jornada de um serindipitoso”, depois reunida no livro *Aos olhos da multidão*. Por sua vez, Tom Wolfe (1976) diz que, na verdade, quem criou o novo jornalismo foi Peter Hamill, ao produzir um artigo sobre Gay Talese, Jimmy Breslin e outros na revista Nugget, em 1965.

É também, na metade da década de 1960, que surgem novas técnicas ainda mais ousadas de produção de conteúdos jornalísticos: o Jornalismo Gonzo. Capitaneado pelo irreverente jornalista norte-americano, Hunter S. Thompson, o estilo do Jornalismo Gonzo é radical, faz uso de palavrões, gírias, metáforas, figura de linguagem, humor sarcástico e apresenta diversos ângulos da temática abordada. Outra característica marcante desse tipo de jornalismo é o relato do repórter sempre na primeira pessoa. Há uma confluência relacional entre o repórter e os fatos, narrado de forma parcial, com detalhamento dos personagens e objetos que fazem parte da cena, o que foge da objetividade do chamado jornalismo tradicional. O escritor e jornalista Luciano Trigo diz que

> o Gonzo é um filho bastardo e pobre do ‘New Journalism’ dos almofadinhas Tom Wolfe e Gay Talese, que nos anos 60 anabolizaram o texto jornalístico com recursos da alta literatura, num estilo ainda hoje imitado em determinadas revistas brasileiras, nem sempre com bons resultados. (TRIGO, 2011).

Trigo (2011) ressalta que foi nesse ambiente de liberdade e renovação editorial dessa época que Hunter S. Thompson decidiu radicalizar, desobedecendo a todas as regras e princípios remanescentes da atividade jornalística. Ele chama atenção para algumas características destoantes desse tipo de jornalismo: a falta de seriedade nos relatos, as transgressão e situações extremas sempre expostas de forma irreverente e debochadas. “Na lista de prioridades de Thompson, o humor vem bem antes da informação”. (TRIGO, 2011).

O estilo Gonzo está muito associado a uma época efervescente de movimentos norte-americano da contracultura. A expressão “gonzo” nasceu de forma inusitada em 1970, pelo também jornalista Bill Cardoso. Thompson fez um artigo para uma revista de esportes americana Scanlan's Monthly, com o título The Kentuchy Derby is Decadent and Depraved (O Kentuchy Derby é Decadente e Depravado). Pautado para escrever sobre uma famosa corrida de cavalo, o jornalista relata, de forma áspera e crítica, uma série de fatos sobre o cotidiano da população local, menos o acontecimento em si. Bill, amigo de Thompson, escreve uma carta comentando o conteúdo do artigo e relata: “Eu não sei o que f*** você está fazendo, mas você mudou tudo. É totalmente gonzo" (OTHITIS, 1997). O próprio Cardoso explica que "gonzo" é, na verdade, uma corruptela de uma palavra francesa canadense “gonzeaux", que significa "caminho brilhante". Thompson adota o termo.

Ainda nesse período, a revista Sports Illustrated o contrata para cobrir uma corrida de motocross no deserto de Nevada, a Mint 400. Na companhia de um advogado samoano que vivenciou com ele bebedeiras, drogas e momentos de paranoia, Thompson, novamente, abandona o foco da reportagem e produz relatos alucinados e entorpecidos de suas viagens psicodélicas. Todo material foi rejeitado pela revista. No entanto, em novembro de 1971, os artigos acabam sendo publicados em série, na Rolling Stone, considerada, na época, uma revista referência da contracultura. O material virou livro[28]: Fear and Loathing in Las Vegas: A Savage Journey to the Heart of the American Dream. (Medo e delírio em Las Vegas. Uma jornada selvagem ao coração do Sonho Americano), a obra máxima do jornalismo gonzo. (TRIGO, 2011).

> Medo e delírio… foi adaptado para o cinema por Terry Gilliam, em 1998, com Johnny Depp e Benício Del Toro nos papéis principais. Hoje a obra pode ser lida como uma crônica corrosiva dos valores e do estilo de vida americano, mas também como uma fábula degenerada sobre o fim dos sonhos libertários que embalaram a juventude do país nos anos 60. (TRIGO, 2011).

Thompson escreve o material sob o alônimo Raoul Duke. Esta é também outra característica do jornalismo gonzo, o uso de pseudônimo, inclusive como fonte. Ele usou, por exemplo, além de Duke, FX Leach e Sebastian Owl. Ainda que seja um dos seus livros preferidos, Thompson sempre disse que esta obra, “Medo e delírio em Las Vegas” foi uma experiência fracassada em gonzo jornalismo. "Minha meta era comprar um caderno grossão, escrever tudo à medida que ia acontecendo e aí mandá-lo, sem editar" (OTHITIS, online, 1997). Com o livro, o jornalista torna-se uma referência nesse estilo gonzo e é reconhecido de forma popular, recebendo o status de “estrela” e se consagrando como um dos mais fortes ícones da contracultura norte-americana no século XX. “Uma diferença marcante entre Thompson e o novo jornalista Tom Wolfe é que, enquanto Wolfe procura ser a mosca na parede, Thompson é, literalmente, a mosca na sopa”. (OTHITIS, 1997).

Thompson estimulou esse tipo de jornalismo transmitindo nos seus textos conflitos do cotidiano de uma sociedade na qual ele desejava quebrar todo e

[28] O primeiro livro de Thompson foi, em 1967, “Verão do Amor” (Hell’s Angels). É um retrato brutal e violento do seu convívio de 18 meses com uma gangue de motoqueiros. Em 1999 lançou “Rum – Memórias de um jornalista bêbado” e em 2003 uma coletânea de textos autobiográficos “Reino do Medo – Segredos abomináveis de um filho desventurado nos dias finais do século americano”.

qualquer padrão comportamental, inclusive fazendo uso de drogas pesadas como LSD[29] e mescalina[30]. Essa é também uma das características do jornalismo gonzo, ou seja, a ingestão de substância que possibilite dinamismo e “criatividade” para produção textual. No entanto, não significa que todo e qualquer jornalismo gonzo tenha que fazer uso de drogas pesadas para obter o resultado final do material jornalístico.

Christine Othitis (1997) relaciona sete principais características que aparecem no estilo do jornalismo gonzo. São elas:

> 1. Sobreposição de temas de sexo, violência, drogas, esporte e política.
> 2. Uso de citações de pessoas famosas e de outros escritores ou, às vezes, o seu próprio como epígrafe.
> 3. As referências a figuras públicas, tais como newspeople, atores, músicos e políticos.
> 4. Uma tendência a afastar-se do assunto principal.
> 5. O uso de sarcasmo e / ou vulgaridade como humor.
> 6. Tendência para usar palavras com criatividade.
> 7. Falar sobre situações extremas.

Pelas principais características desse estilo de jornalismo, percebemos que a proposta é inovadora e ousada, digamos assim. Afinal, o jornalismo gonzo pretende levar o leitor a questionar tudo o que lê, a pensar a informação, e não apenas absorver e aceitar todo conteúdo apresentando de forma passiva. Para o estudioso Humberto Werneck, o gonzo jornalismo é jornalismo,

> mas não o jornalismo usual, predominante, esse em que o repórter, em nome da imprescindível busca da objetividade, se sente desobrigado de servir ao leitor mais que uma pilha de informações descarnadas - como se fosse isso a realidade. Como se a informação devesse ser, goela abaixo do leitor, uma espécie de pílula para astronauta, que nutre sem a obrigação de ser palatável. Como se, provindos da mesma raiz latina, saber e sabor não pudessem andar juntos. (WERNECK, 2004, p. 524).

O Gonzo Journalism e New Journalism são gêneros distintos entre si. Mas se encontraram entre um período e outro (1960 a 1970) em função dos movimentos culturais ou contraculturais da sociedade americana. No entanto, o Gonzo Journalism não representa um momento específico, uma vez que o seu precursor,

[29] LSD (dietilamida do ácido lisérgico) é uma das mais potentes substâncias alucinógenas.
[30] A mescalina é um alucinógeno natural extraível do cacto peiote (Lophophora williamsii).

Hunter Thompson[31], seguiu escrevendo e desenvolvendo seu estilo nas décadas seguintes, evoluindo em uma direção diferente dos demais autores do New Journalism, que foram se afastando da busca renovadora de outros estilos até sumir quase por completo, na segunda metade dos anos 80.

Ainda assim, houve uma influência marcada nas produções jornalísticas de vários países. No Brasil, por exemplo, o new journalism foi aplicado com sucesso, na revista Realidade e no Jornal da Tarde dos anos 60, Opinião, Aqui São Paulo, Versus e, mais tarde, na imprensa alternativa, como a seção "Cena Brasileira" escrita com verniz literário no semanário Movimento pelo repórter Murilo Carvalho. (MARSHALL, 2008).

Para os pesquisadores Vaniucha de Moraes e Jorge Kanehide Ljuim (2009), o estilo jornalístico da revista Realidade, considerando o contexto do Novo Jornalismo, pode ser uma manifestação do Jornalismo Literário no Brasil tanto pelo uso das reportagens de profundidade quanto pelo uso de recursos de estilo literário. "Ou seja, podemos dizer que houve, no Brasil, um exemplo desse tipo de Jornalismo Literário, o que não significa que o Novo Jornalismo tenha sido o único elemento que influenciou o formato adquirido pela revista". (MORAES & LJUIM, 2009).

É no final dos anos de 1970, nos Estados Unidos, que o Novo Jornalismo perde força e acaba; isso, porque a cena da contracultura já não existia mais. Dessa forma, o gênero é assimilado pela grande imprensa, porém de uma forma mais branda. Retiram-se os excessos no experimentalismo estilístico - e o resultado desta depuração os norte-americanos denominaram como Jornalismo Literário ou narrativa jornalística que emprega recursos literários.

O jornalismo no Brasil sempre andou associado à literatura independentemente dos movimentos que alteraram o estilo jornalístico de produção. Podemos perceber isso em experiências de escritores como Euclides da Cunha, na obra Os Sertões (1902). Ele traz um traço especificamente trabalhado, pomposo, enfático, cheio de antítese e comparações. O escritor compilou e aperfeiçoou todas as matérias enviadas ao jornal O Estado de São Paulo, enquanto trabalhava como correspondente de guerra durante o conflito de Canudos no nordeste brasileiro, no ano de 1897. Euclides da Cunha revelou ao Brasil e ao mundo a história da terra,

[31] Numa crise de depressão, Thompson se matou em 2005, com um tiro de espingarda. Seu corpo foi cremado, e suas cinzas lançadas ao céu num pequeno foguete, numa cerimônia promovida pelo ator Johnny Depp, que interpretou o jornalista no cinema. (TRIGO, 2011),

do povo e da guerra. A primeira e grande obra de jornalismo literário do Brasil (ou de literatura de não ficção, podemos dizer assim).

Outros escritores brasileiros deixaram marcas estilísticas nas produções textuais que colaboraram na construção do jornalismo nacional, impregnando traços sociais característicos da sociedade. João do Rio[32] é um dos exemplos. Ele faz uma produção singular, num estilo jornalístico mordaz e sagaz, sem abandonar sua criação poética de escritor. A pesquisadora Cristiane Costa (2005) documenta que, na virada do século XIX para o século XX, muitos escritores tinham, no jornalismo, a porta de entrada, a divulgação e a consagração de seus nomes. Foi o caso de Machado de Assis, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Coelho Neto, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, do primeiro time de nossa literatura, que encontraram um espaço inicial para a publicação nas páginas dos jornais da época. Nelson Rodrigues é uma referência. Ele usou de subterfúgio para fazer valer suas publicações. Assinou com o pseudônimo de Suzana Flag, foi um dos últimos folhetinescos, tendo publicado, em capítulos, ' Meu destino é pecar', no Jornal[8], que saltou de 3 mil para 30 mil exemplares diários.

Ciro Marcondes Filho, em seu livro 'Comunicação e Jornalismo: a saga dos cães perdidos', mostra que há um quadro evolutivo de cinco épocas distintas na produção jornalística do Brasil. A pré-história do Jornalismo (1789 a 1830), quando surgem os primeiros livros e jornais, apresenta uma economia deficitária, e as empresas jornalísticas são comandas por escritores, políticos e intelectuais.

Na primeira época (1830 a 1900), "o conteúdo é literário e político, com textos críticos, economia deficitária e forma semelhante ao livro", em que se destacam as presenças de José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, Lima Barreto e João do Rio. Na segunda (1900 a 1950), começa a acontecer a modernização do parque gráfico, e se dá a profissionalização dos jornalistas, com a criação da reportagem e da manchete, inserção de publicidade, consolidando a economia de empresa. Nesse momento, já era marcante a presença de Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, Carlos Drumond

[32] João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, (Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1881 — 23 de junho de 1921) foi jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo brasileiro. Ocupou a cadeira 26 da Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 7 de maio de 1910.

de Andrade, Jorge Amado e Érico Veríssimo. A terceira (1950 a 1980) é conhecida como “imprensa monopolista”. Surgem as grandes tiragens, grandes investimentos políticos e grupos editoriais, destacando-se a participação de Antônio Callado, Antônio Torres, Caio Fernando Abreu, Carlos Heitor Cony, Ferreira Gullar, José Louzeiro, Otto Lara Resende e Paulo Francis. A quarta, a partir de 1980, tem sua força no avanço da tecnologia, nas mudanças “das funções do jornalista, em muita velocidade na transmissão de informações, na valorização do visual e na crise da imprensa escrita” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 11).

O pesquisador Breguez (1999) também sistematiza a evolução do jornalismo brasileiro e classifica essas mudanças em três fases importantes: a primeira, de 1900 a 1920, que seria a fase do estilo ideológico e opinativo; a segunda, entre 1920 e 1980, compreendendo uma primeira etapa (1920-1945) como o estilo informativo e a era dos manuais; e a segunda etapa (1945-1980) como a ditadura do *lead* nas redações. A terceira fase dessa evolução seria de 1980 até hoje com o estilo interpretativo.

É nesta última fase que percebemos mudanças estruturais que desenham novas perspectivas no fazer jornalístico. Isso, porque é o período da consolidação da internet como espaço para produção de conteúdo jornalístico, sobretudo interpretativo e, consequentemente, o aparecimento de novos emissores comunicacionais. Com a chegada das linguagens líquidas[33], da internet e dos dispositivos digitais, a noção de estilo ganha nova força nos estudos de linguagem. Num ambiente aparentemente múltiplo, amorfo, veloz e intenso como o ciberespaço, como lidar com uma noção, digamos, tão antiga de estilo? A ideia de estilo reaparece para debater a linguagem com a necessidade de compreensão das ideias de distinção na cultura contemporânea. Ter estilo é se distinguir. Construir uma ideia de estilo é legitimar uma distinção.

O pesquisador Seabra (2002) explica que o estilo de Jornalismo Interpretativo significou o fim da ditadura do *lead* e a valorização das grandes reportagens. Essas condições permitiram a retomada de antigos estilos literários no jornalismo, como a

[33] Para Santaella (2007), as linguagens antes consideradas do tempo – verbo, som, vídeo – estão no ciberespaço, assim como as linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – tornaram-se fluidas, perderam a estabilidade da permanência em suportes fixos como jornais, TV, Rádio, facilitando os fluxos de informações. A análise está baseada no conceito de “sociedade líquida” apresentada pelo sociólogo Zigmund Bauman (2001), que usou a metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade moderna porque essa, como os líquidos, singulariza-se por uma incapacidade de manter as formas.

narrativa, e a elaboração de textos mais ousados e criativos. Seabra (2002) ressalta que o estilo jornalístico vive uma mudança significativa:

> A convergência tecnológica, o aparecimento de novas tecnologias de comunicação e mesmo o uso da narratividade como técnica de expressão possibilitaram o aparecimento não de um, mas de uma variedade de novos estilos jornalísticos. (SEABRA, 2002, p. 43).

Para o estudioso Sergio Vilas Boas (1996), o estilo está vinculado ao tempo, ao espaço, à interpretação que o autor dá às suas experiências, leituras e toda sua relação com o que o cerca. Isso parece ficar muito claro na própria fala do jornalista Ricardo Noblat:

> Estou na profissão há 44 anos; por isso, sou conhecido. O meu jeito de escrever, o modo de dizer algo...você vai criando um estilo ao longo do tempo, tem a ver com as experiências que você já viveu, com seus gostos, livros que você já leu, escritores que você aprendeu a ler ou admirar...isso aí resulta um estilo que você acaba desenvolvendo ao longo da vida. (NOBLAT, 2011).

O que pode definir um estilo jornalístico quanto à maneira de construir o produto final que é a matéria jornalística tem muito a ver com a postura ou a ligação do profissional com o veículo de comunicação do qual ele faz parte. Isso pode dizer muito, quando nos referimos a um determinado jornalismo feito para o impresso, para a televisão, para o rádio ou, até mesmo, para sites de empresas jornalísticas. Mas ao tratarmos de jornalismo na internet sem a ligação direta com algum veículo de comunicação, talvez esse contexto não seja aplicado. Ou quando existem outras possibilidades de vínculos profissionais entre o jornalista e a empresa, podem-se estabelecer outras relações entre o produtor de conteúdo e o veículo de comunicação.

Vilas Boas explica que o estilo também sofre variações do tempo, a exemplo do discurso barroco que é assimétrico e cujos enunciados se estabelecem num esquema de contraste. Já o clássico aponta para um senso de proporção. O pesquisador ressalta que, na época atual, existe uma disposição para o uso de frases curtas e fragmentadas. Isso pode apontar para novas possibilidades no fazer jornalístico. O estudioso explica que, no jornalismo, o estilo é o homem e também o veículo. Nesse contexto, “o estilo jornalístico pode, presumivelmente, ser o ângulo em que o jornalista ou o veículo se coloca, levando em conta o leitor ao qual se

dirige”. (VILAS BOAS, 1999, p. 39). Essas interferências demonstram que há uma relação direta entre o que se produz, em que local se produz e para quem se produz. Ou seja, qual o público que se pretende atingir ou, especificamente, o tipo de conteúdo que o jornalista se dispõe a fazer e, consequentemente.

O pesquisador Vilas Boas relaciona os principais aspectos do estilo jornalístico como o ritmo, jeito, equilíbrio, linguagem, apresentação, símbolos, ética e personalidade. Todas essas características podem ser percebidas no trabalho do jornalista Ricardo Noblat, não apenas nesses últimos 8 anos à frente do seu blog, mas considerado todo histórico profissional de 44 anos de experiência. Para Vilas Boas, é importante considerar que ter estilo em jornalismo é assumir uma forma peculiar de linguagem.

Assim, o jornalista precisa lapidar a informação bruta e transformá-la em notícia para que qualquer pessoa que leia o conteúdo possa compreender a mensagem. É nesse intento de atingir o maior número possível de pessoas, tirando uma média entre o leitor de instrução básica e o que tem diploma ou é intelectualizado, que se estabelece o objetivo do jornalismo. Este que desenvolveu um estilo característico, uma forma de expressão que não fere a sensibilidade dos mais cultos e, ao mesmo tempo, pode ser lido pelo conjunto da sociedade.

> O estilo jornalístico se traduz em duas ideias fundamentais: padronizar e racionalizar. Nesse caso, o estilo deixa de ser uma qualidade do jornalismo para se transformar em necessidade. O jornalista é o homem de ponta dessa padronização e racionalização da notícia. Geralmente, é ele quem apura e redige as notícias, seguindo a *maneira de ser* do veículo onde trabalha e o seu próprio estilo. No entanto, não basta ser jornalista para ter estilo. Mas é preciso o inverso: ter estilo para ser jornalista. (VILAS BOAS, 1999, p. 40).

Essa análise do pesquisador aponta para uma postura profissional estabelecida pelo jornalista no momento em que este profissional se coloca como mediador entre o veículo a que ele está vinculado ou o espaço em que ele produz conteúdo e o leitor. Aqui, fazemos uma distinção pontual. Isso, porque o blog de Ricardo Noblat está hospedado dentro do portal do jornal O Globo e, portanto, vinculado à empresa do ponto de vista de representação e, ao mesmo tempo, ele é uma pessoa jurídica e diz ter plena liberdade para conduzir seu modo de produção, triagem da informação e postagem da notícia a partir do seu próprio critério de

relevância. Portanto, esse novo desenho, digamos assim, do jornalismo que está se estabelecendo, ou pelo menos, neste caso especifico do Blog do Noblat, traz luz a novas possibilidades no que se refere ao jornalista como autor e ao seu modo de definir o seu estilo.

Nilson Lage (2001), quando explica sobre as diferentes linguagens comunicacionais, diz que a linguagem jornalística é constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal. Racionalizar e padronizar informações são critérios que o jornalista como autor, nessa época de produção jornalística para internet, pode redefinir e direcionar para atingir seu público- leitor. No caso do blog, o internauta. O modo como isso está sendo feito ainda é objeto de estudo. Percebe-se, no entanto, que o jornalista Ricardo Noblat mantém uma coerência no fazer jornalístico no que se refere aos cuidados de apuração da informação e fontes a serem ouvidas, mas na questão da formatação textual ou padronização de uma linguagem jornalística, Noblat redefine o modo como trata a notícia.

Isso pode ir ao encontro, por exemplo, da análise de Vilas Boas (1999), quando diz que o jornalismo não tem um estilo próprio, em termos de originalidade, mas, sim, por ter uma linguagem adequada para a prática diária de notícia. O jornalismo praticado na internet vai nessa direção, mesmo porque não se tem um formato definido ou categorizado para esse tipo de meio, e o modo como se apresenta a notícia está vinculado a essa linguagem atribuída ao jornalismo.

2.3 NOBLAT E SUAS MARCAS, SEUS ESTILOS

No primeiro tópico deste trabalho, apresentamos toda rotina de produção do jornalista Ricardo Noblat, na qual fica claro um total envolvimento da sua vida pessoal e profissional num mesmo espaço, sua residência, bem como o modo como ele estrutura sua atividade jornalística. Trabalhando durante a madrugada, garimpando material na internet para postar no blog, pontuando comentários sobre alguns desses materiais ou sobre uma temática específica e apurando notícias durante o dia – essas são algumas das formas como Ricardo Noblat apresenta sua atuação como jornalista.

Nesta parte do trabalho, vamos apontar algumas marcas no modo de produção de Noblat para possível compreensão do estilo do jornalista. Ressaltamos

que estaremos apontando, nesse tópico, dois tipos de textos jornalísticos utilizados por Ricardo Noblat em seu blog e categorizados como gênero opinativo: o editorial e o comentário.

Os estudos sobre gênero jornalístico é sempre muito complexo como mostra Lia Seixas (2009) em seu trabalho *Redefinindo os gêneros jornalísticos. Proposta de novos critérios de classificação*. A pesquisadora explica que a definição de gêneros enquanto grupos de textos ocorre desde a Grécia Antiga. Platão propôs uma classificação baseada nas relações entre literatura e realidade: mimético, expositivo e misto. A teoria dos gêneros surge para a literatura. Neste campo, os gêneros sempre estiveram presentes, seja como agrupamento de obras determinado por convenções estéticas, seja como elemento normatizador das relações entre autor, obra e leitor, elemento de constituição de um imaginário comum. Ela aponta, nessa pesquisa, que o principal critério de definição de gênero para o campo do jornalismo é o critério da função (finalidade). “Um critério que passa a ser relacionado com as propriedades da mídia pelos estudos sobre cibergêneros[34] jornalísticos”. (SEIXAS, 2009, p. 12).

Seixas (2009) observa que o conceito de gênero aceito pela maioria dos pesquisadores brasileiros de comunicação -- nas áreas da semiótica, estudos culturais, análise do discurso e jornalismo -- é aquele desenvolvido por Mikhail Bakhtin: tipos relativamente estáveis de enunciados.

> [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estio, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1992, p. 262-263).

[34] CMC - gêneros de comunicação mediada por computador ou também chamados de cibergêneros (cybergenres). Os canadenses Michael Shepherd e Carolyn Watters das Ciências da Computação foram os primeiros a estudar os gêneros digitais e cunharam a nomenclatura cybergenre, em 1997. (SEIXAS, 2009, p. 59).

Lia Seixas (2009) lembra que a definição de tipos relativamente estáveis de enunciados põe, pela primeira vez, o foco na situação de social de interação, ou seja, em condições extralinguísticas como finalidade discursiva, 'autor' e destinatário. No campo do jornalismo, os estudos sobre gênero textuais ganharam corpo nos anos de 1950, na Europa, com o surgimento de uma disciplina chamada “Os gêneros jornalísticos” na Universidade de Navarra, sob os cuidados do professor Martínez Albertos (PARRAT, 2001), que se torna uma das maiores referências da área. Em 1968, quando as discussões tomavam corpo, surgem propostas de gêneros informativos, explicativos, opinativos e diversionais. (SEIXAS, 2009, p. 48).

Uma das preocupações iniciais nas pesquisas sobre gênero era estabelecer uma clara distinção entre os gêneros jornalísticos e literários. Parrat (2001, p. 17).assegura que a

> teoria classificatória dos gêneros jornalísticos não se criou inicialmente com uma preocupação filosófica ou literária, mas como uma técnica de trabalho para análise sociológica de caráter quantitativo das mensagens que apareciam na imprensa [...] tornando-se um método seguro para a organização pedagógica dos estudos universitários sobre jornalismo.

Felipe Pena (2005) explica que, no Brasil, a discussão sobre gêneros jornalísticos surge na década de 1950 com o professor e jornalista Luiz Beltrão e, depois, referendada pelo pesquisador José Marques de Melo (PENA, 2005) que parte da sistematização de Beltrão para classificar como gênero jornalístico informativo: nota, notícia, reportagem e entrevista. Para o gênero opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. Em revisão recente, Marques Melo (2003) amplia esta classificação, e acrescenta os gêneros interpretativo (perfil, enquete, cronologia, dossiê), utilitário (indicador, cotação, roteiro, serviço) e o diversional (histórias de interesse humano). Mas para este tópico do trabalho, como explicamos anteriormente, estamos considerando o gênero opinativo na função editorial e comentário.

No entanto, para compreendermos essa tipificação no blog do Noblat, começamos por ressaltar o modo de vida do jornalista Ricardo Noblat, imbricado com o seu estilo de trabalho meio workaholic[35]. Até meados de agosto de 2011,

[35] Workaholic é uma expressão americana que teve origem na palavra alcoholic (alcoólatra). Serve para designar uma pessoa viciada, não em álcool, mas em trabalho.

Noblat fumava constantemente, uma média de duas carteiras de cigarros por dia (considerando um período de 44 anos de atuação como repórter), não tinha uma alimentação saudável e vivia, há oito anos (desde que começou a produzir para o blog), quase que exclusivamente para o trabalho. Como ele próprio ressaltou: “de domingo a domingo”. As mudanças em relação à alimentação e a retirada do cigarro só aconteceram em setembro/2011, depois que ele apresentou problemas de saúde (sintomas de entupimentos de veias coronárias e hérnia de disco, lesões, dores da coluna cervical lombar). Ainda assim, o ritmo de produção de trabalho foi pouco alterado. Este é um aspecto que podemos analisar no estilo profissional do Noblat como opção de vida. A sua marca profissional está associada ao modo como ele estabelece seu ritmo numa sobrecarga de trabalho/tempo dedicado à produção que vai muito além dos horários estabelecidos, em geral, para uma função de repórter, em média 5 horas de trabalho/dia[36], durante seis dias da semana.

Outra característica que podemos apontar é o traço textual de Ricardo Noblat, que traz o estilo da sua escrita. A maneira como conduz sua narrativa textual tem a ver com uma das tendências da estilística do século XX, pós-estruturalista, apontada pela pesquisadora Santaella (2007) em relação os estudos de Birch (1994), que rejeita a preocupação formal da linguística em função de um texto mais motivado política e criticamente. Dito de outra forma, o texto é uma produção dinâmica que interage com o leitor ou internauta, envolvendo-o num contexto social, cultural e institucional e possibilitando uma multiplicidade de interpretações em diferentes formações de leituras para diferentes análises criticas. Vejamos no exemplo do editorial “As metamorfoses em 32 anos de PT” (Ver Figura 7):

[36] Decisão do Tribunal Superior do Trabalho favorável à jornada especial diária regulamentada, pela CLT, de cinco horas para função de jornalista vinculado a empresas de comunicação. Fonte: www.fenaj.org.br.

FIGURA 7 - Post “As metamorfoses em 32 anos de PT (Editorial)”. Veiculado dia 14/02/2012[37]

Nesse editorial, Noblat faz um relato criterioso sobre a formação do Partido dos Trabalhadores (PT) e as mudanças “radicais” que este vem sinalizando durante seus 32 anos de existência[38]. Com um texto marcadamente crítico, o autor começa a descrever o evento de comemoração da data pela participação do prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, presidente do Partido Social Democrático (PSD), e a vaia que o gestor recebeu no momento em que seu nome foi anunciado. O editorial ressalta, no primeiro parágrafo, este fato: “Ser convidado especial de parte da cúpula do PT à festa dos 32 anos do partido, na sexta, em São Paulo, não livrou o prefeito Gilberto Kassab, artífice e presidente do PSD, de ser saudado por sonora vaia pela militância”. Percebe-se, logo pelo introdutório, o modo instigante como o jornalista desenha ou destrata, digamos assim, a motivação do evento e, ao mesmo tempo, chama atenção do leitor e internauta (o editorial foi veiculado no blog do Noblat e no jornal O Globo, no dia 14/02/2012) para as ligações e relações políticas que o PT

[37] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2012/02/14/as-metamorfoses-em-32-anos-de-pt-editorial-431558.asp. Acesso: 14 fev. 2012.

[38] O Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores realizou no dia 10/02/2012, em Brasília-DF, um ato comemorativo pelos 32 anos de fundação. O evento ocorreu junto com o encerramento do Encontro Nacional de prefeitos e deputados estaduais do PT, no Centro de Eventos Brasil 21 (Plano Piloto), e contou com a participação de dirigentes, militantes, ministros, parlamentares, prefeitos, lideranças sindicais e populares, além de representantes dos movimentos sociais e de partidos aliados.

vem realizando a partir do governo do então presidente Luis Inácio Lula da Silva (2003 a 2010), quando o partido fez uma série de coligações para viabilizar a eleição e a reeleição do então presidente. O envolvimento do PT com outros partidos também se fez necessário para as eleições da atual presidente da república, Dilma Rousseff em 2011.

Essa conotação textual se estabelece pelo próprio perfil de Ricardo Noblat durante seus mais de 44 anos de jornalismo, especificamente, em cobertura política. Esse traço, além de expor uma intimidade com a temática, mostra ainda o conhecimento que o jornalista tem sobre os fatos que norteiam a política nacional. Inclusive, quando ele traz à tona o enunciado "as metamorfoses...", ele se apresenta seguro em falar da trajetória de um partido que acompanhou como jornalista e relata, em seu texto, o processo de crescimento e as mudanças radicais que, de certa forma, conforme o texto ressalta, descaracterizou o idealismo proposto pelo partido quando da sua fundação, em 1980.

Também podemos perceber, nesse editorial, a análise que Compagnon (2001) faz sobre o estilo como norma que apresenta alguns elementos significativos que abrangem os aspectos da noção de valor normativo, ou seja, um modelo a ser imitado. O estilo é inseparável de um julgamento de valor. Em seu texto, o jornalista persiste em apontar as oscilações do PT durante sua trajetória, e a busca incansável do partido para assumir a presidência da República através da sua maior referência política, Luis Inácio Lula da Silva, que é nordestino, veio da classe de trabalhadores, teve uma vida difícil, mas conseguiu superar os obstáculos sociais, econômicos e políticos para assumir a presidência da República com dois mandatos (período de 2003 a 2010). Noblat fala sobre uma série de problemas políticos durante as gestões de Lula como o escândalo do Mensalão[39], e resgata, ainda, que o partido que

> tanto pregou obediência a 'práticas republicanas' fez o oposto e deixou uma herança pesada para o governo Dilma Rousseff. Obrigada a gerenciar num ciclo de crise mundial, muito diferente daquele de que se beneficiou Lula, a presidente precisa lidar com uma estrutura burocrática ineficiente, inchada de indicações políticas, incapazes de dar qualidade à gestão pública. (NOBLAT, 2012).

[39] Mensalão foi o principal escândalo que atingiu o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2005 - durante o primeiro mandato – e consistia num esquema de pagamento de propina a parlamentares para que votassem a favor de projetos do governo. Entre os acusados, estão parlamentares, ex-ministros, dirigentes do Banco Rural e o empresário e publicitário de Minas Gerais, Marcos Valério. O ex-chefe da Casa Civil José Dirceu (PT) foi apontado como chefe do esquema.

Sem querer perder o fio condutor da sua análise, Ricardo Noblat fecha o editorial retomando a mesma temática que abriu o texto, ou seja, a participação de Gilberto Kassab (PSD) no evento, ressaltando que todo o processo evolutivo pelo qual o PT está passando gera muitas tensões, demonstradas pelas vaias que o prefeito recebeu dos filiados do partido. Conforme aponta Santaella (2007) sobre o estilo como talento individual, podemos perceber o traço marcante do Noblat que demonstra sua habilidade para transgredir as regras de um formato jornalístico, sem ferir conceitos estabelecidos e, ao mesmo tempo, deixar fluir seu talento textual.

Audácia, ousadia e irreverência. Esses também são alguns dos traços encontrados nos textos do jornalista Noblat, marcando seu estilo narrativo a partir de sua relação com o espaço em que produz o conteúdo: o blog. É o que Santaella (2007) apresenta como automatização do estilo, ou seja, a possibilidade de concebermos uma marca autoral que passa a ser compartilhada com a máquina em uma mistura de "personificação e automatização" (SANTAELLA, 2007, p. 67).

Mesmo considerando sua trajetória de repórter com mais de quatro décadas dedicadas ao jornal impresso, Noblat trouxe para o ciberespaço seus traços marcantes na acidez textual, assim como sua leveza poética e bem humorada quando narra determinado fato político que envolve a temática corrupção, por exemplo. Possivelmente, por ser o precursor do jornalismo político em blog, Noblat se referencia no estilo narrativo opinativo com o uso do tag[40] "Comentário" para opinar sobre determinados assuntos, que segundo ele, sente-se mais "confortável" por ter conhecimento da temática.

> Eu opino mais sobre aquilo que eu entendo mais... que eu me sinto mais confortável do ponto de vista de ter o que dizer, de conhecimento. Na hora de opinar, eu escolho temas em que eu tenho mais segurança. Uma opinião mais sólida... que eu tenha uma observação a acrescentar. (NOBLAT, 2011).

Essa posição de Noblat parece ser respaldada na análise que pesquisador Luiz Beltrão faz sobre a opinião. Segundo o estudioso, a opinião tem a função psicológica pela qual o ser humano, informado de ideias, fatos ou situações

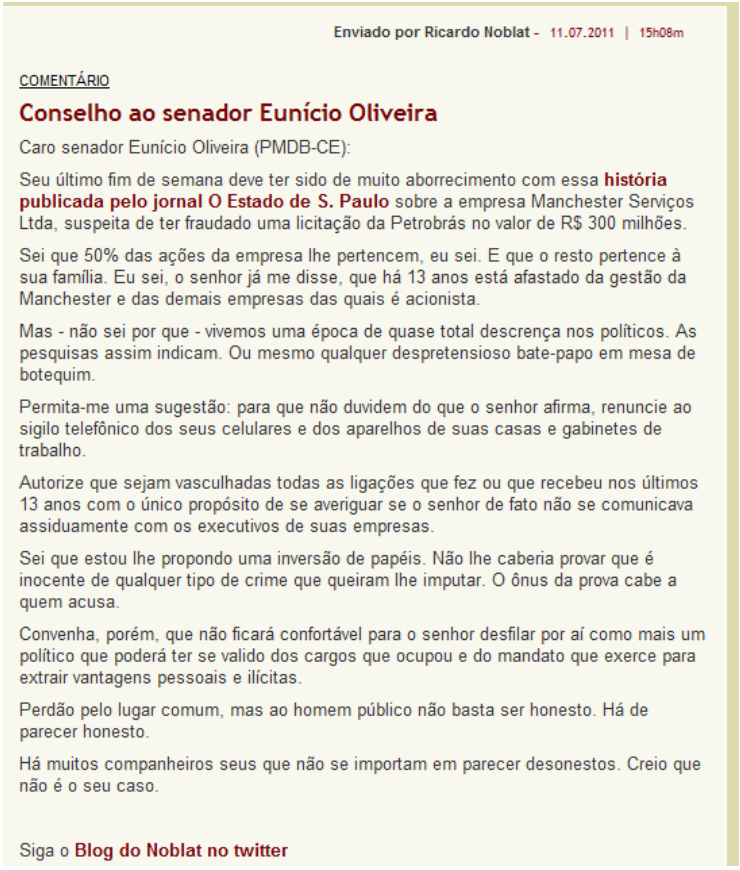
[40] Podemos chamar também de etiqueta. É o assunto a ser apresentado no post. É um título ou "chamada" que colocamos no topo de cada post para distinguir o conteúdo que será veiculado. Especificamente no blog do Noblat pode ser: Comentário, Mundo, Política, Economia, Geral entre outros. No caso de Comentário o texto é especificamente opinativo e exclusivo do autor do Blog, Ricardo Noblat.

conflitantes, exprime a respeito seu juízo (BELTRÃO, 1980, p. 14). Beltrão diz que a opinião pode ser individual, sem ter a necessidade de se tornar aceitável pelos outros ou então ser compartilhada com vários indivíduos, denominada, então, opinião geral ou dominante.

Em outro post, veiculado dia 11 de julho de 2011, (ver Figura 8), Noblat faz uma espécie de mensagem direcionada para o senador Eunício Oliveira (PMDB-CE) por ocasião de uma matéria veiculada no jornal O Estado de São Paulo, que relacionava o nome do parlamentar à empresa Manchester Serviços, suspeita de ter fraudado uma licitação da Petrobrás no valor de R$ 300 milhões[41]. Depois do título do post " Conselho ao senador Eunício Oliveira", o jornalista inicia seu comentário como se estivesse escrevendo uma carta endereçada ao próprio senador: " Caro senador Eunício Oliveira (PMDB-CE)". Percebe-se, também, que durante a narrativa, Noblat se apresenta como um conhecedor dos fatos que envolvem o parlamentar e apresenta ainda uma série de "conselhos" para que o senador execute-os.

Um dos trechos do post diz, por exemplo, "permita-me uma sugestão: para que não duvidem do que o senhor afirma, renuncie ao sigilo telefônico dos seus celulares e dos aparelhos de suas casas e gabinetes de trabalho". Em outra parte do comentário, Noblat orienta o senador a liberar uma varredura nas ligações telefônicas feitas pelo parlamentar nos últimos 13 anos, insinuando que, com esta iniciativa, ele (o senador) poderia mostrar que não tem contatos com os executivos das empresas das quais ele dizia estar desvinculado. O texto diz: "autorize que sejam vasculhadas todas as ligações que fez ou que recebeu nos últimos 13 anos, com o único propósito de se averiguar se o senhor, de fato, não se comunicava assiduamente com os executivos de suas empresas".

[41] Em março de 2011, a Manchester Serviços Ltda., empresa de propriedade do senador Eunício Oliveira (PMDB-CE), soube com antecedência, de dentro da Petrobrás, da relação de seus concorrentes na disputa por um contrato na área de consultorias e gestão empresarial. De posse dessas informações, procurou empresas para fazer acordo e ganhar o contrato.



Enviado por Ricardo Noblat - 11.07.2011 | 15h08m

COMENTÁRIO

Conselho ao senador Eunício Oliveira

Caro senador Eunício Oliveira (PMDB-CE):

Seu último fim de semana deve ter sido de muito aborrecimento com essa **história publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo** sobre a empresa Manchester Serviços Ltda, suspeita de ter fraudado uma licitação da Petrobrás no valor de R$ 300 milhões.

Sei que 50% das ações da empresa lhe pertencem, eu sei. E que o resto pertence à sua família. Eu sei, o senhor já me disse, que há 13 anos está afastado da gestão da Manchester e das demais empresas das quais é acionista.

Mas - não sei por que - vivemos uma época de quase total descrença nos políticos. As pesquisas assim indicam. Ou mesmo qualquer despretensioso bate-papo em mesa de botequim.

Permita-me uma sugestão: para que não duvidem do que o senhor afirma, renuncie ao sigilo telefônico dos seus celulares e dos aparelhos de suas casas e gabinetes de trabalho.

Autorize que sejam vasculhadas todas as ligações que fez ou que recebeu nos últimos 13 anos com o único propósito de se averiguar se o senhor de fato não se comunicava assiduamente com os executivos de suas empresas.

Sei que estou lhe propondo uma inversão de papéis. Não lhe caberia provar que é inocente de qualquer tipo de crime que queiram lhe imputar. O ônus da prova cabe a quem acusa.

Convenha, porém, que não ficará confortável para o senhor desfilar por aí como mais um político que poderá ter se valido dos cargos que ocupou e do mandato que exerce para extrair vantagens pessoais e ilícitas.

Perdão pelo lugar comum, mas ao homem público não basta ser honesto. Há de parecer honesto.

Há muitos companheiros seus que não se importam em parecer desonestos. Creio que não é o seu caso.

Siga o **Blog do Noblat no twitter**

FIGURA 8 - Post “Conselho ao senador Eunício Oliveira”. Veiculado dia 11/07/2011[42]

Dentro desse contexto, percebe-se, marcadamente, o traço incisivo, instigante do jornalista Ricardo Noblat no sentido de provocar o debate a sociedade sobre temas que estão relacionados à prática social e política do cidadão. Além disso, ele se posiciona sobre a opinião no jornalismo no modo como Luiz Beltrão defendia não só como função vertical do jornalismo, mas como dever:

> [...] O jornal tem o dever de exercitar a opinião: ela é que valoriza e engrandece a atividade profissional, pois, quando expressa com honestidade e dignidade, com a reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências, se torna fator importante na opção da comunidade pelo mais seguro caminho à obtenção do bem-estar e da harmonia do corpo social. (BELTRÃO, 1980, p.14).

42 http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/07/11/conselho-ao-senador-eunicio-oliveira-391457.asp. Acesso em 12 fev. 2012

É também o que observa a professora Lia Seixa (2006) no artigo produzido em seu blog, cujo título é “Em favor da opinião, nada mascarada”:

> Mais do que escolher um lado política e socialmente (dimensão coletiva) ou apresentar um juízo de valor (dimensão individual), opinar seria uma função social, que deveria “captar, em qualquer campo, aquele objeto importante sobre o qual a sociedade exige uma definição”. Captar esse tema, essa pergunta latente num momento, conduziria a atividade jornalística a firmar-se como uma instância à qual se poderia recorrer. (SEIXAS, 2006).[43]

Possivelmente, essa recorrência de um espaço para reflexão parece ser uma dos propósitos do trabalho do jornalista Ricardo Noblat em seu blog. Ao mesmo tempo em que opina, informa. “Não quero que meu blog se caracterize como um espaço onde seu titular tenta fazer a cabeça das pessoas ou tenta ganhá-las para o que ele pensa. Quero que seja um espaço, acima de tudo, de informação." (NOBLAT, 2011).

As marcas de estilo do Noblat podem ser observadas em expressões que ele utilizar para fazer valer a sua crítica. No segundo parágrafo do post “Conselho ao senador Eunício Oliveira” (ver FIGURA 9), ele faz uma indicação intimista: “sei que 50% das ações da empresa lhe pertencem, eu sei. E que o resto pertence à sua família. Eu sei, o senhor já me disse...” Esse modo peculiar de se envolver no texto como parte do processo narrativo faz um diferencial do estilo opinativo do Noblat que pode ter como ornamento do texto, como ressalta Compagnon (2001), um comparativo com o escritor Luis Fernando Veríssimo, por exemplo, que também adentra em seus textos durante suas crônicas ou artigos. Na crônica “Até onde vai a insubordinação militar”, veiculada no próprio blog do Noblat, no dia 05 abril de 2012, Veríssimo faz, numa parte do texto, uma análise comparativa entre a Suprema corte americana no quesito financiamento de campanha política com participação de empresários em relação aos políticos brasileiros.

> [...] A mesma Suprema Corte americana decidiu eliminar qualquer limite ao que empresas e corporações podem doar aos candidatos a cargos públicos em campanha. Antes, claro, já davam muito dinheiro escondido, ou você pensa que a Caixa 2 foi inventada no Brasil?
> Agora podem dar às claras, e o quanto quiserem. E os candidatos prometerem o melhor governo que o dinheiro pode comprar.

[43] http://generos-jornalisticos.blogspot.com.br/2006/10/em-favor-da-opinio-ainda-mascarada.html

> No Brasil, deveríamos fazer o mesmo, uma espécie de leilão em que o candidato se ofereceria abertamente ao maior patrocinador com o compromisso de defender seus interesses no governo ou no Congresso. O que nos pouparia de espetáculos melancólicos como o do Demóstenes — claramente uma vítima do sistema atual de financiamento de campanhas — negociando apoio clandestino com o rei dos caça-níqueis. (VERISSIMO, 2011).[44]

O estilo de Noblat está associado a sua relação profissional marcada pela cobertura jornalística em editoria política, com traços aprimorados pelo próprio autor no modo de criar sua produção narrativa no ciberespaço que proporciona ao jornalista interferir de modo particular e pessoal nos processos de produção que ele estabelece como primordial, principal, necessário, relevante.

> Quando escrevo, eu sou muito mais duro. É uma manifestação publica. Eu tenho um compromisso com quem me lê. Eu não estou sendo julgado por duas, três pessoas ou cinco com quem estou convivendo e tenho a responsabilidade do que estou dizendo. Eu meço o que vou dizer. Não digo nada sem pensar... (NOBLAT, 2011).

[44] Texto extraído do post “Até onde vai a insubordinação militar”, veiculado dia 05/04/2012 no blog do Noblat. http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2012/04/05/ate-onde-vai-insubordinacao-militar-por-luiz-fernando-verissimo-439038.asp

3 TRIAGEM: UMA DECISÃO DO JORNALISTA-AUTOR

A abordagem nesta parte do trabalho centra o olhar com inspiração nas teorias do jornalismo, mais especificamente na teoria do gatekeeper, para compreender como o jornalista Ricardo Noblat, como autor, se estabelece num contexto comunicacional. A partir da sua experiência como profissional, define a triagem e a seleção das notícias e demais conteúdos considerados relevantes e que, portanto, devem ser veiculados no Blog do Noblat - isso funcionam como forma de construção de uma noção de autoria no terreno jornalístico. Não se fará uma revisão aprofundada das pesquisas sobre as teorias do jornalismo, até porque a questão que move este trabalho é de cunho essencialmente empírico, embora possamos pontuar alguns elementos discursivos da comunicação. A análise busca compreender a produção de notícias no blog do Noblat, considerando as singularidades e influências na natureza profissional do jornalista.

3.1 O FAZER JORNALÍSTICO DE RICARDO NOBLAT

Se o jornalismo está longe de ser o espelho do real e se apresenta na construção social de uma suposta realidade, refletindo-a e ajudando a construí-la, é preciso pensar na função do jornalista como o responsável na definição de critérios que apontem as razões pelas quais ele sistematiza ou prioriza a notícia a ser publicada.

Mauro Wolf (2002), baseando-se nas pesquisas do newsmaking da socióloga Gaye Tuchman, apresenta três vertentes principais para essa teoria: a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos. A socióloga aponta, como ponto fundamental no processo, a análise da organização do ofício jornalístico, sem a qual seria impossível produzir notícias, uma vez que existe uma superabundância de fatos que acontecem no cotidiano da sociedade. Wolf apresenta, então, três obrigações que os órgãos de informação devem cumprir para produzir o noticiário, de acordo com os estudos de Tuchaman:

> - tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido como acontecimento notável;
> - elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham a pretensão de dar a cada fato ocorrido um tratamento idiossincrático;

> - organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planificada. (WOLF, 2002, p. 189).

Dito de outra forma, o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial. Estabelecem-se critérios específicos e limitados de forma organizacional. Sobre esses três pontos, Felipe Pena (2005) ressalta que, embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas, sim, a submissão a um planejamento produtivo. Pelo menos quando se estabelece uma relação de contrato profissional ou um serviço prestado pelo jornalista a uma empresa de comunicação. Mas esta prática vem sofrendo alterações importantes que apontam para novas configurações comunicacionais (LEMOS; LEVY, 2010).

Trazendo um pouco as informações sobre essas mudanças, o pesquisador Dizard (2000) explica que a primeira transformação para essas novas configurações começou com a introdução das impressoras a vapor e do papel jornal barato no século XIX; a segunda ocorreu com as transmissões por ondas eletromagnéticas e a terceira “envolve uma transição para produção, armazenagem e distribuição de informação e entretenimento estruturados em computadores” (LEMOS; LEVY, 2000, p. 53).

No Brasil, a substituição das máquinas de escrever pelos computadores começou no final da década de 1960, a partir das oficinas de composição, chegando às redações somente 20 anos depois (DIZARD, 2000). As mudanças tecnológicas mudaram, em muitos aspectos, as rotinas produtivas estabelecidas nos fluxos da função massiva. De acordo com Lemos e Levy (2010, p. 48), como função massiva “compreende-se um fluxo centralizado de informação com o controle editorial do polo da emissão por grandes empresas em processo de competição, financiadas pela publicidade”. Processo estabelecido nos chamados grande meios de comunicação como a TV, rádio e o jornal. Em contraponto, os pesquisadores chamam atenção para as funções pós-massivas que se caracterizam por “abertura do fluxo informacional, pela liberação da emissão e pela transversalidade e personalização do consumo da informação” (LEMOS; LEVY, 2010).

O fazer jornalístico sempre acompanhou o desenvolvimento dos meios de produção. Hoje, a rotina jornalística pode ser feita com profissionais trabalhando 24 horas por dia, 7 dias por semana. As redações podem ser fixas, nas empresas,

assim como em outros espaços. A logística de enviar ou receber informação, coletar, apurar e selecionar conteúdo pode ser feita em casa através do telefone, de emails e da participação em redes sociais[45] como Twitter[46] ou Facebook[47], por exemplo. Essas mudanças se devem, em boa parte, à informatização dos meios de comunicação. Pode-se dizer, de certa forma, que o modo de produção do jornalista Ricardo Noblat está para função pós-massiva considerando o uso das diversas modalidades para viabilizar seu trabalho no blog.

São elas: imagens coletadas de terceiros (estabelecendo os créditos ao produtor do material); textos selecionados de outros veículos de comunicação para compor a rotina de produção diária do blog (média de 42 a 46 post/dia); postagem de áudio e vídeo utilizando outros canais como You Tube, participação de internauta como produtor de conteúdo. Um dos posts fixos, veiculado mais ou menos às 16h, todos os dias, é “A Hora do Recreio” (ver Figura 09). Geralmente é um vídeo, hospedado no site You Tube (www.youtube.com), ao qual o usuário pode assistir na própria pagina do blog. Neste mesmo post, existem alguns links “chamando” o internauta a navegar em outros conteúdos como a “Estação Jazz e Tal, a rádio do blog” e a “página de vídeos políticos do Blog do Noblat” ou acompanhar o jornalista na rede social do Twitter[48]. Este espaço, inclusive, Noblat utiliza para fazer chamadas para o blog.

[45] Uma rede social é compreendida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões. Essas conexões são entendidas como os laços e relações sociais que ligam as pessoas através da interação social. (RECUERO, online, 2005).
[46] www.twitter.com
[47] www.facebook.com
[48] https://twitter.com/#!/BlogdoNoblat

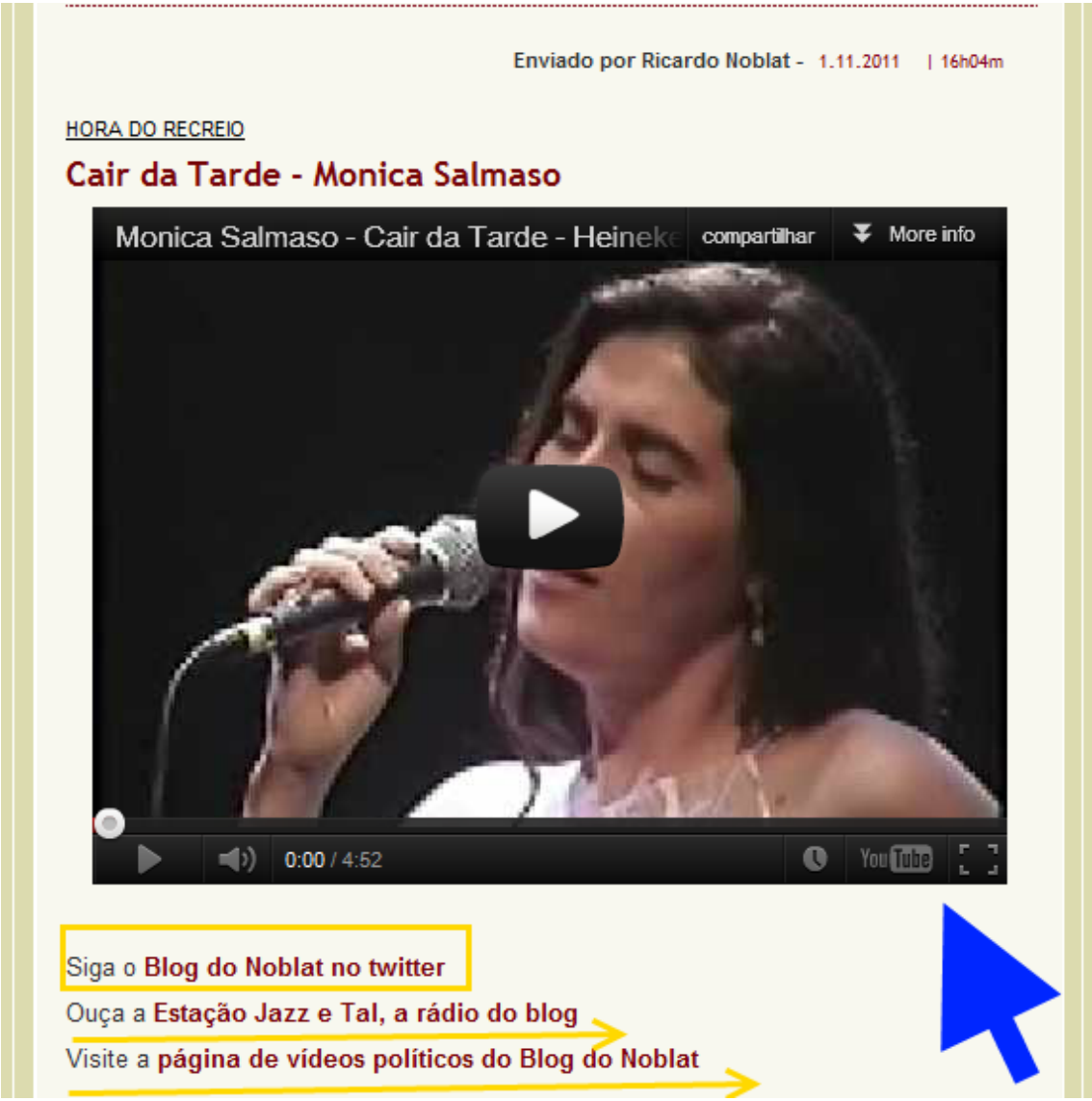


FIGURA 09 - Post “Hora do Recreio”. Veiculado dia 01/01/2011[49]

Sobre sua participação na rede social do Twitter, precisamos registrar que o jornalista Ricardo Noblat foi apontado no topo da lista dos perfis mais influentes em assuntos políticos no Brasil. O ranking faz parte do estudo “Influenciadores do G20”[50], que nomeou as 200 vozes mais influentes da política no Twitter, em todo o mundo.

[49] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/11/01/cair-da-tarde-monica-salmaso-413323.asp
[50] Países do G-20: Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Rússia, Arábia Saudita, África do Sul, Coreia do Sul, Turquia, Reino Unido, Estados Unidos e Países da União Europeia (incluindo a Letónia, Países Baixos, Polónia, Portugal, Espanha e Suécia).

A pesquisa foi realizada pela consultoria internacional de relações-públicas Burson-Marsteller[51] e divulgada no dia16 de abril de 2012. Noblat figura na lista ao lado da presidente Dilma Rousseff (PT-MG) (2ª posição), do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB-SP) (3ª), de José Serra (PSDB-SP) (4ª), o teólogo Leonardo Boff (5ª), do senador Cristovam Buarque (PDT-DF) (9ª) e da ex-vereadora por São Paulo, Soninha Francine (PPS-SP) (10ª). Constam ainda da lista os jornalistas Luis Nassif (6ª), Miriam Leitão (7ª posição); e Lauro Jardim (8ª).

Em entrevista ao Portal Comunique-se[52] (www.comuniquese.com.br), Noblat deixou claro que o resultado referente à rede social dos 140 caracteres – referindo-se à limitação de espaço para veiculação de texto no Twitter -- está diretamente relacionado ao Blog do Noblat. A rede social é um aporte para divulgar a produção do blog e, ao mesmo tempo, interagir com os internautas que participam das duas plataformas comunicacionais.

Ainda que esteja hospedado no portal do jornal O Globo, Noblat, como autor da sua produção, estabelece a forma organizacional específica da sua rotina de trabalho. Ele tem total autonomia para selecionar e priorizar o material a ser veiculado no blog. O jornalista faz um planejamento para produção, no entanto, sem a limitação de ações para desenvolver suas atividades.

> Eu trabalho geralmente durante o dia por telefone, saio pra ver alguma coisa no Congresso, no Planalto, quando é muito importante e, sempre, à noite, duas ou três vezes por semana, janto com pessoas, com políticos [...].
>
> Sou pessoa jurídica. O Globo me contratou para colocar o blog no portal do jornal. [...] No contrato com o jornal, a responsabilidade do conteúdo é minha. Tanto que quem me defende de algum processo são advogados que pagos por mim e não pelo Globo.

[51] Os executivos globais de assuntos públicos e consultores digitais da Burson-Marsteller elaboraram uma lista com cerca de 1.000 pessoas no Twitter que são politicamente influentes nos países do G-20. A lista dos perfis do Twitter mais influentes foi determinada com base no padrão de pontuação de influência Klout (klout.com) – uma ferramenta que analisa os envolvimentos em redes sociais. Com base nestes dados, o programa ajuda o operador a desvendar as influências que os perfis exercem perante seus seguidores. Neste processo, o Klout avaliou as influências métricas de cada perfil em cada país, definida em uma escala de 1-100, e a medição foi baseada na capacidade dos usuários na geração de conteúdo e valor agregado a seus seguidores. Fonte: http://brasil.bm.com/noticias/Pages/Burson-MarstellerdivulgaosperfisdoTwitterquemaisinfluenciamapol%C3%ADticanoBrasil.aspx

[52] Entrevista dia 17/04/2012. Fonte: http://portal.comunique-se.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=68450:ricardo-noblat-credita-a-blog-o-fato-de-ser-eleito-o-twitter-mais-influente-da-politica&catid=17:destaque-home&Itemid=20

> Eu sou responsável pelo conteúdo tanto pro bem como pro mal. Faço como quero, em compensação eu arco com as consequências disso (NOBLAT, 2011).

Nesse ponto, percebemos um diferencial na produção de trabalho do Noblat em relação a jornalistas vinculados a empresas de comunicação que vivenciam roteiros de atividades a serem cumpridos durante uma carga horária de 5 ou 6 horas diárias, durante 7 dias. Numa redação de um grande veículo, a exemplo do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação (SJCC) em Recife-PE[53], especificamente a redação do jornalismo impresso (Jornal do Commercio), os jornalistas atuam em editorias distintas, participam, todos os dias, de uma ou duas reuniões de pauta[54] (com todos os veículos que integram o sistema), recebem as indicações das matérias a serem apuradas, seguem para contatos, coleta das informações, produção da matéria e postagem para editoração que poderá ser editada e modificada pelo editor- geral ou chefe de redação[55]. De modo simplificado, podemos anotar essa rotina de produção como algo comum (ainda) nas grandes redações.

É importante ressaltar que esta produção tem a ver com uma rotina cotidiana de cobertura de fatos atuais, no dia a dia das grandes cidades (especificamente, neste caso, o Recife e a Região Metropolitana[56], também conhecida como Grande Recife).

Percebemos uma diferenciação da rotina produtiva do Noblat com outros jornalistas, também colunistas, que têm vínculos empregatícios com empresas de comunicação. O jornalista Clovis Rossi[57], da Folha de São Paulo, por exemplo, tem uma coluna no jornal impresso e na Folha Online[58], com veiculação nas terças, quintas e domingos. Rossi, que também atua no jornalismo, sobretudo no jornal

---

[53] O Sistema Jornal do Commercio de Comunicação (SJCC) integra o Grupo JCPM (João Carlos Paes Mendonça) desde 1987 e é a maior rede de comunicação do Estado de Pernambuco, composta pela TV Jornal (filiada SBT); Rádios Jornal e CBN, Jornal do Commercio e Portal N10.

[54] Definição dos assuntos a serem produzidos e veiculados no jornal.

[55] A referência dessa rotina de produção tem a ver com a nossa experiência como profissional da empresa no período de 2006 a 2008 em Petrolina e Recife-PE.

[56] A área metropolitana do Recife se estende por 20 municípios: Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Paulista, Igarassu, Goiana, Escada, Sirinhaém, Abreu e Lima, Camaragibe, Cabo de Santo Agostinho, São Lourenço da Mata, Araçoiaba, Ilha de Itamaracá, Ipojuca, Moreno, Itapissuma, Goiana, Sirinhaém, Escada e Recife.

[57] Clóvis Rossi é repórter especial e membro do Conselho Editorial da Folha, ganhador dos prêmios Maria Moors Cabot (EUA) e da Fundación por un Nuevo Periodismo Iberoamericano. Assina uma coluna nas terças, quintas e domingos, no caderno "Mundo" da Folha. É autor, entre outras obras, de "Enviado Especial: 25 Anos ao Redor do Mundo e "O Que é Jornalismo".

[58] http://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/

impresso, há mais de 40 anos, desenvolve uma carga de trabalho menos exaustiva do que a de Noblat.

Ainda que se tenha alterado o modo de produção do fazer jornalístico dos profissionais, considerando as mudanças de espaços físicos das redações que "abandonam" o antigo modelo segmentado e especializado para dar lugar a ambientes integrados e sob coordenações que buscam intensificar um relacionamento entre mídias (impresso e online), por exemplo, o fazer jornalístico de Ricardo Noblat não pode ser comparado dentro dessas estruturas redacionais. O fazer dele é um diferencial estabelecido pelo seu modo e ritmo de produção.

A rotina diária de Ricardo Noblat, exposta anteriormente neste trabalho, começa na madrugada, quando ele lê inúmeros jornais na rede (nacionais e regionais) e produz um clipping eletrônico com as principais informações. Vai dormir entre 4 e 5 horas da manhã, depois de publicar esse resumo no site, e acorda por volta das 11 horas, quando passa a trabalhar ao telefone e diante do computador apurando e escrevendo matérias. Essa rotina ocorre desde o ano de 2004, quando ele passou a produzir praticamente sozinho para o blog. Além da seleção de conteúdo a ser veiculado, Noblat também alimenta sua rede social, através do Twitter, divulgando o conteúdo que está postando no blog e, ao mesmo tempo, fazendo comentários pontuais que estimulam o internauta a "visitar" o blog.

A intensificação do uso dessas novas tecnologias pode facilitar para o jornalismo e para o jornalista, mas não desvincula o profissional da sua função de selecionar e definir o que deve ou não ser publicado. Nesse ponto, precisamos pensar sobre uma das questões da teoria do newsmaking: a noticiabilidade. Os pesquisadores Wolf e Traquina ressaltam que precisamos compreender

> a noticiabilidade (newsworthiness) como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. (WOLF, 2002; TRAQUINA, 2008).

Wolf (2002, p. 190) diz ainda que

> a noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos -- do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas -- para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é 'excluído' (grifo original), por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional.

Essa análise é interessante para se pensar a relevância da notícia também no ciberespaço[59]. No caso da produção do blog do Noblat, não existe negociação de pautas e assuntos a serem discutidos entre editores, repórteres e outros atores do processo produtivo na redação. A redação se faz com ele (Noblat) indicando uma pauta ao único repórter do blog. As demais temáticas a serem veiculadas são feitas por colaboradores, definidos pelo próprio Noblat, bem como as matérias de outros sites noticiosos postadas no blog.

Efetivamente, a seleção e a hierarquização dos fatos se dão baseadas no que se convencionou chamar valores-notícia, características que devem ter os acontecimentos para fazer parte da produção da agenda da mídia. O manual da Folha de São Paulo (2001, p. 43) relaciona os critérios elementares para definir a importância de uma notícia:

> a) ineditismo (a notícia inédita é mais importante do que a já publicada);
> b) improbabilidade (a notícia menos provável é mais importante do que a esperada);
> c) interesse (quanto mais pessoas possam ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é);
> d) apelo (quanto maior a curiosidade que a notícia possa despertar, mais importante ela é);
> e) empatia (quanto mais pessoas puderem se identificar com o personagem e a situação da notícia, mais importante ela é).

E como o jornalista Ricardo Noblat faz isso? Vejamos o post registrado na Figura 10 e veiculado no Blog do Noblat dia 17 de abril de 2012. A foto, publicada no jornal O Globo, como parte da cobertura fotográfica da 1ª Conferência de Alto Nível Parceria Para Governo Aberto[60], que ocorreu nos dias 16 e 17 de abril 2012, em

---

[59] Espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. (LEVY, 1999, p.2). O estudioso afirma que o ciberespaço não é uma infraestrutura, mas sim uma forma de usar e explorar as infraestruturas existentes.

[60] A Open Government Partnership tem o objetivo de fortalecer políticas nacionais de transparência e combate à corrupção por meio do intercâmbio de experiências em execução nos países que integram

Brasília, se refere a um momento especifico em que a presidente Dilma Rousseff pede um xale a sua assessoria, para se aquecer durante a abertura do evento.

Noblat traz a imagem para o blog com outra conotação. Associa o momento exato em que a presidente abriu o xale e, consequentemente, escondeu o rosto com o momento de incerteza sobre a abertura de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), envolvendo o Senado e a Câmara federal, (17 de abril/2012), para investigar os negócios do empresário de jogos de azar, Carlos Augusto Ramos, o Carlinhos Cachoeira.

FIGURA 10 - Post “CPI? Dilma não quer nem ver...” Veiculado dia 17/04/2012[61]

---

o grupo. O encontro foi copresidido pelos governos do Brasil e dos Estados Unidos e também participaram representantes de 42 países.

[61] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2012/04/17/cpi-dilma-nao-quer-nem-ver-440487.asp

Na apresentação da Fig.10, a partir do título “CPI? Dilma não quer nem saber...” verificamos uma série de elementos que compõem a informação que tornam a publicação relevante: fatores políticos intrinsecamente relacionados ao momento em os fatos estão ocorrendo; a improbabilidade do comparativo (a imagem foi produzida pelo fotógrafo Gustavo Miranda, possivelmente, como registro de um momento); o apelo e o interesse, já que desperta uma curiosidade natural dos internautas do blog sobre a temática e seus desdobramentos.

O estudioso Felipe Pena (2005) diz que não é possível encarar os pressupostos de uma roteirização do trabalho, do processo de produção e da cultura jornalística como pontualmente deterministas. Isso pode ajudar a entender que o jornalista que produz conteúdo no ciberespaço deve ir além das relações com as fontes e apuração da informação. Há uma constante variação que envolve o internauta e seus interesses de leitura e a definição de conteúdo a ser publicado. Foi trilhando esse caminho que Noblat começou a construir uma nova estrutura comunicacional para dar corpo ao seu blog.

> O blog vem construindo seu perfil ao longo desse tempo... quando começou não era nada. Era um espaço onde eu despejava umas notas que sobrava do trabalho que eu fazia para jornal o Dia a lá no Rio...
>
> Com o passar do tempo, eu fui criando coisas. No começo, era tudo muito espontâneo, depois eu fui vendo a necessidade de criar uma espécie de ‘grade’ de programação como a televisão que tem alguns programas ancoras. No caso do blog, não posso prever quando a noticia acontece. Ela entra de toda forma. Fora essa margem de imprevisibilidade da notícia, eu tenho coisas que são fixas. Foram criadas com a intenção de atrair quem gosta daquilo e nos dias que são fracos de notícias, as pessoas saberem que, mesmo assim, tem aquelas seções que eventualmente elas gostam e não gostam. (NOBLAT, 2011).

Outro exemplo que ressalta a improbabilidade da notícia está no post “Hora do Recreio: Até quem sabe (De Lula para faixa)”, veiculado dia 03 de janeiro de 2011 (ver Figura 11). Embora tenha um contexto subliminar de apresentar o conteúdo, a mensagem tem a ver com o período em que o ex-presidente, Luis Inácio Lula da Silva, saiu oficialmente da presidência da República, depois de dois

mandatos (2003 a 2010), e sua sucessora, indicada e apoiada por ele, Dilma Rousseff assumira a presidência do país no dia primeiro de janeiro de 2011. Na época, o ex-presidente Lula era (e ainda é) um político fortemente presente e influenciador nas ações eleitorais e governamentais da presidente Dilma Rousseff. O conteúdo do post traz a música “Até quem sabe”[62] e parte da letra tem as frases “até um dia, até talvez, até quem sabe...”.

Quando Noblat ressalta o título com a frase entre parêntese, “De Lula para faixa”, aponta a provocação da mensagem. A associação dessa informação parece querer nos induzir a refletir que Lula ainda se posiciona como presidente da Republica. É como se a música passasse um lembrete tipo: “ ainda estou vivo...posso voltar...estou por aqui...”. Claro que essa análise é subjetiva e propositalmente. No entanto nos faz pensar o modo como o jornalista Ricardo Noblat percebe e acompanha a conjuntura política do país e os seus representantes legitimados nas eleições[63].

[62] Composição de por João Donato e Lysias Enio, interpretação da cantora Leila Pinheiro.
[63] A eleição de Dilma Rousseff em 2010 foi apontada por muitos estudiosos e pela imprensa nacional como uma marca de continuidade do projeto de país iniciado pelo Governo Lula e com total apoio dele sem o qual ela não seria eleita.

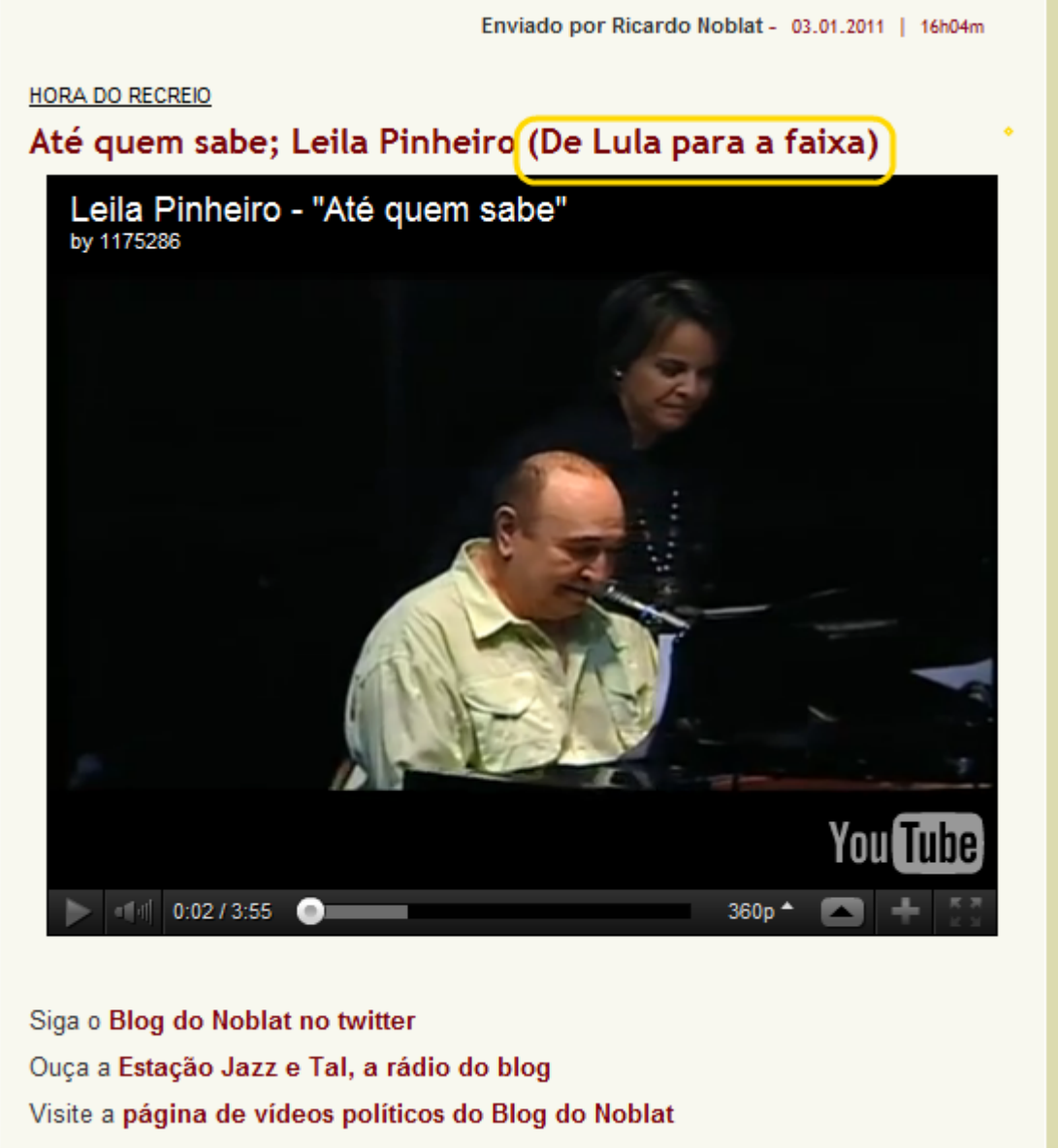


FIGURA 11 – Post “Hora do Recreio”, veiculado dia 03/01/2011[64]

[64] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/01/03/ate-quem-sabe-leila-pinheiro-de-lula-para-faixa-353457.asp

Para compreender melhor essa análise, podemos recorrer a outro post (ver Figura 12) veiculado blog praticamente um mês depois da publicação da “Hora do Recreio - Até quem sabe (De Lula para faixa)”.

FIGURA 12 – Post “Comentário – Pensando em voz alta”, veiculado dia 15/02/2011[65]

Nesse post da Figura 12, percebemos uma complementação do que o Noblat apontou no post da música “ Até quem sabe” (Fig.11). Ele se posiciona dentro do texto fazendo previsões eleitorais para 2014 quando, naquela época, (fevereiro de 2011), o governo de Dilma tinha apenas um mês e quinze dias. Noblat afirma, categoricamente, que “só tem um nome, hoje, capaz de evitar a volta de Lula ao poder em 2014, caso ele queira: Dilma Rousseff”. O modo enfático, incisivo e seguro como que ele se posiciona diante de um governo recém-empossado e que, portanto, não tinha apresentado ainda o perfil próprio de gestão, diz muito sobre a imagem da presidente Dilma totalmente associada ao ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva. Analisando um pouco as duas veiculações das Figuras 11 e 12, compreendemos que o jornalista parece querer chamar atenção do internauta para uma reflexão sobre o papel do político Lula em relação à governabilidade da presidente Dilma.

[65] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/02/15/pensando-em-voz-alta-362469.asp

3.2 QUANDO NOBLAT É O GATEKEEPER E O GATEWATCHING

Nas mãos de alguém, o poder de decidir o que publicar. Talvez seja esta, resumidamente, a ideia central da teoria do gatekeeper. Iniciado em 1947 pelo psicólogo Kurt Lewin, o termo não se referia ao jornalismo. (PENA, 2005). Foi elaborado para estudar os problemas ligados à modificação dos hábitos alimentares em determinado grupo social. O conceito de gatekeeper (ou 'porteiro') começa mesmo a ser aplicado na área de jornalismo, pela primeira vez, em 1950, por David Manning White. No estudo, White analisou a forma como "Mr. Gates", editor telegráfico de um matutino localizado numa cidade norte-americana, selecionava as notícias que seriam publicadas no jornal. Examinando as razões apresentadas para a rejeição das matérias, White chegou à conclusão de como a "comunicação de notícias é extremamente subjetiva e desprovida de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas". ((WHITE apud TRAQUINA, 1999, p. 145).

Numa visão restrita em que se estabeleceu a grande mídia[66], em função do imenso número de coisas que acontecem no cotidiano da sociedade, só viravam notícias aquelas que passavam por uma cancela ou portão (gate em inglês). E quem decidia isso era o próprio jornalista que assumia a função de gatekeeper, o 'porteiro', e selecionava o que deveria ou não ser publicado. Os estudos posteriores da pesquisa de White (1993) apontaram para visão restrita do gatekeeper em relação à notícia. Os critérios profissionais ligados às rotinas de produção e à eficiência e à velocidade estavam influenciando as decisões dos jornalistas no momento da escolha. (PENA, 2003).

Ainda nos dias atuais, em que publicar conteúdo na internet é uma ação deliberada, sem controle e sem regulamentação definidas, a função de gatekeeper no jornalismo está sendo redefinida, se pensarmos nesse ambiente como espaço da cibercultura[67]. Dentro da concepção dessa teoria, significava a "morte" da notícia, por exemplo, quando o jornalista selecionava, fazia a triagem e definia o não publicar da informação. Esse contexto não mais se aplica hoje na produção de

[66] Por grande mídia consideramos os veículos de comunicação de massa como TV, Rádio, Jornal.

[67] Para Lemos (2004 apud Lemos e Lévy, 2010, p. 21) cibercultura é o conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a micro informática e os surgimento das redes telemáticas mundiais; uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, prática de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social.

informação. Pelo menos não no sentido restrito ao controle de uma notícia nas mãos de um único veículo ou de um produtor de conteúdo ou mesmo do internauta.

Se na teoria do gatekeeper entende-se que o processo de produção da notícia se dá a partir de uma série sucessiva de escolhas, na qual determinada informação tem de passar por diversos portões, nas áreas de decisões em que os jornalistas selecionam ou não a informação - no caso especifico do Blog do Noblat, este portão começa e encerra nele mesmo. E o que diferencia então da função do gatekeeper na grande mídia? Possivelmente, a escolha individualizada do Noblat na seleção quanto ao que publicar.

A pluralidade da informação é um dos critérios pelo qual o jornalista Ricardo Noblat define os colaboradores para o blog. A seleção destas pessoas é feita pelo próprio Noblat. São políticos, personalidades, intelectuais, escritores, jornalistas, entre outras categorias, que postam artigos semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente no blog. A programação para postagem dos articulistas, como ele se refere, é definida pela historiadora Maria Helena Rubinato, que colabora com o blog voluntariamente e prepara uma planilha com os nomes/dias dos articulistas. Os articulistas são[68]:

*Domingo: Gaudencio Torquato, jornalista, professor, consultor político; Mary Zaidan, jornalista; Marcos Coimbra, sociólogo e presidente do Instituto Vox Populi (também escreve na quarta-feira) e Luís Fernando Veríssimo, escritor e jornalista (também escreve na quinta-feira).

*Segunda-feira: Edgar Flexa Ribeiro, educador, radialista e presidente da Associação Brasileira de Educação; Téta Barbosa, jornalista e publicitária; Elton Simões, administrador de empresa; Mariana Caminha, jornalista e Leonardo Boff, teólogo e filósofo.

*Terça-feira: Gisele Teixeira e Antela Feijó, ambas jornalistas.

*Quarta-feira: Demóstenes Torres, procurador de Justiça e senador por Goiás (atualmente sem partido); Tamine Maklouf, jornalista e Bruno Lima Rocha, cientista político.

* Quinta-feira: Arthur Virgílio, diplomata e ex-líder do PSDB no Senado; e Murillo de Aragão, cientista político.

[68] Relação registrada no dia da entrevista em Brasília: 08.11.2011

*Sexta-feira: Melissa de Andrade e Sandro Vaia, ambos jornalistas, e José Dirceu, advogado, ex-ministro da Casa Civil.

* Sábado: Vitor Hugo Soares e Ruy Fabiano, ambos jornalistas.

Entre os colaboradores e articulistas do blog dois nos chamou atenção: o ex-senador Demóstenes Torres, sem partido-GO[69], e o ex-deputado do PT, José Dirceu. Noblat faz a sua explicação:

> Convidei José Dirceu para escrever no blog, porque é um cara polêmico, muita gente detesta e muita gente ama. E uma das coisas que me preocupo muito no blog, apesar de ter minhas opiniões... eu quero que o blog seja muito plural. Tenha representantes de várias correntes de opinião. O blog você faz do jeito que você quer. O meu 'eu' sempre quis que fosse lido não apenas por gente de uma determinada linha de pensamento. (NOBLAT, 2011).

A explicação do Noblat pode estar fundada no contexto da pluralidade de opiniões como exercício do debate democrático. No entanto, entendemos que determinadas linhas de pensamento, a exemplo do senador Demóstenes Torres, que apesar de ser suspeito -- com várias evidências apresentadas pela Polícia Federal e divulgadas pela imprensa -- de envolvimento com o empresário de jogos ilícitos, Carlos Augusto de Almeida Ramos, o Carlinhos Cachoeira, ainda assim, continua publicando seus artigos no blog. Outro questionamento que fazemos, também, refere-se à participação semanal do ex-ministro José Dirceu. Ele teve, realmente, uma trajetória política referencial no processo de redemocratização do país, em 1980, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores (PT), do qual foi presidente nacional durante a década de 1990, exerceu vários mandatos como deputado estadual e federal e foi Ministro-Chefe da Casa Civil da Presidência da República, de janeiro de 2003 até 2005. No entanto, em 2005 deixou o Governo Federal acusado pelo deputado Roberto Jefferson (PDT-RJ) de ser o mentor do Escândalo do Mensalão[70].

---

[69] Em março de 2012, conforme investigações da Polícia Federal na Operação Monte Carlo, o senador Demóstenes Torres (na época estava no DEM-GO) tinha ligação com o empresário de jogos ilícitos Carlos Augusto de Almeida Ramos, o Carlinhos Cachoeira, pivô do escândalo que ficou conhecido, em 2004, como "máfia dos caça-níqueis" em Goiás. O senador pediu afastamento do partido DEM-GO no dia 03.04.12, em função do seu envolvimento como facilitador de tráfico de influência e corrupção no Congresso Nacional em favor de Carlinhos Cachoeira.

[70] Escândalo do Mensalão ou "Esquema de compra de votos de parlamentares" é o nome dado à maior crise política sofrida pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2005/2006.

Fazer um juízo sobre as escolhas do Noblat sobre esses articulistas, especificamente, pode parecer tendencioso ou desfavorável à defesa que o jornalista faz em relação à pluralidade de opiniões e a tentativa de atender a todos os internautas com pensamentos divergentes. No entanto, tamanha facilidade de acesso às informações, proporcionada pelas novas tecnologias digitais, pode levantar questionamentos no modo como os internautas se sentem representados ou não nos textos produzidos por esses articulistas e veiculados no blog do Noblat.

Ao perceber que, na Internet, não há limites físicos para a publicação de notícias, além dos custos relativamente mais baixos que os da imprensa escrita, o pesquisador Axel Bruns (2005/2009), da Universidade de Queensland, na Austrália, argumenta que o gatekeeping perde muito de sua força nessa nova reconfiguração do jornalismo. Bruns é um dos estudiosos que se propõem a pensar as novas formas de produção da notícia. Embora ele enfatize a questão de colaboração aberta de notícias, de modelos que caracterizam em blogs e vários sites, a exemplos de Indymedia[71] e Slashdot[72], provoca uma discussão sobre a função do jornalista nesse processo, considerando, ainda, a convivência em um mesmo momento do jornalismo tido como tradicional (aquele veiculado nas grandes mídias) e o jornalismo produzido na internet, tanto por empresas ligadas aos veículos de massa como pela ação de novos emissores de conteúdo.

Em sua obra Gatewatching: collaborative online news production (2005), Bruns propõe a teoria do gatewatching que, resumidamente, pode ser entendida como uma mudança na dinâmica de filtros que determinam o que é e o que não é notícia. Nesse contexto, o jornalista seria um observador dos portões de saída de veículos tradicionais e não tradicionais, buscando informação relevante e, assim que ela se torna disponível, direciona para o leitor/usuário. Ou seja, as informações que antes eram determinadas por um porteiro, o gatekeeper, para chegar ou não até o público, com essa nova configuração o poder do jornalista fica relativizado, já que inúmeras pessoas que passam também a atuar como editores ajudam a selecionar conteúdos a partir da imprensa tradicional.

---

[71] Produzidos através de colaboradores com tecnologias que simplificam a publicação e cooperação na rede favorecendo a integração de qualquer internauta no processo de redação, circulação e debate de notícias. http://www.indymedia.org/pt/index.shtml

[72] Projeto de webjornalismo participativo, sendo muito influente entre os que procuram informações sobre tecnologia de informática. http://slashdot.org/.

Bruns (2005) vai reconhecer que no ciberespaço o processo de gatekeeping tem pouca força explicativa. Isso porque, na web, o poder de decisão estaria tanto nas mãos dos produtores, que nem sempre são jornalistas (já que qualquer internauta pode publicar conteúdo na web), assim como o usuário final, que ao navegar na web, age como seu próprio gatekeeper, sem necessariamente percorrer os veículos tradicionais de mídia. Apesar de a teoria do gatewatching estar estreitamente relacionado com o caráter mais colaborativo, interativo e participativo do jornalismo no ciberespaço, o pesquisador aponta um possível enfraquecimento do papel do jornalista na web, passando de alguém que busca os fatos, como o repórter, para alguém que procura coletar o máximo de documentos e links externos para direcionar o público aos assuntos de acordo com seu interesse. Ele funciona então como um bibliotecário. (BRUNS, 2005).

O pesquisador afirma que, nessa nova mídia, alguns remanescentes do gatekeeper ainda podem permanecer, mas que a extensão pela qual essas características permanecem serve como uma distinção-chave entre modelos diferentes de jornalismo on-line (BRUNS, 2005, p. 15). Para o estudioso, pode ser mais produtivo falar de “bibliotecários” do que de gatekeepers nesse estágio de *input* [na coleta de notícias]: enquanto o gatekeeping jornalístico seleciona informação com um claro objetivo de limitar o material que passa através dos portais, a fim de direcionar as necessidades de publicação dos veículos em que trabalham, os bibliotecários (que não são produtores de notícias nem editores) reúnem o mais amplo conhecimento possível de seus campos, a fim de pontuarem os usuários das bibliotecas na direção correta (ou seja, na direção mais adequada às suas necessidades), mas não conseguem, nem tentam limitar o acesso dos usuários a todos os trabalhos contidos na biblioteca como um todo. (BRUNS, 2005, p. 16).

Nesse sentido, Bruns (2005, p. 17-18). afirma que os colaboradores dessas bibliotecas comunitárias

> empenham-se, portanto, em observar os portais de saída (output gates) de uma ampla variedade de editores tradicionais e não tradicionais, tanto quanto possível, com o objetivo de utilizar essa informação como fonte em novas reportagens. Isso faz com que seja mais apropriado referir-se ao trabalho deles como gatewatching.

Ele considera que alguns usuários de informações se confundem também com colaboradores, comentaristas e produtores do processo jornalístico. A isso ele

define como *produsers*. Independentemente dessa preocupação, é importante apontar aqui o caráter naturalmente agregador do gatewatching, em comparação ao caráter eminentemente massivo do gatekeeping, pontos que por si sós já levam as reflexões sobre a produção do jornalista nessas duas funções.

Nessa perspectiva, como podemos definir a função do jornalista Ricardo Noblat? Em sua rotina produtiva diária, o blogueiro durante a noite navega na internet e “garimpa” ou faz a clipagem das matérias que estão nos sites, blogs e revistas jornalísticas. Esse material é postado no blog com indicação das fontes e links para navegação nas páginas de origem do conteúdo. O jornalista trabalha praticamente sozinho, com auxilio de um repórter para fazer cobertura externa. Na seleção do que entra ou não no blog, Noblat faz uma distinção básica: tudo que é relevante, especificamente na área de política deve ser postado.

> Meu critério de notícia é: tudo que for relevante eu tento dar. Tudo que eu acho que interessa aquela fatia do público que me lê. Claro que não posso dar tudo. Mas, tudo que for relevante na política, especificamente, eu tento dar. Dou nem que eu não tenha apurado. Não deu tempo...quem deu primeiro foi Josias (de Sousa, Folha São Paulo), não tem problema. Eu pego e cito Josias, o blog dele, dou link. Eu dou a matéria e por que não daria?
>
> Eu quero que este espaço seja conhecido como o espaço onde você encontra tudo de importante que aconteceu ou que está acontecendo na política, independente deste material ter sido apurado por mim ou não. Eu trabalho sozinho, no máximo com um repórter, às vezes, passo meses e meses sem um repórter, jamais posso ter a pretensão de sozinho apurar tudo e concorrer com redações inteiras formadas. (NOBLAT, 2011).

Vejamos alguns posts como exemplos da seleção de material que Noblat publicou de outros veículos como os blogs do jornalista Augusto Nunes e Ricardo Setti. (Figuras 13 e 14).

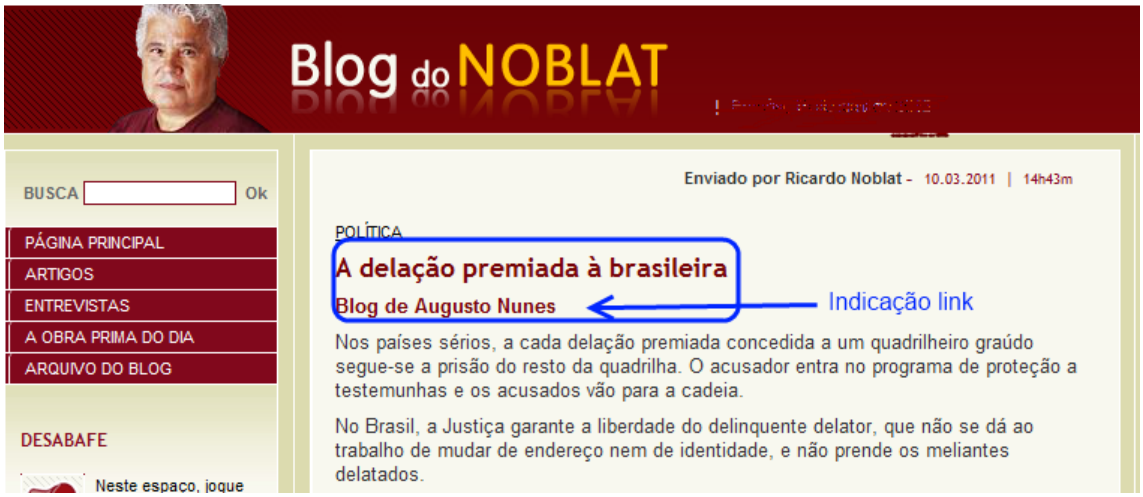


FIGURA 13 – Post “A deleção premiada à brasileira” – veiculado dia 10/03/2011[73]

[73] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/03/10/a-delacao-premiada-brasileira-367613.asp

FIGURA 14 – Post “ Onde está Marina” – veiculado dia 03/03/2011[74]

O modo como o Noblat se posiciona na liberação comunicacional, os conceitos de gatekeeper e gatewatching auxiliam a distinguir especificidades na produção e fluxo de notícias. Esses conceitos são, portanto, importantes para compreender a forma como o jornalista define as prioridades do conteúdo que será exposto ao público do blog. Noblat ressalta que, durante a garimpagem das matérias, alguns assuntos de interesse pessoal (dele) podem gerar um artigo ou

[74] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/03/03/onde-esta-marina-silva-366801.asp

uma crônica sobre a temática que será postada no blog com o tag “comentário”. Essa nomenclatura tem o objetivo de se diferenciar dos demais posts, porque é quando o jornalista está expondo alguma coisa, refletindo ou dando opinião pessoal.

Com sua experiência de mais de 44 anos na profissão como jornalista da mídia impressa, Noblat ainda mantém as técnicas de apuração jornalística para produzir uma matéria. No entanto, ressalta que o uso das técnicas jornalísticas não migra para a formatação do texto.

> Quando se faz jornalismo a sério, não quero dizer sisudo, você aplica as mesmas técnicas seja no blog, na televisão, no rádio, no jornal... o rigor tem que ser o mesmo. Eu apuro a notícia usando as ‘regrinhas’ de você checar mais de uma fonte...tem que ser respeitada...só é diferente em quê?
>
> Pode ser diferente, se você quiser ser, na forma de você escrever. A gente aprende no jornal, TV, Rádio...você separa a opinião da informação, às vezes, separa também da análise, não pode fazer uma notícia e opinar no meio da noticia, isso é pra articulista. É pra quem tá fazendo uma análise... se você quiser aplicar essas mesmas regras no blog, você aplica.... se você não quiser levar em conta essas regras...não leva. Eu nunca levei.
>
> Porque não acho que o leitor seja tão burro que eu tenha que dizer ‘olha, aqui é só notícia...aqui é só opinião...’O leitor sabe quando estou dando notícia, quando estou fazendo análise, quando estou dando opinião...e como não tem ninguém pra me dizer “você não pode fazer”, eu faço.
>
> No jornal tem, por quê? Até porque os meios convencionais de comunicação têm uma política....existe o próprio jogo do poder...A opinião é a opinião do jornal ou de algum convidado do jornal que escreve ali...as pessoas não podem ter opinião...muito menos repórteres...eles não podem ter opinião...apenas descrevem o fato...é assim que a gente aprende. (NOBLAT, 2011).

FIGURA 15 – Post “Frases da semana” – veiculado dia 01/05/2011[75]

No post referente à Figura 15, Noblat faz uso da cor vermelha para destacar as frases pronunciadas por vários políticos entre os dias 30 de abril e 1º de maio de 2011, alusivas à reintegração do ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares ao partido[76], a atuação da presidente Dilma Rousseff no primeiro semestre do seu governo e a liberdade de imprensa. Depois do destaque da frase em cor (o que chama bastante atenção do internauta), Noblat explica o contexto da informação e, entre parêntese, faz os comentários pontuais referentes a cada frase.

Mesmo que se possa questionar o conceito do gatekeeper, o jornalismo ainda atua no modo cotidiano de pautar acontecimentos e indivíduos; captar e selecionar aspectos da realidade; escrever, editar, ilustrar, titular e justapor notícias de forma a representar temáticas e grupos de uma sociedade. Essa reconfiguração de posições

[75] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/05/01/frases-da-semana-comentadas-376610.asp
[76] O ex-tesoureiro do partido, Delúbio Soares, é réu no processo que apura o esquema do mensalão no Supremo Tribunal Federal (STF), foi expulso do PT em 2005, depois desse envolvimento e reintegrado ao partido no fim de abril, durante reunião do diretório nacional do partido em Brasília.

em que o jornalista Ricardo Noblat se estabelece na sua função de produzir e selecionador as matérias a serem publicadas aponta para um novo modo de se fazer jornalismo. Inclusive, com um dispositivo da segurança profissional conquistado pelas experiências vividas.

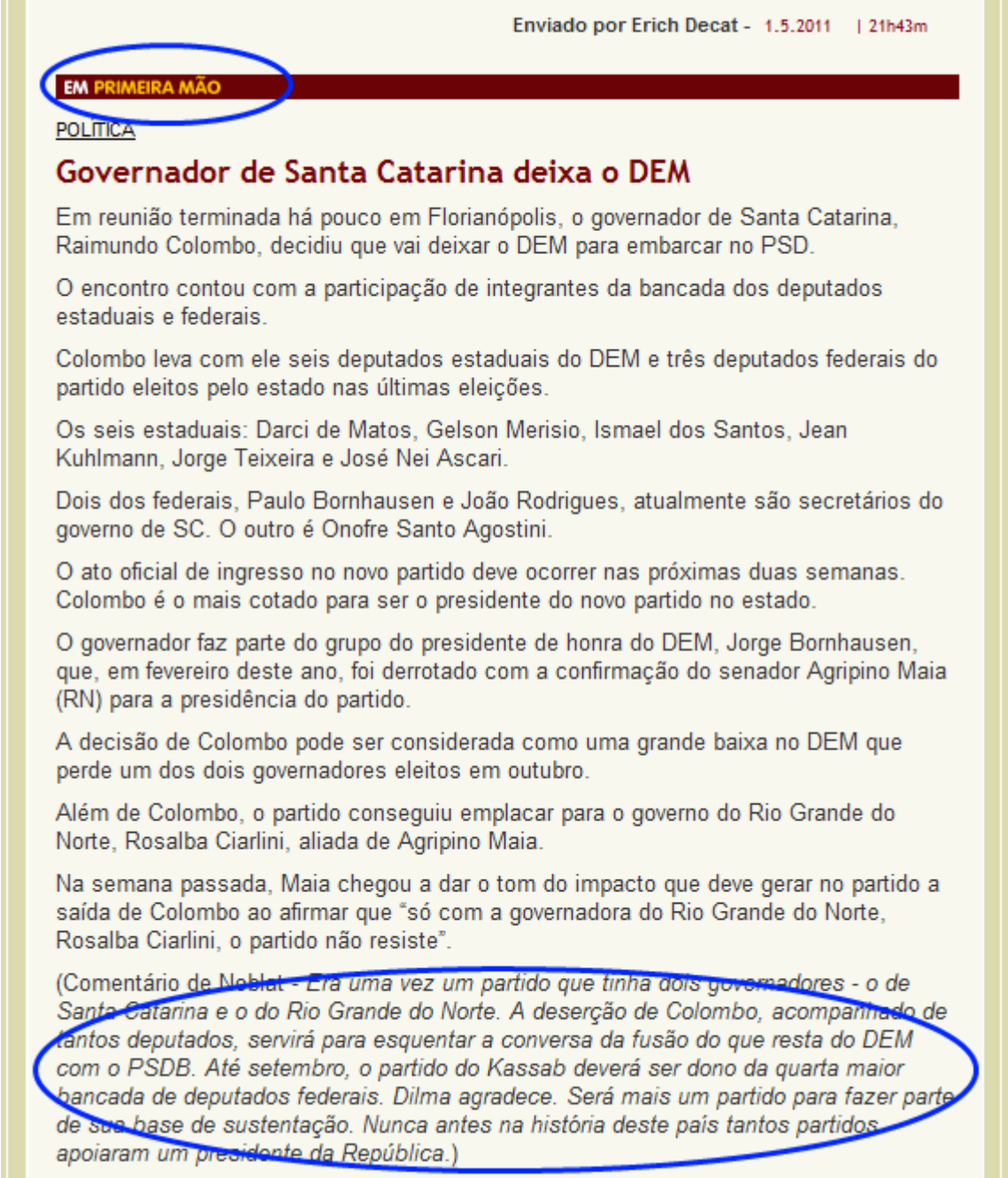
> Como o blog é na internet, eu não tenho patrão pra me falar 'você não pode dizer o que você pensa'...eu digo o que eu penso todas as vezes que eu acho necessário. E acho que digo muito menos do que o leitor desejaria...(NOBALT, 2011).

Quando seleciona o que deve ser publicado, Noblat faz uma distinção importante sobre o que é interesse público e interesse do público. Isso, porque o objetivo do seu trabalho como autor do blog é torná-lo um espaço de informação. Existe ainda uma distinção sobre o que o leitor (internauta) quer que o jornalista comente e o que este define como relevante de ser comentado.

Noblat explica que não quer que o seu blog se caracterize como um espaço onde o titular tenta fazer "a cabeça das pessoas ou tenta ganhá-las para o que ele pensa. Quero que seja um espaço, acima de tudo, de informação".(NOBLAT, 2011).

É também na função de getekeeper que Noblat destaca com uma tarja a frase "Em primeira mão",(ver Figura 16), para matérias que ele posta quando obtém a informação com exclusividade. A proposta, segundo ele, é valorizar a informação, chamar atenção do internauta para o título e o conteúdo produzido e mostrar que aquela notícia está sendo veiculada, primeiramente por ele (pelo menos naquele instante da postagem). A convergência das mídias e a velocidade como as informações circulam entre os diversos meios (TV, rádio, jornal, internet), bem como através de ferramentas como celular, smartphone[77] entre outros recursos, alteram as etapas fundamentais do trabalho jornalístico como a busca, elaboração e difusão do conteúdo. A precisão em informar que o material é dado em "primeira mão" corre sempre o risco de chocar com outros meios que também podem estar publicando o conteúdo naquele momento.

[77]Smartphone (telefone inteligente, numa tradução livre do inglês) é um telemóvel com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas executados por seu sistema operacional.



Enviado por Erich Decat - 1.5.2011 | 21h43m

EM PRIMEIRA MÃO

POLÍTICA

Governador de Santa Catarina deixa o DEM

Em reunião terminada há pouco em Florianópolis, o governador de Santa Catarina, Raimundo Colombo, decidiu que vai deixar o DEM para embarcar no PSD.

O encontro contou com a participação de integrantes da bancada dos deputados estaduais e federais.

Colombo leva com ele seis deputados estaduais do DEM e três deputados federais do partido eleitos pelo estado nas últimas eleições.

Os seis estaduais: Darci de Matos, Gelson Merisio, Ismael dos Santos, Jean Kuhlmann, Jorge Teixeira e José Nei Ascari.

Dois dos federais, Paulo Bornhausen e João Rodrigues, atualmente são secretários do governo de SC. O outro é Onofre Santo Agostini.

O ato oficial de ingresso no novo partido deve ocorrer nas próximas duas semanas. Colombo é o mais cotado para ser o presidente do novo partido no estado.

O governador faz parte do grupo do presidente de honra do DEM, Jorge Bornhausen, que, em fevereiro deste ano, foi derrotado com a confirmação do senador Agripino Maia (RN) para a presidência do partido.

A decisão de Colombo pode ser considerada como uma grande baixa no DEM que perde um dos dois governadores eleitos em outubro.

Além de Colombo, o partido conseguiu emplacar para o governo do Rio Grande do Norte, Rosalba Ciarlini, aliada de Agripino Maia.

Na semana passada, Maia chegou a dar o tom do impacto que deve gerar no partido a saída de Colombo ao afirmar que "só com a governadora do Rio Grande do Norte, Rosalba Ciarlini, o partido não resiste".

(Comentário de Noblat - *Era uma vez um partido que tinha dois governadores - o de Santa Catarina e o do Rio Grande do Norte. A deserção de Colombo, acompanhado de tantos deputados, servirá para esquentar a conversa da fusão do que resta do DEM com o PSDB. Até setembro, o partido do Kassab deverá ser dono da quarta maior bancada de deputados federais. Dilma agradece. Será mais um partido para fazer parte de sua base de sustentação. Nunca antes na história deste país tantos partidos apoiaram um presidente da República.*)

FIGURA 16 – Post "Em primeira mão –Governador de Santa Catarina deixa DEM" – veiculado dia 01/05/2011[78]

[78] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/05/01/governador-de-santa-catarina-deixa-dem-377734.aspoglobo.globo.com/pais/noblat/?periodo=20110501

Mesmo numa função de gatekeeping, Noblat não se pauta por uma produção constante de informação comerciável, característica desse tipo de sistema, como condição necessária à sua continuidade como produtor de conteúdo. Embora exista uma relação comercial estabelecida com a empresa que hospeda o blog (O Globo), Noblat está numa posição também de gatewatching que segue uma lógica diversa em que as principais características são a acessibilidade da notícia (e não apenas a seletividade do gatekeeping), permitindo a participação de outros produtores de conteúdo. Essa mesma lógica do gatewatching define uma forma diferenciada de acesso do internauta que, pela lógica do gatekeeping na produção da mídia massiva, não ganharia força o suficiente para tal. Ainda assim, consideramos que no ambiente onde se faz o jornalismo do blog do Noblat, especificamente, podemos pensar numa relação de intercessão entre os dois processos, gatekeeping e gatewatching numa dependência em graus e escalas variadas, um do outro.

Possivelmente, algumas informações possuem uma maior complexidade a serem coletadas e apuradas, assim como a visibilidade e prioridade na pauta jornalística passam a ter critérios de relevância a partir de determinados assuntos ditos factuais que envolvem desdobramentos da temática política, por exemplo, já que esta é a especificidade do blog do Noblat.

4 ESTUDO DE CASO: “MEU NOME É ANDRÉ NOBLAT. RICARDO É OUTRA PESSOA”

Nesta parte do trabalho, escolhemos um fato publicado no blog do Noblat, especificamente no dia 19 de março de 2011, em que o filho do jornalista, André Noblat, veiculou uma matéria respondendo as críticas feitas por internautas a ele e ao pai, Ricardo Noblat. O fato nos chamou atenção em função da relação de proximidade do autor do blog com seu filho que é jornalista e também músico, vocalista de uma banda de rock chamada Trampa. Para melhor entender a questão, faremos uma análise sobre alguns posts veiculados no blog, no período de 16 a 19 de março de 2011, que geraram as críticas e conflitos envolvendo o próprio autor, Ricardo Noblat, seu filho e vários internautas. O assunto foi abordado durante a entrevista com o jornalista Ricardo Noblat que fez suas ponderações sobre o tema (cuja íntegra do material encontra-se no Anexo I).

No primeiro tópico deste trabalho, fizemos uma breve citação desse objeto de estudo. Nesta parte, buscamos entender as razões que contribuíram para que Ricardo Noblat tomasse determinadas posições depois de receber várias críticas dos internautas pelas postagens realizadas em relação à temática e pela defesa do filho. Faremos uma análise tendo como base o estilo autoral com que Noblat se apresenta, assim como, alguns elementos das teorias do jornalismo, expostas no tópico anterior, como o gatekeeping e o gatewatching.

4.1 COMO TUDO COMEÇOU

O jornalista Ricardo Noblat postou, em seu blog, duas matérias do jornal O Globo (www.oglobo.globo.com) e do G1 (www.g1.com.br)[79] no dia 16 de março de 2011(Ver Figuras 17 e 18) cujo conteúdo explicava que a o Ministério da Cultura tinha divulgado um comunicado confirmando a autorização para que a cantora Maria Bethânia captasse R$ 1.3 milhão, através da Lei Rouanet, para criação do blog "O mundo precisa de poesia". A cantora interpretaria poemas que seriam publicados em vídeos no blog, numa série de 365 clipes dirigida por Andrucha Waddington[80].

[79] Portal de notícias das Organizações Globo.
[80] Diretor e produtor de cinema e de publicidade no Brasil.

Os conteúdos das matérias ressaltavam que foram utilizados "critérios técnicos e jurídicos" para aprovação da captação de recursos pela cantora e que "rejeitar um proponente pelo fato de ser famoso, ou não, configuraria óbvia e insustentável discriminação".

FIGURA 17 – “Blog de Maria Bethânia...” – veiculado 16/03/2011[81]

[81] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/03/16/blog-de-maria-bethania-custara-ao-governo-1-3-milhao-368972.asp

FIGURA 18 – Post “Blog de Betânia foi aprovado por ‘critérios jurídicos’´ – veiculado dia 16/03/2011[82]

A primeira matéria, veiculada às 15h39 (ver Figura 17), trazia informações sobre a repercussão da notícia no Twitter e alguns depoimentos de internautas. O texto ressaltava que a cantora Maria Bethânia entrara nos Trendings Topic Brasil[83] do Twitter nesse dia (16 de março de 2011), depois de receber autorização do Ministério da Cultura para captar o recurso. A matéria trazia ainda a participação do músico Lobão que registrou sua “raiva” contra os internautas através de um post bastante agressivo: “Sugeriria fezermos uma campanha tipo: DEVOLVE ESSA

[82] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/03/16/blog-de-bethania-foi-aprovado-por-criterios-juridicos-368969.asp.

[83] Os Trendings Topic ou TTs são listas em tempo real das frases mais publicadas no Twitter pelo mundo todo. Valem para essa lista as hashtags (#) e nomes próprios. O recurso de TT usa por padrão a abrangência total (worldwide), mas também é possível filtrar por países ou cidades.

PORRA BETHANIA!!! Daí essa MPB formada por cadáveres insepultos querendo permanecer no presente contínuo através da chapa branca"[84]. A matéria postada às 18h21 (ver Figura 18) também traz informações sobre a captação do recurso e trechos de uma nota do Ministério da Cultura justificando que a aprovação foi dada pela Comissão Nacional de Incentivo à Cultura, "que reúne representantes de artistas, empresários, sociedade civil (de todas as regiões do país) e do Estado", e que a decisão "seguiu estritamente a legislação e não garante, apenas autoriza a captação de recursos junto à sociedade".

No dia 17 de março de 2011, às 18h50, Noblat produz a primeira matéria sobre a temática. Com o título “Blog de Bethania: o projeto, como o governo aprovou” (Ver Figura 19), o jornalista apresenta uma síntese sobre o projeto, mostrando os objetivos, a justificativa, o conteúdo a ser veiculado e alguns itens do orçamento solicitado. Em seguida, às 20h12, lança uma “espécie” de campanha comunicacional para interagir com o internauta do blog. O post é direto: “Economize dinheiro do governo. Mande um poema. Este blog se oferece para publicar vídeos com poemas. Mandem para noblat@uol.com.br....Eventuais falhas ou uma pobre produção devem ser atribuídas à falta de incentivo governamental.” (Ver Figura 20)

Com este post, podemos perceber o lado sarcástico, debochado (como o próprio Noblat assumiu na entrevista) e humorístico que o jornalista apresenta para se posicionar diante de determinado fato, especificamente, a questão do valor financeiro que a cantora Maria Bethania estaria captando para produção de um blog. Isso fica muito claro quando ele “provoca” o internauta explicando que as possíveis falhas ou uma “pobre produção” nos clipes enviados seriam em função da falta de verbas governamentais para o material. Nesse ponto, podemos perceber a função gatewatching do Noblat. Assim, ele permite que o internauta contribua com a produção da notícia (uma das características desse conceito) e possibilita interação com os leitores do blog. O que de fato ocorreu.

[84] Na matéria veiculada no blog a frase está com letras maiúsculas.

FIGURA 19 – Post “Blog de Betânia: o projeto, como o governo aprovou” - veiculado dia 17/03/2011[85]

Depois da “convocação”, entre as 20h12 e 22h, mais quatro posts foram veiculados com clipes enviados pelos internautas. Sem saber precisar o número de vídeo que recebeu, Noblat diz apenas que “eram muitos”.

> Eu não tava criticando (Maria Bethania), estava um pouco debochando dela, porque ela tava correndo atrás de recursos da Lei Rouanet pra fazer um blog onde ela ia recitar. Ai pra eu fazer um contraponto, eu comecei a trabalhar: mande sua poesia pra cá que eu publico. Era um negócio interessante...(NOBLAT, 2011).

85

http://oglobo.globo.com/pais/noblat/Default.asp?a=111&cod_blog=129&ch=n&palavra=&pagAtual=1%20&periodo=20110317

FIGURA 20 – Post " Economize dinheiro do governo. Mande um poema" - veiculado dia 17/03/2011[86]

No dia 18 de março de 2011, mais quatro posts foram veiculados durante o dia, entre às 7h e às 18h, com clipes enviados pelos internautas. É importante registrar também que, nessa época, o blog estava empenhado na cobertura da visita do presidente dos Estados Unidos (EUA), Barack Obama, ao Brasil, que aconteceu no dia 19 de março de 2011. Na ocasião, o Blog do Noblat, assim como os demais veículos de comunicação, fizeram dessa visita pauta principal da mídia. Ainda assim,

[86] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/03/17/economize-dinheiro-do-governo-mande-um-poema-368944.asp

no blog, a temática Maria Bethânia “concorria” com o tema mais relevante em termos de noticiabilidade. Nesse ínterim, é veiculada uma matéria do Correio Braziliense cujo título “Queremos ser Maria Bethânia”, (ver Figura 21) relatava a mobilização de internautas via redes sociais Twitter e Facebook, para uma manifestação em frente ao Ministério da Cultura, em Brasília, às 18h.

FIGURA 21 – Post “ Queremos ser Maria Bethânia” – Veiculado dia 18/03/2011[87]

[87] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/03/18/queremos-ser-maria-bethania-368929.asp

A junção dessa veiculação mais os vídeos enviados pelos internautas e devidamente selecionados e postados pelo autor do blog demonstra certa "preferência" do jornalista Noblat pelo assunto, estimulando o debate no espaço do blog. A triagem dos vídeos, que, segundo o autor, foi feita por ele de forma individual e sem critérios de preferência por uma temática especifica, reforça sua função de gatekeeper, conceito, abordado no tópico anterior, que estabelece que o fluxo de notícias dentro dos meios de comunicação passa por zonas, por filtros que definem qual material será aceito e qual será rejeitado. Neste caso, fica ainda mais clara essa função de Noblat, uma vez que essa posição já fora exercida por ele no período em que atuava na mídia impressa, e segue dentro da mesma conceituação na produção do blog.

No dia 19 de março de 2011, continua o mesmo esquema de produção, com a triagem dos vídeos enviados pelos internautas e a postagem de três deles. A partir do primeiro vídeo veiculado às 9h48, começam os comentários de internautas sobre a participação do filho de Noblat, André Noblat, como beneficiário da Lei Rouanet. Um dos comentários foi do internauta que se assina com o nome Tiago Kramer de Oliveira[88]:

> Noblat, eu acho legal sua ironia com o um milhão de reais que a Maria Bethania conseguiu para declamar poemas, o que é um absurdo, mas gostaria de saber se é verdade o post do blog dos amigos do presidente Lula, que diz que seu filho também recebeu o benefício de quase um milhão. (COMENTÁRIO BLOG NOBLAT, 19/03/11, ÀS 10h).

Esse comentário traz uma informação nova em relação aos demais posts. Refere-se a uma matéria veiculada no blog "Amigos do presidente Lula" (Ver Figura 22), cujo conteúdo fala que "o filho do blogueiro (Ricardo Noblat), André Scatrut Noblat, é vocalista da banda de rock Trampa, de Brasília, e também arrancou R$ 954 mil dos cofres públicos, através desta mesma Lei Rouanet, para realizar concertos da banda de rock com uma orquestra sinfônica..." . Com este dado, boa

[88] Ver todos os comentários sobre esta postagem no link: http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/03/19/economize-dinheiro-do-governo-mande-seu-poema-8-369744.asp. É importante registrar que os comentários não passaram por revisões gramaticais para não interferir na autenticidade do texto. Portanto, foram apresentados neste trabalho conforme publicações no blog.

parte dos demais comentários posterior sobre a temática faz uma provocação a Ricardo Noblat para que ele explique sobre esta afirmação publicada na matéria.

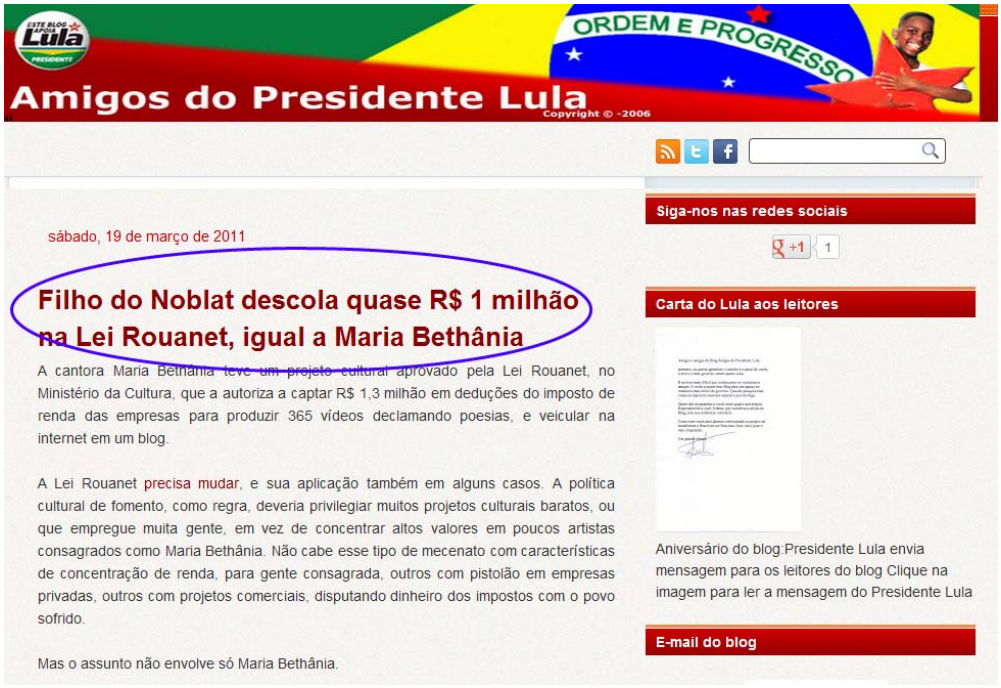


FIGURA 22 – Post “ Filho do Noblat...” – Veiculado dia 19/03/2011 no blog www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br[89]

Outro comentário é feito por um internauta que tem como apelido “Ibrito”. Apelido é um recurso permitido por Noblat para que o usuário do blog possa manifestar sua opinião. Consta das Regras do Blog, conforme apresentado no primeiro tópico deste trabalho. O texto foi publicado às 12h24:

> O filho do blogueiro, André Scatrut Noblat, é vocalista da banda de rock Trampa, de Brasília, e também arrancou R$ 954 mil dos cofres públicos, através desta mesma Lei Rouanet, para ‘realizar concertos da banda de rock com uma orquestra sinfônica...’. Estamos aguardando explicações pra saber se verdade ou ate que ponto são operações parecidas. (COMENTÁRIO BLOG NOBLAT, 19/03/11, ÀS 12h24).

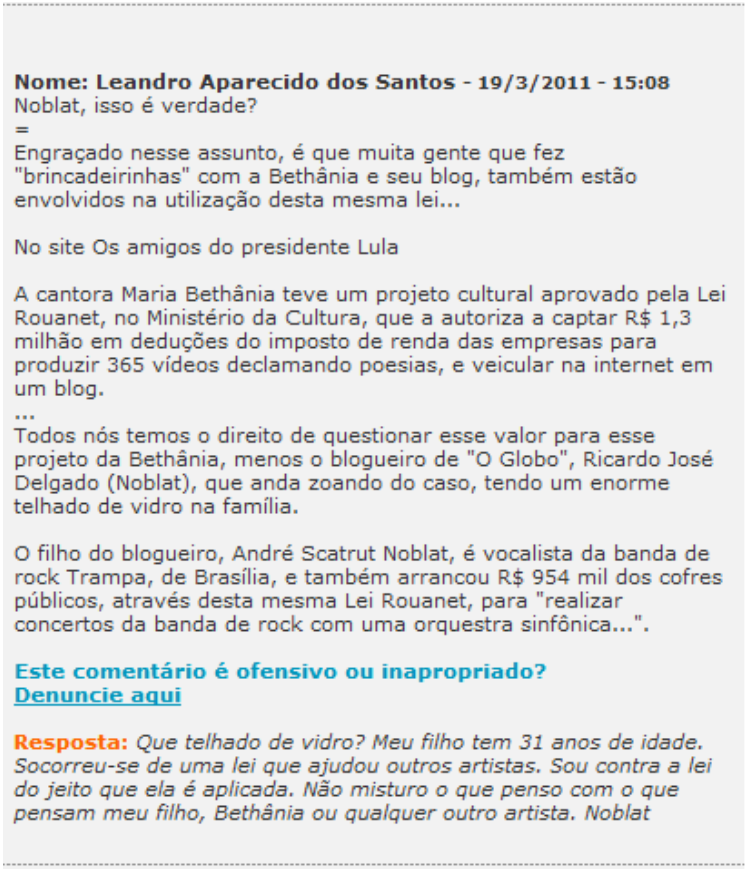
A partir desses comentários, começa uma série de provocações dos demais internautas ao jornalista Noblat para que ele explique as informações sobre a participação ou não do filho dele, André Noblat, na captação de recursos junto à Lei

[89] http://osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br/2011/03/filho-do-noblat-descola-quase-r-1.html

Rouanet para viabilizar a banda de rock na qual o próprio André é vocalista. Um dos internautas, que se assina com o nome Valfredo José dos Santos, faz dois comentários provocativos:

> Se explica Noblat, agora explica direitinho por que seu filho tá na mira também, não faça como você vem fazendo com a Bethânia... (COMENTÁRIO BLOG NOBLAT, 19/03/11, às 13h33)
>
> ----------
>
> Economiza o dinheiro do governo. Mande seu filho parar de tocar. (COMENTÁRIO BLOG NOBLAT, 19/03/11, às 14h09)

Até então, Noblat não tinha respondido aos comentários dos internautas. Com o segundo vídeo, publicado às 14h35, o internauta Leandro Aparecido dos Santos instiga o blogueiro a se posicionar sobre o assunto. A partir dessa publicação, Noblat começa a responder alguns dos comentários no próprio espaço destinado aos usuários do blog. Depois do texto do internauta, ele coloca a palavra “resposta” grifada com a cor vermelha e, em seguida, a resposta vem em itálico e com seu nome no final. (Ver Figura 23)



Nome: Leandro Aparecido dos Santos - 19/3/2011 - 15:08
Noblat, isso é verdade?
=
Engraçado nesse assunto, é que muita gente que fez "brincadeirinhas" com a Bethânia e seu blog, também estão envolvidos na utilização desta mesma lei...

No site Os amigos do presidente Lula

A cantora Maria Bethânia teve um projeto cultural aprovado pela Lei Rouanet, no Ministério da Cultura, que a autoriza a captar R$ 1,3 milhão em deduções do imposto de renda das empresas para produzir 365 vídeos declamando poesias, e veicular na internet em um blog.
...
Todos nós temos o direito de questionar esse valor para esse projeto da Bethânia, menos o blogueiro de "O Globo", Ricardo José Delgado (Noblat), que anda zoando do caso, tendo um enorme telhado de vidro na família.

O filho do blogueiro, André Scatrut Noblat, é vocalista da banda de rock Trampa, de Brasília, e também arrancou R$ 954 mil dos cofres públicos, através desta mesma Lei Rouanet, para "realizar concertos da banda de rock com uma orquestra sinfônica...".

Este comentário é ofensivo ou inapropriado?
Denuncie aqui

Resposta: *Que telhado de vidro? Meu filho tem 31 anos de idade. Socorreu-se de uma lei que ajudou outros artistas. Sou contra a lei do jeito que ela é aplicada. Não misturo o que penso com o que pensam meu filho, Bethânia ou qualquer outro artista. Noblat*

FIGURA 23 – Comentário Blog do Noblat - 19/03/11 – às 15h08

Entre vários comentários dos internautas, total de 64, considerando os três últimos vídeos publicados no dia 19/03/11, Noblat responde alguns que parecem mexer em pontos cruciais de sua relação como profissional em detrimento da relação paternal com o filho. Nesse ponto, precisamos perceber algumas nuances que envolvem esta relação no contexto profissional do jornalista Ricardo Noblat. Há uma marca institucionalizada que é o Blog do Noblat, por essa ocasião completando 7 anos de existência, um legado construído ao longo dos seus mais de 44 anos de atuação na imprensa brasileira e a consolidação de um estilo próprio do seu fazer jornalístico. No entanto, nesse contexto, Ricardo Noblat também é pai. E é esta função ou este papel preponderante que parece alterar o modo de expressar o seu estilo profissional neste caso, especificamente.

> Sempre que respondo, eu me sinto sempre como jornalista. E antes de ser jornalista a gente tem que dar satisfação ao público. No caso, eu achei que deveria responder sim. 'O Noblat critica a Lei Rouanet e o filho dele usa?' Não tem nada a ver com meu filho...meu filho não tem que achar o que eu acho e eu achar o que ele acha...até que ele foi muito feliz no artigo dele ao escolher aquele título.
> Assim como eu expliquei, ele que estava apanhando...tinha que se defender. Seu eu abro espaço pra outras pessoas que eventualmente são alvo de críticas e podem responder essas críticas, por que não vou abrir espaço para André, que por sinal tava ali apanhando por causa de mim? (NOBLAT, 2011).

Posicionar-se jornalisticamente? Noblat pode até defender esta posição como o fez quando abordado durante a entrevista em novembro de 2011 (integra no Anexo), e recortes da sua falar no texto acima. No entanto, acompanhando suas respostas sobre esta temática no espaço do internauta seu modo de expressar sua opinião parece dizer muito mais da sua função como pai do que mesmo como jornalista. Naturalmente, precisamos considerar a relação muito tênue entre um lado e outro que geram conflitos, tendências e pouco ou quase nada pode se exigir para o autor do blog ou, possivelmente, qualquer outro profissional que estivesse na sua posição, um tipo de conduta especifica para situações como esta.

4.2 RICARDO NOBLAT X ANDRÉ NOBLAT

A internet contribui para moldar as formas como se vive e experimenta a produção de noticia. Não é apenas apurar e checar as informações, assim como

selecionar, fazer uma triagem do que deve ou não ser publicado. Produzir conteúdo noticioso para internet requer o entendimento que o retorno da publicação acompanha a mesma velocidade da sua inserção. É perceber, ainda, que há mudanças de paradigmas no processo comunicacional que envolve não apenas uma ação direta do provedor de conteúdo mais uma resposta quase que de imediato do internauta que não é mais um leitor passivo. A facilidade tecnológica da internet permite manusear seus recursos para obter informações. No campo jornalístico, isso se apresenta como um desafio diário para os profissionais da área. Os jornalistas aprendem a conviver com essa realidade e constroem novas formas de percepção que fluem no processo comunicativo. Cabe, então, refletir até que ponto essas mudanças contribuem para minar os fundamentos do jornalismo defendidos na cultura profissional. O fundamento histórico do jornalismo esta no conhecimento da realidade, na apuração dos fatos e na apresentação de uma narrativa coerente com esses dados, isenta de opiniões e de parcialidade. Pode-se perceber tal assertiva quando a função do profissional está totalmente interligada com o personagem da notícia? Ricardo Noblat e André Noblat estão interligados por uma afinidade não meramente profissional, já que ambos são jornalistas, mas, sobretudo, por uma relação familiar entre pai e filho.

Assim, um dos internautas que têm o apelido de “Alef_Santos” faz uma série de comentários a partir das 20h10, a exemplos desses: “Enquete rápida: Noblat foi malandro ou foi mané ao omitir o filho no caso da Lei Rouanet?”; “Economize dinheiro do governo. Mande sua banda. Vamos ser democráticos e dividir o espaço”. Ricardo Noblat não responde a estes e outros comentários dessa postagem. Contudo, às 20h52, o jornalista libera um espaço no blog, hierarquicamente destinado a ele como autor, para que o seu filho, André Noblat, publicasse um artigo respondendo as críticas que estavam sendo feitas na área de comentários do blog. (Ver Figura 24)

> O André chegou pra mim e disse, “pai, eu queria fazer um artigo explicando. Eu não sou contra a Lei Rouanet, mas acho que ela deve servir melhor, principalmente para artistas novos. Tá parecendo que tô tendo o mesmo privilegio da Maria Bethânia. A gente não vai ganhar nada...é oito mil reais por quatro shows, porque eles fazem um negócio pra o pessoal da periferia assistir de graça. O show não é pago, o teatro é aberto....”.
> Eu digo: então escreva. E vamos publicar. Ele escreveu. (NOBLAT, 2011).

FIGURA 24 – Post " Meu nome é André Noblat. Ricardo é outra pessoa" – Veiculado dia 19/03/2011[90]

No post, André Noblat explica, com alguns detalhes, a necessidade de responder aos internautas sobre a celeuma que envolveu o seu nome, sua banda, Trampa Sinfônica, e a captação de verba através da Lei Rouanet para viabilizar as apresentações musicais em vários estados do Brasil. Em temas mais instigantes

[90] http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/03/19/meu-nome-andre-noblat-ricardo-outra-pessoa-368900.asp

como cachê, número de espetáculos realizados, e valores captados para produção, os textos estão destacados na cor vermelha, uma forma de chamar atenção e ressaltar a informação. Consta ainda no post um vídeo com apresentação da banda Trampa Sinfônica no Teatro Nacional de Brasília sob a regência do maestro Silvio Barbato. Nessa postagem, o blog recebeu 97 comentários e apenas um foi direcionado ao André Noblat, os demais textos foram específicos a Ricardo Noblat. Do total dos comentários, apenas nove foram respondidos pelo autor do blog no próprio espaço do internauta. Elencamos seis (Ver Figuras 25, 26, 27, 28, 20 e 30)[91], em função do teor agressivo nas respostas do jornalista Ricardo Noblat.

Nas respostas dos comentários, podemos perceber o quanto Ricardo Noblat está incomodado com a falta de entendimento dos internautas em relação às explicações dadas pelo seu filho André sobre sua captação de recursos para banda Trampa, através da Lei Rouanet. Usando do seu estilo direto e objetivo, Noblat responde de modo agressivo ao internauta apelidado de “reefer”, o primeiro usuário a fazer o comentário logo após a postagem do texto de André Noblat. (A postagem de André Noblat foi às 20h52 e o comentário do “reefer” foi às 21h, conforme Figuras 24 e 25, respectivamente). O “reefer” parece estar insatisfeito com as explicações do André Noblat e faz uma indicação para que o autor do blog pare de “falar mal” da cantora Maria Bethania já que o blog dela, assim como o do André Noblat, não visava ao lucro. No entanto, Noblat “rebate” a informação com a explicação: “Visa, sim. Ela ganhará 600 mil reais em 1 ano para declamar 365 poemas”. Na resposta ao internauta com apelido “MiraSorvino”, conforme a Figura 26, Noblat diz que seu comentário “é tolo, idiota”. Questiona uma frase que o internauta usa, (“que telhado de vidro tenho?”), e parece assumir uma postura de pai protetor, a exemplo de, “ vc não entendeu ou não quis entender nada do que André escreveu”.

[91] Todos os comentários podem ser visto através do link: http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/03/19/meu-nome-andre-noblat-ricardo-outra-pessoa-368900.asp

FIGURA 25 – Comentário Blog do Noblat - 19/03/11 – às 21h

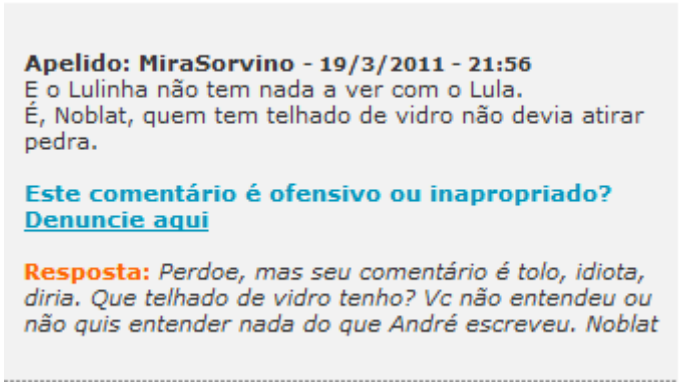
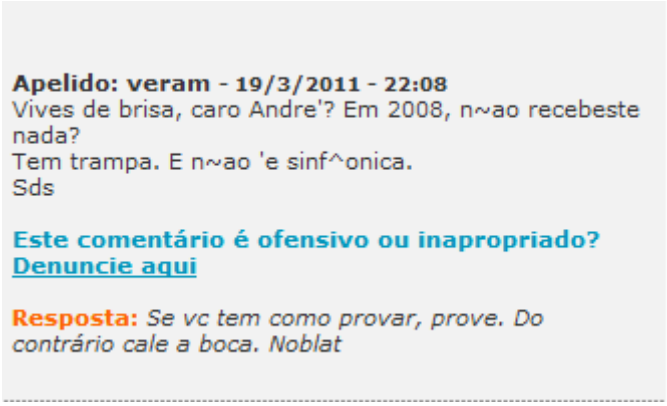


FIGURA 26 - Comentário Blog do Noblat – 19/03/11 – às 21h56

Nos comentários contidos nas Figuras 27 e 28, Noblat “aumenta o tom” das respostas e passa a ficar mais agressivo nas suas colocações. Às 22h08 o internauta apelidado de “veram” faz o primeiro comentário provocativo, (Fig. 27) não ao blogueiro Noblat, especificamente, mas ao filho, André Noblat. “ Vives de brisa, caro André? Em 2008, não recebestes nada?”. Noblat reponde de forma agressiva e direta: “ Se vc tem como provar, prove. Do contrário cale a boca. Noblat”. O internauta faz o segundo comentário, às 23h01, (Fig. 28) exigindo explicações do blogueiro quanto à expressão “calar a boca”, ressaltando que ela tinha um sentido de censura. Aponta uma série de nomes de personalidades no meio político e econômico e faz insinuações de que elas beneficiam seus parentes, assim como o André Noblat, em função das relações de influências junto ao Governo Federal e empresas que participam de projetos da Lei Rouanet. Noblat responde que ele (internauta) não tem como provar, e “se acha no direito de afirmar com base em nada”. Explica então que isso é “coisa de irresponsável”. Fazendo uso do sua prática jornalística diária na cobertura de assuntos relacionados à política, Noblat

contextualiza a temática abordada pelo internauta e responde a provocação. “Em tempo: O Congresso cassou Collor. A Procuradoria Geral da República denunciou os mensaleiros. O dinheiro da Lunnus era ilegal, sim, porque doado para alguém que ainda não era sequer candidata. Noblat”.

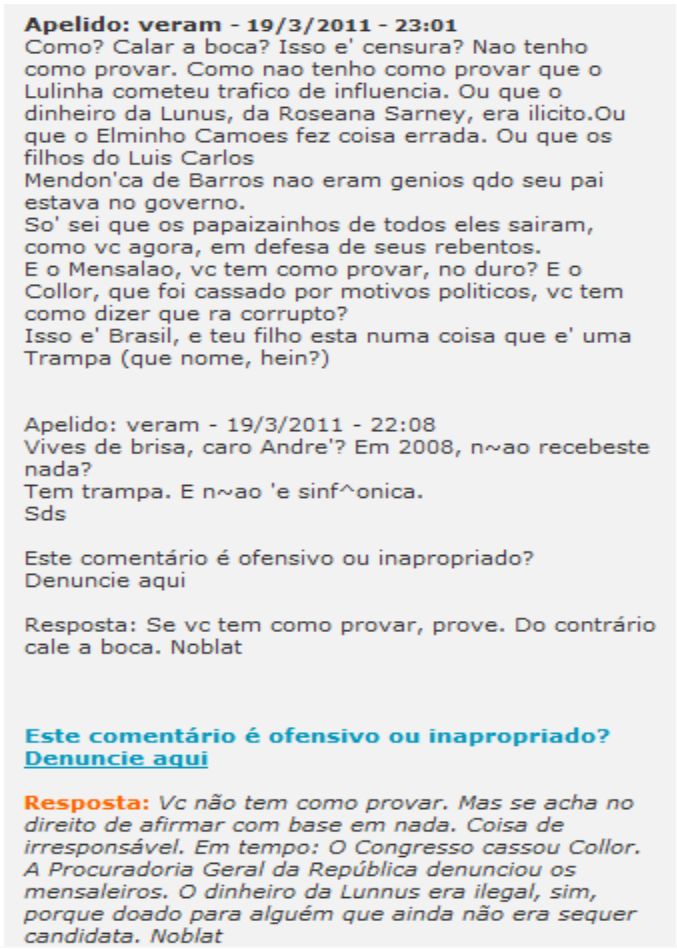


Apelido: veram - 19/3/2011 - 22:08
Vives de brisa, caro Andre'? Em 2008, n~ao recebeste nada?
Tem trampa. E n~ao 'e sinf^onica.
Sds

Este comentário é ofensivo ou inapropriado?
Denuncie aqui

Resposta: *Se vc tem como provar, prove. Do contrário cale a boca. Noblat*

FIGURA 27 – Comentário Blog do Noblat – 19/03/11 – às 22h08



Apelido: veram - 19/3/2011 - 23:01
Como? Calar a boca? Isso e' censura? Nao tenho como provar. Como nao tenho como provar que o Lulinha cometeu trafico de influencia. Ou que o dinheiro da Lunus, da Roseana Sarney, era ilicito.Ou que o Elminho Camoes fez coisa errada. Ou que os filhos do Luis Carlos
Mendon'ca de Barros nao eram genios qdo seu pai estava no governo.
So' sei que os papaizainhos de todos eles sairam, como vc agora, em defesa de seus rebentos.
E o Mensalao, vc tem como provar, no duro? E o Collor, que foi cassado por motivos politicos, vc tem como dizer que ra corrupto?
Isso e' Brasil, e teu filho esta numa coisa que e' uma Trampa (que nome, hein?)

Apelido: veram - 19/3/2011 - 22:08
Vives de brisa, caro Andre'? Em 2008, n~ao recebeste nada?
Tem trampa. E n~ao 'e sinf^onica.
Sds

Este comentário é ofensivo ou inapropriado?
Denuncie aqui

Resposta: Se vc tem como provar, prove. Do contrário cale a boca. Noblat

Este comentário é ofensivo ou inapropriado?
Denuncie aqui

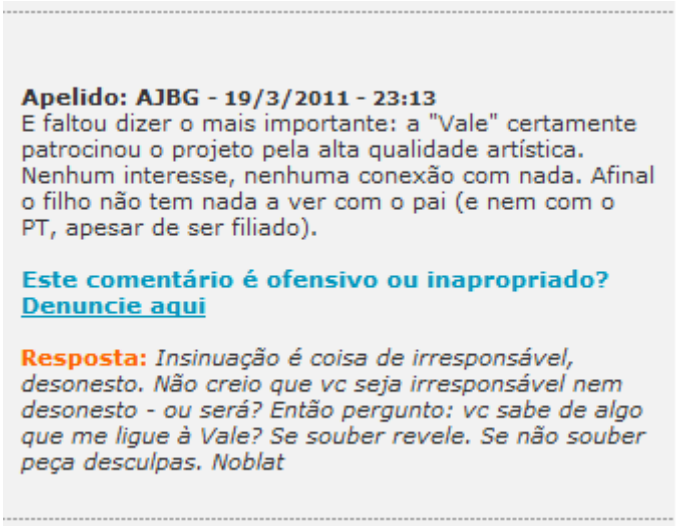
Resposta: *Vc não tem como provar. Mas se acha no direito de afirmar com base em nada. Coisa de irresponsável. Em tempo: O Congresso cassou Collor. A Procuradoria Geral da República denunciou os mensaleiros. O dinheiro da Lunnus era ilegal, sim, porque doado para alguém que ainda não era sequer candidata. Noblat*

FIGURA 28 – Comentário Blog do Noblat – 19/03/11 – às 23h01

Ainda que venhamos a pensar numa análise como pesquisador social, visando entender as funções do gatekeeper e do gatewatching que o jornalista

Ricardo Noblat vem praticando, precisamos considerar o laço familiar que une as duas pessoas, pai e filho, Ricardo Noblat e André Noblat. Reiteraria aqui, neste ponto, a premissa de que os jornalistas não podem ser categorizados como meros observadores passivos uma vez que há uma relação direta entre os fatos que ocorrem dentro da sociedade, na qual ele também está inserido, e o modo como os jornalistas percebem esses fatos. Portanto, a passividade profissional dá lugar para participação ativa.

No comentário do internauta apelidado de “AJBG” (Fig. 29), a provocação está na insinuação de que houve favorecimento para que André Noblat conseguisse o recurso financeiro em função da relação de Ricardo Noblat com a Vale, empresa de mineração e siderúrgica.


Apelido: AJBG - 19/3/2011 - 23:13
E faltou dizer o mais importante: a "Vale" certamente patrocinou o projeto pela alta qualidade artística. Nenhum interesse, nenhuma conexão com nada. Afinal o filho não tem nada a ver com o pai (e nem com o PT, apesar de ser filiado).

Este comentário é ofensivo ou inapropriado?
Denuncie aqui

Resposta: *Insinuação é coisa de irresponsável, desonesto. Não creio que vc seja irresponsável nem desonesto - ou será? Então pergunto: vc sabe de algo que me ligue à Vale? Se souber revele. Se não souber peça desculpas. Noblat*

FIGURA 29 – Comentário Blog do Noblat – 19/03/11 – às 23h13

Noblat responde enfaticamente que “insinuação é coisa de irresponsável, desonesto” e solicita ao internauta que ele prove que existe alguma ligação dele (Noblat) com a Vale e se isso não é possível, que ele(o internauta) “peça desculpas”. Novamente, percebemos o modo direto e incisivo de Noblat em relação às suas respostas. Podemos analisar também a fluidez com que se estabelece a relação do blogueiro e o internauta. Uma espécie de “bate bola”, num “ toma lá dá cá” entre o blogueiro e o blogauta, este último participa ativamente do processo comunicacional, provocando o debate. A função do Noblat como gestor do conteúdo do blog se faz não só como autor da produção, mas também responsável pelo retorno das demandas reivindicadas pelos internautas. Nessa função, ele é parte do processo interativo e rompe com concepções lineares do formato comunicacional massivo e

provoca novas reconfigurações na relação de autor e internauta. Na questão sobre estes comentários, devidamente liberados por Noblat para serem veiculados, está inserido a ação dele como autor na seleção e na triagem dos comentários que serão respondidos.

No comentário do blogauta que tem o apelido de “ MiraSorvino” (Ver Figura 30), Noblat parece perder a calma e assume um papel de pai em situação de desespero quando percebe que alguém está “mexendo” com seu filho. Tão longo o internauta relata que, em função da gritaria dos cantores durante a apresentação da banda, isto seria motivo suficiente para que as 40 crianças não voltassem mais ao teatro. O blogueiro entra na defesa do filho. Explica que não foram “apenas 40 criancinhas. O teatro lotou. Tiveram que pôr telão do lado de fora para quem não conseguiu entrar. Vc escreve sobre o que desconhece. Noblat”.

Apelido: MiraSorvino - 19/3/2011 - 23:57

Só pra deixar bem claro, a parte da orquestra com o maestro Silvio Barbato é uma coisa, o tal do cara que estraga repetindo "te presenteio com a fúria" e os outros nada a ver na frente é que são os tais que receberam o dinheiro da Lei.
Agora, é por isso que falta púvlico no Brasil. As 40 criancinhas que foram ao teatro a primeira vez para ver esse cara gritando, com certeza jamais irão voltar.

Este comentário é ofensivo ou inapropriado?
Denuncie aqui

Resposta: *Não foram 40 criacinhas. O teatro lotou. Tiveram que pôr telão do lado de fora para quem não conseguiu entrar. Vc escreve sobre o que desconhece. Noblat*

FIGURA 30 – Comentário Blog do Noblat – 19/03/11 – às 23h57

A reação do autor do blog pode parecer, no primeiro momento, algo inadmissível para função de jornalista, no entanto, este ato mostra uma posição de pai. As respostas de Ricardo Noblat dão ares de querer ressaltar informações que não estão devidamente expostas no texto, mas que fazem parte da relação afetiva entre pai e filho. A este blogauta, especificamente, Noblat parece querer “defender” e mostrar o quanto o filho está fazendo um trabalho sério, comprometido com uma

visão social, que atende uma parte de um público que não frequenta teatro e não tem acesso a esse tipo de evento.

Na área de comentário do blog, percebemos que a emissão de opinião, os questionamentos e as críticas incisivas pelos blogautas em relação a essa temática foram expostas e arquivadas no link referente ao post. E conforme as Regras do Blog (citadas na primeira parte deste trabalho), os comentários retirados das páginas são aqueles que configuram qualquer tipo de crime de acordo com as leis do país ou contenham insultos, agressões, ofensas e baixarias. Ainda que se possa entender que boa parte dos textos apresentados pelos internautas bem como as respostas do autor do blog chegam a ser ofensivos ou indelicados, o conteúdo não foi retirado da página.

Isso pode apontar para algumas reflexões: a conotação de liberdade de opinião, a ausência de censura ou a aceitação da crítica como parte do processo profissional do jornalista. No entanto, precisamos questionar a liberação do espaço, hierarquicamente destinado ao blogueiro para que o seu filho André Noblat respondesse aos internautas. A justificativa do autor do blog está firmada na postura que ele estabelece para qualquer pessoa que tenha recebido críticas através do seu blog. “Se eu abro espaço pra outras pessoas que eventualmente são alvo de criticas, por que não vou abrir espaço para André, que, por sinal, tava ali apanhando por causa de mim?” (NOBLAT,2011).

Noblat abriu espaço por que André estava sendo criticado ou por que as provocações eram feitas para ele como o blogueiro e seu filho foi um álibi para os internautas? Ricardo Noblat não deixa claro em suas respostas se foi uma coisa ou outra ou a duas ao mesmo tempo. O que podemos percebe é uma participação direta, incisiva e contundente do autor do blog nas respostas publicadas no espaço destinado aos internautas. Noblat se envolve no contexto narrativo e, na medida em que vai respondendo as provocações, também demonstra irritabilidade e desconforto nas constantes abordagens feitas pelos blogautas.

Essa narrativa do autor pode ser compreendida como um gênero híbrido entre o jornalismo de opinião e a sua contraparte noticiosa. Na afirmação do seu estilo de produção e interação com o internauta, Noblat consolida uma postura que ele estabeleceu como apropriada para esse tipo de situação. Contudo, de uma forma ou de outra, há mudanças substanciais nas possibilidades interativas entre jornalista e internauta, uma vez que se cria um ambiente opinativo, do qual o leitor é

expressamente convidado a participar. Essa interatividade existe e interfere em graus distintos nas postagens, principalmente quando norteiam uma relação de retroalimentação entre posts e comentários que geram novas postagens como respostas ou posts criticados e polemizados pelos internautas.

Nesse sentido, a “campanha comunicacional” iniciada pelo blogueiro a partir do post “Economize dinheiro do Governo. Mande seu poema” (ver Figura 21), provocou a produção de conteúdo e os comentários foram valorizados, interferindo diretamente na construção de outras postagens e, ao mesmo tempo, quebrando, em certos aspectos, a hierarquia imposta de um modelo unidirecional entre emissor e internauta.

Outro aspecto importante a ser apontado neste estudo é a postura do autor do blog. Mais do que um produtor de informação, o blogueiro é um gestor. Noblat parece confirmar seu estilo personificado no seu modo de narrar seus comentários e ratifica sua postura como jornalista, quando estabelece sua função de gatekeeper e gatewatching. No entanto, percebemos um desconforto para o blogueiro em relação à temática especifica por se tratar do envolvimento de uma pessoa intimamente ligada a ele. Raquel Recuero (2003) diz que

> uma das características dos blogs é a personalização da informação. Aqui, falamos em personalização no sentido de que a informação encontra-se imbuída da persona de seu autor, daquele que a divulga. Esta personalização é presente não apenas no conteúdo e na assinatura do autor, mas também no formato gráfico (cores, formato do site, fontes etc.) do blog, nos links colocados ali, na foto do autor, ou mesmo nos ‘clicks‘. Aquilo que é veiculado num blog não tem a pretensão de ser uma informação neutra. Ao contrário, existe o pressuposto claro de que alguém escreve e que a informação corresponde ao relato, à visão ou à opinião deste alguém sobre o evento. São discursos pessoais.

Podemos perceber essa assertiva de Recuero na maneira como Noblat responde enfaticamente seus comentários. Não há neutralidade na informação. Muito pelo contrário. Ele reafirma sua posição e pensamento diante dos fatos abordados pelos internautas e provoca novas discussões através do espaço do blog.

Mesmo que venhamos a discordar de determinada postura ou posição em relação ao assunto em pauta, compreendemos que o autor do blog buscou “mapear” o conflito dando vozes aos personagens envolvidos, liberando espaço no blog para

postagens de artigos ou matérias sobre a temática. O seu estilo e o modo como se apresenta são inerentes ao autor pela sua personalização narrativa aliada ao potencial conversacional presente na relação entre blogueiro e blogauta.

Observamos, neste caso, o hibridismo entre os processos comunicacionais através da interação do autor do blog com o internauta e a construção de outras produções a partir dessa relação. Podemos, então, visualizar que o jornalista não tem medo de opinar. A opinião de Noblat não representa um empecilho e soma-se à participação do internauta para reconfigurar a prática jornalística que está posta não mais como uma informação estanque, e, sim, com a interligação entre o autor do blog e o internauta.

Diante das mutações em curso, é legitimo afirmar que os aspectos centrais do paradigma jornalístico estão conquistando novas referencialidades, baseadas em valores culturais da sociedade onde o fazer jornalístico vai se estabelecendo numa paisagem mais interativa, participativa, sem, no entanto, deixar de existir por completo a função de um mediador, de um gestor de conteúdo.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No momento em que o jornalismo vem se estabelecendo no ciberespaço em plataformas como sites e portais, redes sociais e, especificamente, em blog, podemos apontar algumas considerações sobre o trabalho apresentado em função da prática de produção de conteúdo que se configura numa forma de comunicação entre emissor e internauta, tanto de modo interativo, como de forma impositiva pelo produtor. Podemos considerar, ainda, que o Blog do Noblat parte dessa relação que se institui entre essas duas instâncias.

É nesse fazer jornalístico que o blogueiro Ricardo Noblat se apropria da condição de mediador e produz, seleciona, faz a triagem e no ato de exteriorizar as matérias, comentários, vídeos, fotos, artigos (produzidos por ele ou colaboradores), Noblat consolida a sua marca autoral, o seu estilo de saber controlar o conteúdo a ser veiculado. O jornalista também se torna um líder de fóruns comunicacionais em função da mediação que ele faz entre os internautas/blogueiros que participam do blog através de comentários. Essa relação simbiótica entre emissor/mediador e internauta alimenta e estimula a produção de conteúdo. Consideramos, é claro, que o ciberespaço é um facilitador desse processo. O hibridismo entre produtor de conteúdo e o internauta possibilita, então, uma reconfiguração do fazer jornalístico.

Percebemos, também, que o jornalista Ricardo Noblat, apesar de estar enraizado num contexto comunicacional da mídia impressa ao longo dos seus 44 anos de vida profissional, reinventa-se. Migrou para internet em 2004, foi o precursor de blog político no Brasil - sob a égide da credibilidade jornalística conquistada em sua trajetória profissional - e se consolidou como referência no ciberespaço. Recebeu vários prêmios na categoria blog jornalístico entre eles, The BOBs (Best Of The Blogs) de 2004[92] , Prêmio Comunique-se 2011[93] , e sua participação na rede social do Twitter, espaço onde divulga o conteúdo do blog, foi apontada no topo da lista dos perfis mais influentes em assuntos políticos no Brasil em 2012[94] . O blog

[92] Concurso internacional de weblogs promovido pela empresa estatal alemã de comunicação internacional Deutsche Welle desde 2004. Categoria voto de usuários, com 48% dos votos e o responsável por divulgar a CPI dos Correios, no ano de 2005.
[93] Categoria TIM do Jornalista de Blog e Tecnologia.
[94] Em abril/2012, mencionado no tópico três desse trabalho.

entra até julho/2012 no Facebook e já faz uso de ferramentas de conversação ao vivo, como a Hangout On Air[95] para transmitir entrevistas e debates.

O jornalista, numa visão empreendedora do processo comunicacional, mergulha avidamente no contexto tecnológico virtual, possibilitado pela internet, e faz uso de ferramentas que contribuem para um maior dinamismo na veiculação do conteúdo produzido. Ricardo Noblat, apesar dos seus 63 anos de idade, não está à margem da fluidez comunicacional que vem sendo reconfigurada na medida em que as demandas de produção aumentam e vão se fazendo existir no campo jornalístico do ciberespaço. Noblat está inserido no processo, sendo parte dessa construção que aponta para novas paisagens comunicacionais e se estabelece como gestor de um conteúdo: o Blog do Noblat.

É importante enfatizar que o Blog do Noblat não é simplesmente carregador "neutro" de informação. As apropriações técnicas de ferramentas que permitem a criação, seleção e veiculação do conteúdo trazem determinados efeitos na sua prática que possibilitam visualizar o estilo autoral do jornalista Ricardo Noblat. Quando destacamos etnograficamente todo o percurso de produção do blog que remete a sua rotina diária, entendemos que a sua marca profissional está associada ao modo como ele estabelece seu ritmo numa sobrecarga de trabalho e tempo que vai muito além de 20 horas de produção.

Percebemos, ainda, que Noblat transita entre o jornalismo dito clássico, posições de gatekeeping e gatewatching, com técnicas de apuração, triagem, seleção e definição do que deve ser ou não publicado, e, ao mesmo tempo, faz uso de variações tecnológicas para consolidar o seu trabalho como jornalista e cria uma relação direta, interativa e dinâmica com o internauta do seu blog. No seu estilo autoral, também permite a veiculação de conteúdos diversos como vídeos, músicas, poemas, charges, artigos de outras temáticas fora do campo político e utiliza, ainda, campanhas comunicacionais dentro do blog para que o blogauta, a partir desse material, possa participar, interferir e reproduzir outros conteúdos a ser veiculado.

Quanto ao estudo de caso "Meu nome é André Noblat. Ricardo é outra pessoa", a marca autoral do blogueiro também se fez presente. Aqui, especificamente, numa relação em que não há desligamento entre o jornalista-blogueiro, Ricardo Noblat e seu filho. Nessa análise, percebemos o estágio de

[95] Ferramenta do Google Plus que transmite, compartilha e gravar discussões ao vivo entre grupo de pessoas. Ainda em fase de consolidação. Começou a funcionar a partir do dia 07 de maio de 2012.

pertencimento que o blogueiro assumiu quando sentiu na pele uma ação provocativa direta contra o filho. O confronto entre o blogueiro e os blogautas, sobretudo quando o gestor do blog é o próprio pai, saiu da isenção, da imparcialidade jornalística para dar lugar ao que comumente chamamos de “amor de pai”. Nesse contexto, é quase que natural que venhamos a entender essa postura. No entanto, não estamos aqui analisando a relação fraternal entre as partes e sim a liberação do espaço jornalístico do blogueiro para que seu filho, André Noblat, fizesse a defesa, e o embate travado entre blogueiro e blogauta na área de comentários do blog. Nesse recorte, especifico, Noblat consolida seu estilo autoral como dominador e controlador do espaço midiático e modifica práticas referentes às formas de emissão e interação no campo jornalístico que se faz em blog. Noblat se posiciona na sua narrativa textual em muitas postagens, algumas citadas neste trabalho, de forma arrogante, atrevida e tendenciosa, não no sentido político-partidário, mas numa postura de instigar o debate.

Sobre a metodologia, entendemos que o método não cria as respostas. No entanto, o uso da pesquisa etnográfica estimulou o “mergulho” que fizemos dentro do Blog do Noblat, para poder entender o objeto de estudo e deixar fluir o processo de construção do sentido dos seus usos, as nuanças jornalísticas entre as práticas tradicionais e as vivenciadas no ciberespaço, sem perder de vista os conceitos que fundamentam o jornalismo. Nesse contexto, descobrimos alguns elementos que contribuem e personificam o estilo autoral do jornalista Ricardo Noblat.

Na busca em tentar responder a questão inicial desse trabalho, poderíamos dizer que a marca autoral do jornalista Ricardo Noblat está em saber controlar as informações que recebe, que apura, seleciona e define como prioridade e distribui através do blog. Faz-se ainda no modo como ele enfatiza seus comentários, nos textos agressivos, provocantes, irônicos, críticos e em alguns momentos bem humorado, em outros, inclusive, deselegante.

Esse conjunto de traços que o caracteriza e personifica o seu estilo autoral seria um formato de jornalismo a ser consolidado? Não se faz aqui uma exclusividade da prática jornalística do blogueiro Ricardo Noblat, pois não se trata de uma escolha entre um ou outro jornalista de blog, mas no que tange às formas comunicacionais em transformações que estão em curso. Tentamos aqui associar tais discussões à análise representativa do jornalismo em blog dentro de um universo múltiplo e plural do ciberespaço.

Por fim, produzir conteúdo jornalístico em blog exige uma revisão dinâmica dos modos habituais de apresentar a informação sobre a estrutura textual, o estilo e características do internauta, para os quais o recurso interativo da rede modifica os atores -- jornalistas, produtores, internautas, empresas de comunicação, outros -- que passam a compartilhar com a mídia, espaço do conteúdo. É necessário se adaptar para as possibilidades de situação tecnológica e social nova, deixando claro desde o início que este não é um modelo definitivo, mas, um dos estágios iniciais a passagem de uma semântica, linguística e estilística que apenas começou e cujo desenvolvimento depende de avanços científicos e da evolução do jornalismo e da sociedade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. **Etnografia e pesquisa em cibercultura**: limites e insuficiências metodológicas. Rev. USP [online]. 2010, n.86, pp. 122-135. ISSN 0103-9989.

BARTHES, Roland. **A morte do autor.** In:_____. O rumor da língua. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984.

_____. **O Grau zero da escritura**: seguido de novos ensaios críticos. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (Coleção Tópicos)

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BELTRÃO, L. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BRAIT, Beth. **O conceito de estilo em Bakhtin**: dimensão teórica e prática. 2005. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso_Bakhtin2008_Profa.%20MaCristina_Sampaio/ARTIGO_BRAIT_conceito_estilo_em_Bakhtin.pdf >. Acesso em: 01 jul. 2011.

BREGUEZ, S. **O jornalismo no final do século XX**. Belo Horizonte, 1999. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org>. Acesso em: 28 nov. 2011. (Artigo)

BRUNS, AXEL. **Gatewatching** — Collaborative online news production. Nova York: Peter Lang Publishing, Inc., 2005; 2009.

CALVO, Santiago Tejedor. **La enseñanza del ciberperiodismo em lãs licenciaturas de periodismo de Espana**. Tese de doutorado. Universidade Autônoma de Barcelona, 2006.

CEIA, Carlos. **E-dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1029&Itemid=2>. Acesso em: 17 agos. 2011.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DICIONÁRIO WEB. **Estilo**. Disponível em: <http://www.dicionarioweb.com.br/estilo.htmil>. Acesso em: 17 agos. 2011.

DIZARD, Wilson. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESCOBAR, Juliana. **Blog do Noblat e escândalo midiático**: jornalismo sob novas bases. UNIrevista, v. 1, n.3, 2006. Online. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/ _pdf/UNIrev_Escobar.pdf >. Acesso em: 27 julh. 2011.

ESCOBAR, Juliana. **Blog jornalístico e as possibilidades de debate público**: uma análise do Blog do Noblat. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 2., 2007, Belo Horizonte: COMPOLÌTICA. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007.html >. Acesso em: 18 agos. 2011.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da Redação**. 5ª Ed. São Paulo: Publifolha, 2002

FOUCAULT, Michel**. O que é um autor**? Palestra proferida na Sociedade Francesa de Filosofia. Universidade de Bufallo. 1970. Disponível em: <http://fido.rockymedia.net/anthro/foucault_autor.pdf>. Acesso em: 20 agos. 2011.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes,1981.

_____. **O que é um autor?** Portugal: Veja/Passagem, 2002.

GILLMOR, Dan. **We the Media**: grassroots journalism by the people, for the people. O' Reilly Media, 2004. Disponível em: < http://www.oreilly.com/catalog/ wemedia/book/index.csp >. Acesso em: 30 jun. 2011.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 2001.

LEMOS, André, LEVY, Pierre. **O futuro da Internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Edvaldo P. **Páginas ampliadas**: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Ed. Manole, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**. A saga dos cães perdidos. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARSHALL, Leandro. **Um projeto estilístico de reunir jornalismo e literatura**. Boletim No 20, Instituto Gutenberg, 2008. Arquivo Word: Leandromarshall.files.wordpress.com/2008/03/truman-capote.doc

MORAES, Vaniucha e LJUIM, Jorge Kanehide . **Jornalismo de profundidade**. O jornalismo literário de Realidade (1966-1968). Revista PJ:BR – Jornalismo Brasileiro. No 12, Nov. 2009. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos12_d.htm>. Acesso em: 20 mar.2012.

MARQUES MELO, José. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

NOBLAT, Ricardo. As **metamorfoses de 32 anos do PT**. 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2012/02/14/as-metamorfoses-em-32-anos-de-pt-editorial-431558.asp>. Acesso em: 14 fev. 2012.

NOCI, Javier Díaz; SALAVERRÍA, Ramón. **Manual de redacción ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003.

ORIHUELA, José Luís. **La revolución de los blogs**. Madrid; La Esfera de Los Libros, 2006.

OTHITIS, Christine. **The beginnings and concept of gonzo journalism**. The Great Thompson Hunt, 1997. Disponível em: <http://www.gonzo.org/articles/lit/esstwo.html.>. Acesso em: 18 mar de 2012

PARRAT, Sonia Fernández. **El debate em torno a los géneros periodísticos en la prensa**: nuevas propuestas de clasificación. In: Revista de Estudios de Comunicación, Nº 11, novembro de 2001. Disponível em: <http://www.ehu.es/zer/numero11.htm>. Acesso em: 28 mar. 2012.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PROUST, Marcel. **Le temps retrouvé** (1927). A la recherche du temps perdu. t.IV. (Col. Bibl.de La Pléiade; reedição citada Col. Follio). Paris: Gallimard, 1989, p. 474.

PRIMO, Alex ; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **Comunidades de blogs e espaços conversacionais**. Prisma.com, v. 3, p. 1-15, 2006. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/insanus.pdf >. Acesso em: 01 agos. 2011.

RECUERO, Raquel da Cunha. Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. Salvador, v. 1, n. 31, p. 1-15, 2003. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf >. Acesso em: 02 junh. 2011.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Warblogs**: os blogs, a guerra do Iraque e o jornalismo online. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26. 2003. Anais… Belo Horizonte: INTERCOM, 2003. CDROM. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/warblogs.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2011.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet**: Considerações Iniciais. Trabalho apresentado no XXVIII INTERCOM, em setembro de 2005, Rio de Janeiro/RJ. Trabalho publicado na Ecompos, Internet, v. 2, n. Abril 2005

ROBINSON, Susan. **The mission of the j-blog**: recapturing journalistic authority online. Journalism, v. 7, n. 1, p. 65-83, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SALAVERRÍA, Ramon. **Redacción periodística em Internet**. Pamplona/ Espanha: EUNSA, 2005.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado** – convergencia de de médios y reorganización de redaccioniones. Barcelona: Editora Sol 90, 2008.

SCHAPIRO, Meyer. **La notion de style** (1953). Style, artiste et société. Trad. fr. Paris: Gallimard, 1992 (Reedição Col. Tel).

SEABRA, Roberto. **Dois séculos de imprensa no Brasil**: do jornalismo literário à era da internet. In: MOTTA, L. G. (Org.). Imprensa e poder. Brasília: Universidade de Brasília e Imprensa Oficial de São Paulo, 2002. p. 31-46.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**. Proposta de novos critérios de classificação. LabCom Books. Online. 2009.

_____. **Gêneros jornalísticos digitais:** um estudo das práticas discursivas no ambiente digital. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2004/liaseixas2004.doc>. Acesso em: 28 mar. 2012.

SHAW, Harry. **Dicionário de Termos Literários**. Portugal: Dom Quixote, 1982. pp.187-188

Sindicato de Jornalistas de PE. TST confirma carga-horária de cinco horas para jornalista. 2009. Online.Disponível em: < http://www.jornalistas-pe.com.br/noticias_.asp?noticia=693>. Acesso em: 02 abr. 2012

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____**Teoria do Jornalismo**. A tribo jornalística: Uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TRIGO, Luciano. **Viagens do pai do jornalismo Gonzo**, Hunter S.Thompson. G1, 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2011/06/12/tres-classicos-do-pai-do-jornalismo-gonzo-hunter-s-thompson/>. Acesso em: 18 mar. 2012.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 7. ed. Lisboa (Portugal): Presença, 2002

WOLFE, Tom. **El Nuevo Periodismo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1976.

_____. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

WERNECK, Humberto. **A arte de sujar os sapatos**. In: TALESE, G. Fama & Anonimato. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

ANEXOS

Roteiro de entrevista com Ricardo Noblat
Local: Brasília
Data: 08/11/2011
Duração: 3horas

Rotina de trabalho

Dependendo do dia, se de manhã o mundo não tá se acabando e não tem nada previsto pra acontecer. Eu durmo de manhã e acordo por volta das 11h, meio dia, depende...tem dia que eu acordo mais cedo. Levanto, desço para o escritório, já li o jornal de madrugada, e aí começo a ver o que tem nos sites, a telefonar pras pessoas, começo a trabalhar, apurar coisas e vou até a hora do Jornal Nacional, interrompo pra assistir ao jornal, depois janto. Geralmente almoço três e pouco da tarde...depois do jantar eu assisto a novela das nove e pouco..eu gosto... é uma forma de me distrair...ou então se tem alguma coisa depois do jantar volto pro blog. Se não, eu volto pro blog 11 horas (da noite) e vou até às 4 e pouco.

Isso é de segunda a segunda...pelo menos até agora tá sendo assim. Não tem feriado. Este blog vai fazer 8 anos, e nunca teve um dia parado. Nesse período, tirei férias 2 vezes. Passei 15 dias na Espanha (deixei um amigo fazendo o Blog) e a outra foi no começo de 2010. Uma semana numa pousada em Maceió.

Embora sempre trabalhei muito a vida toda, eu era acostumado a tirar um mês de férias todo ano. Ia para Porto de Galinha todo ano e ficava um mês plantado na beira mar e o mundo podia desabar que eu não saia da praia. E há oito anos eu tirei apenas 2 férias curtas, e isso foi muito desgastante, agora por conta do susto em relação à saúde, eu vou mexer nessa rotina...

Quem trabalha com Noblat

Nesses oito anos, sempre tive 1(um) repórter. Agora ele saiu, e estou para substituir mas não consegui ainda.. (Erick Decat) .Todos os repórteres trabalharam comigo durante esses 8 anos saíram para outros veículos de comunicação como o Estadão, Correio Braziliense, O Globo...eu não tenho cacife para reter esse pessoal...eu sempre pego gente pra formar e perder...nem diria formar direito, porque não dá tempo..."
Então sempre trabalho com um repórter, um moderador de comentário ((atualmente é uma moça dona de uma farmácia em Campinas-SP. Ela já foi jornalista e foi indicada por uma amiga do Noblat. Recebe para fazer a moderação).

A maioria dos blogs a moderação é feita pelo próprio blogueiro, que lê e libera os comentários que devem ser publicado. No meu caso, não...desde o começo do blog, não tem nenhuma moderação feita a priori. Todos os comentários entram no ar...como eu to com o moderador que passa o dia todo lendo o que tá sendo postado...se tiver algum comentário que fira algumas da regras do blog (regras do blog em anexo) ela elimina aquele comentário...

Às vezes, é complicado porque a pessoa fica postando nota em várias notícias e o moderador retirando...isso só teria jeito como se eu fizesse como os outros blogs, só entra (o comentário) depois que eu ler. Mas eu nunca quis fazer isso...
A moderadora também faz postagem na seção Poema “.

Equipe
Remunerados: repórter, moderador, empresa de informática para suporte.
Tem uma outra pessoa que é importantíssima no blog, mas não é remunerada, é Maria Helena Rubinato Rodrigues de Sousa (filha do compositor/cantor Adoniran Barbosa) que faz a sessão Obra Prima do Dia, o artigo dela na sexta, a Música do Dia e faz a Hora do Recreio. Ela também gosta de fazer o clipping de madrugada e toda parte dos colaboradores. Eles passam os artigos para ela (mandam pra mim com cópia pra ela). Ela é quem posta. Há uma agenda com uma planilha especificando o dia que cada colaborador escreve. Mas o colaborador sou eu quem escolho.

Colaboradores - Por que José Dirceu?

Primeiro, porque ele representa uma corrente de opinião que é muito expressiva dentro do PT. E da oposição de uma maneira geral. “ Tanto que apesar de ter sido cassado...ele continua aí...essa figura que ocupa espaço”... Segundo porque eu o conheço na época do movimento estudantil...

“Não sou amigo do José Dirceu”. Nunca tive na casa dele uma vez, nem ele na minha ...Eu já jantei muitas vezes com ele, aqui (Brasília), em São Paulo...mas não posso dizer que sou amigo dele...

“Convidei-o para escrever no blog porque é um cara polêmico, muita gente detesta e muita gente ama. E uma das coisas que me preocupo muito no blog, apesar de ter minhas opiniões... eu quero que o blog seja muito plural. Tenha representantes de várias correntes de opinião.”

Temos o senador Demóstenes Torres (DEM/GO); Arthur Virgílio (diplomata); Cristovam Buarque, Fernando Henrique Cardoso...

O blog você faz do jeito que você quer. O meu eu sempre quis que fosse lido não apenas por gente de uma determinada linha de pensamento.

Nada me agrada mais do que apanhar por ser petista ou apanhar por ser tucano. Na época de campanha isso então é muito forte.

Não me sinto nem um dos dois, porque não me identifico com nenhum dos dois...alias com nenhum dos outros também...depois eu acho que jornalista não pode ter partido. Pode como cidadão votar, fazer suas escolhas, isso é legitimo... mas ter partido ou alinhamento automático com partido..de jeito nenhum..também entendo aqueles que são partidários e tem os seus blogs...a internet é livre pra isso...tipo, eu vou fazer um blog aqui para apoiar o governo da Dilma...isso é legitimo. Eu não faria jamais...apoiar governo nenhum...

Construção do blog

O blog vem construindo seu perfil ao longo desse tempo...(nesses 8 anos). Quando começou, era nada. Era um espaço onde eu despejava umas notas que sobrava do trabalho que eu fazia para jornal o Dia a lá no Rio...uma página que eu fazia aos domingo sobre política. A nota que eu apurava no início da semana eu sabia que não ia envelhecer. então eu colocava no blog e guardava o file mion pro jornal impresso. Quando acabou a página do impresso, eu pensei que o blog não tinha razão de existir (isso foi em 2004). Ia acabar com o blog cheguei a me despedir dos leitores...ai alguns leitores disseram 'continua com o blog até arrumar um emprego descente'. Daí continuei e acabou virando meu emprego..

Com o passar do tempo eu fui criando coisas...no começo, era tudo muito espontâneo...depois, eu fui vendo a necessidade de criar uma espécie de 'grade' de programação... como a televisão que tem alguns programas que são âncoras. No caso do blog, não posso prever quando a notícia acontece... ela entra de toda forma...fora essa margem de imprevisibilidade da noticia, eu tenho coisas que são fixas no blog. Foram criadas com a intenção de atrair quem gosta daquilo... e nos dias que são fracos de notícias as pessoas saberem que, mesmo assim ,tem aquelas seções que eventualmente elas gostam e não gostam....

Agenda da presidente às 7h.
Musica do dia 7h30
Obra-prima 12h30
Hora do recreio 16 e pouco
Poema da noite

"Na eleição (2010) fiz comentários em vídeo, 2, 3, 4 por semana... saia no jornal O Globo e no blog também...tenho vontade de continuar..mas este ano (2011) com problema de saúde ficou complicado...

Saúde

Comecei com problemas na coluna em maio (2011)..até chegar em agosto, quando fui parar no Hospital Sírio Libanês (em São Paulo) com complicações cardiológicas..tive também que fazer exames para monitorar meu sono...

Conectividade

Noblat dispõe de estúdio de gravação (para áudio e vídeo) para produção de material a ser veiculado no blog e trabalho, Twitter e a versão do blog para o Facebook está pronta. "Tudo isso é necessário, porque, hoje em dia, se você não correr atrás do leitor, não será ele que vai correr atrás de você....Mas fazer isso é uma 3ª via do trabalho. Significa interagir com as pessoas. O twitter não é só uma transferência do que sai no blog. Tudo que sai no blog sai no twitter, mas no twitter eu dou notícia de última hora, ele é mais veloz, mais rápido, faço comentários...faço um monte de coisas que não faço no blog. Porque eu faço mais devagar no blog por

que a velocidade do twitter me permite fazer ...eu também interajo mais com os leitores do que no blog....

“Eu vou esperar melhorar um pouco a minha saúde...e também fim de ano não dá pra inaugurar nada nesse período.. é muito ruim de audiência...as pessoas entram de férias...e audiência da internet é mais fraca...vejo isso fazendo o blog ano após ano. Em março (2012) pra comemorar os 8 anos do blog eu entro com ele no Facebook e volto com as gravações de vídeo.”

Jornal O Globo – liberdade de produção

Sou pessoa jurídica. O Globo me contratou para colocar o blog no portal do jornal. O blog começou no IG, depois foi o portal do Estadão e depois para O Globo. No contrato com o jornal a responsabilidade do conteúdo é minha...tanto que quem me defende de algum processo são advogados que eu pago e não do Globo. Eu sou responsável pelo conteúdo tanto pro bem como pro mal...eu faço como quero... em compensação eu arco com as consequências disso.

Agora...quanto a publicações que atinjam a organização da Globo...eu acho que não seria recomendado eu fazer isso...não vejo ninguém do New York Times, por exemplo, esculhambando com o jornal, nem tão pouco do Le Monde... fazer isso

Layout do blog

O formato é do próprio jornal. Há uma série de limitações tecnológicas...mas eles adquiriram um sistema novo, moderno, e deve mudar a qualquer hora dessas...mas é muito amarrado, quadrado, cheio de limitações...o desenho do blog é igual para todos os blogs do jornal...Já o novo sistema vai permitir que cada blogueiro faça o blog com a cara que ele acha que tem a ver.

Critério de noticiabilidade – tudo é notícia?

Meu critério é: tudo que for relevante eu tento dar... claro que não posso dar tudo...mas, tudo que for relevante na política, especificamente, eu tento dar”. “Dou nem que seja...eu não apurei...não deu tempo...quem deu primeiro foi Josias (de Sousa, Folha São Paulo), não tem problema. Eu pego e cito Josias, o blog dele...dou link...eu dou a matéria...por que não daria? Eu quero que este espaço seja conhecido como o espaço onde você encontra tudo de importante que aconteceu ou que está acontecendo na política, independente deste material ter sido apurado por mim ou não...eu trabalho sozinho, no máximo com um repórter... às vezes, passo meses e meses sem um repórter... jamais posso ter a pretensão de sozinho apurar tudo concorrer com redações inteiras formadas.

O que é que eu quero? É que o espaço seja conhecido como... é aqui que tem notícias de política. Ao invés de eu ficar rodando pela internet atrás de um canto e de outro se eu quero notícias de política eu vou aqui no blog do Noblat porque sei que tem. E eu só posso ter um espaço onde ofereça tudo de importante que houve na política se eu não tiver restrição para usar material de sites, blogs, de

outros....feitos por outras pessoas. A vocação do blog, a marca dele, é assuntos de política.

Agora, se eu puder além disso...eu ofereço um panorama geral do que acontece nas outras áreas...eu quero... eu tento fazer isso. É por isso que eu cubro a queda de Kadafi, a morte do Papa, a crise de Fidel...um Arafat sendo transportado às pressas para Paris pra ser internado...

Filtragem

Eu recebo muita indicação de pauta e notícias via email, telefonemas..
...uma das razões que tenho pra dormir muito tarde é que eu leio meus emails de madrugada... recebo muitas notícias por esse meio. Eu leio todos os emails... daí faço a seleção...a triagem...
As sugestões de pauta por email de cada dez se aproveitar uma é muito...e olhe lá....Ninguém manda notícias boa por email.

As sugestões de pauta do internauta nos comentários do blog eu daria, numa escala de 1 a 5, eu daria 2. Já as sugestões dos internautas no twitter, eu daria 4.

Conceito de notícia para o blogueiro

Tudo que eu acho que interessa àquela fatia do público que me lê. Você pode perguntar quem é que lê o blog do Noblat? Eu não sei...nunca fiz pesquisa sobre isso..em nenhum lugar onde o blog passou, ninguém fez pesquisa para saber quem é o leitor do blog..
Eu intuo... óbvio... quem gosta de política lê o meu blog...achei durante muito tempo que era mais gente de uma certa idade...hoje vejo que tem jovens pra burro lendo política. Vejo as fotos deles no twitter quando fazem os comentários , por exemplo, depois esses comentários vão para o blog....

No começo o blog era só notícia de política ...ele não deixou de ser um blog de notícia política... as pessoas entram no blog do Noblat porque ele dá notícia de política...mas com o passar do tempo, eu comecei a variar o conteúdo do blog...embora a vocação dele seja de um blog de conteúdo político...

Eu não vou deixar de colocar um tema importante no blog simplesmente porque ele tem outra natureza. Se eu trabalho com a informação em tempo real na política... mas se eu tenho acesso a uma informação importante na economia, por que eu não vou colocar uma informação relevante?

Fazer um blog você tem uma grande dose de arbitrariedade... você faz como você quer...não tem um manual... não tem uma regra, não tem código de nada. Eu poderia dizer ...não, mesmo assim, eu só vou dar notícia de política...não dou mais de nada....não... Kadafi está sendo cassado...se eu puder dar na frente a morte do Kadafi, eu dou. Se eu puder dar na frente a morte do Fidel eu dou...tem uma puta crise na Itália...tá pra cair Berlusconi..se for o caso, eu acompanho...

Isso tudo... primeiro tem a ver com meu gosto...eu gosto de notícia e pronto. Segundo, tem a ver com a minha preocupação de sinalizar que o blog é um espaço,

pela vocação que tratar de política, é também um espaço onde você, leitora, pode se informar sobre as coisas mais relevantes que estejam acontecendo...na política, na economia...onde seja.

Quando João Paulo II morreu ...tava em agonia...durante 4, 5 dias o blog só falou de João Paulo II. Não tinha nenhuma notícia..nada, nada...quando ele morreu, foi isso até a sucessão dele..eu me lembro que a audiência do blog foi lá pra baixo..eu nunca perdi tanta audiência como eu perdi na agonia de João Paulo II...porque, para as pessoas, era um blog de política e tava tratando da morte do Papa pra quê?

Eu tava tratando porque eu sempre fui tarado em história de Papa e igreja...porque eu tinha um tio que foi arcebispo..tudo quanto é de livro publicado aqui no Brasil sobre eleição de Papa eu já li ..então eu curti fazer aquela puta cobertura ali sobre a agonia e a sucessão de João Paulo II..mesmo sabendo que aquilo ali tava me tirando audiência adoidado...

Quando escolheu publicar "Por quem bate o coração do secretário geral do PT"

Até então, ninguém tinha dado a notícia de que o Zé Eduardo Cardozo tinha acabado o namoro com a Manuela (deputada Manuela D'Ávila, do PCdoB) que era o casal de ouro daqui. Isso todo mundo comentava. Eu tinha tido a noticia em primeira mão de que ele já tinha acabado o namoro com a Manuela e que tava pra casar com essa Sofia....Sofia Krause...foi por isso que eu dei.

Eu já conhecia ela... o pai dela era diplomata em Paris...e isso ajudou a apurar a informação.

Sobre comentários feitos à nota, eu não ligo para eles...a não ser quando são críticos...ou quando eles são diametricamente opostos a mim, pode confrontar...

Meu espaço não é de coluna social..isso é uma coisa perdida uma vez na vida...agora, se eu souber que Eduardo Campos, amanhã, separou da mulher dele, ninguém sabe ainda, e tá apaixonado pela Luizianne Lins, prefeita de Fortaleza (CE), eu darei.

Esse tipo de nota...embora eu costumo publicar muito pouco...mas é uma nota que dá muita leitura. Uma das notas mais lidas na história desse blog em 8 anos...foi a nota de quem era a mulher com quem Chico Buarque de Holanda tava tomando banho no Leblon. Foi no comecinho do blog...primeiro ou segundo ano (2005)...tinha saído uma foto na revista Capricho e outra revista...mas não tinha o nome da mulher...ninguém sabia quem era a mulher... e eu por pura sorte...porque não tenho fonte nessa área e nem é meu objeto de trabalho...uma pessoa do Rio (de Janeiro) muita amiga do Chico me ligou, sabia quem era e me disse. Eu chequei e era ela mesma...eu dei a nota. O blog bombou...foi um dos seus grandes e gloriosos dias do ponto de vista de audiência.

Então...não tenho essa preocupação...raramente eu dou uma nota que você possa chamar de social ou parecida...também não é por nenhum preconceito não...se eu tivesse boa nota eu daria... apenas não corro atrás.

Essa nota foge um pouco ... embora não signifique nada...não tem explicação maior...

Se eu achasse que essa nota afugentasse leitores, que eles fizessem uma passeata contra o blog...certamente não a colocaria...mas isso aí é uma hora de recreio... é uma hora de fofoca...raramente faço fofoca...não entro na vida privada das pessoas...mas o que mais as pessoas querem são os bastidores da política...e às vezes, isso entra nessa área...

Jornalismo no blog X jornalismo em outros meios

Quando se faz jornalismo a sério...não quero dizer sisudo... você aplica as mesmas técnicas seja no blog ou fazendo jornalismo na televisão, no rádio, no jornal...eu aplico as mesmas técnicas...o rigor tem que ser o mesmo... eu apuro a notícia...usando as 'regrinhas' de checar mais de uma fonte...tem que ser respeitada...só é diferente em quê?

Pode ser diferente, se você quiser ser, na forma de você escrever...a gente aprende no jornal, TV, Rádio também...você separa a opinião da informação, às vezes, separa também da análise, não pode fazer uma notícia e opinar no meio da noticia, isso é pra articulista...é pra quem tá fazendo uma análise... se você quiser aplicar essas mesmas regras no blog, você aplica.... se você não quiser levar em conta essas regras...não leva..

Eu nunca levei. Porque não acho que o leitor seja tão burro que eu tenha que dizer 'olha, aqui é só notícia...aqui é só opinião...'O leitor sabe quando estou dando notícia, quando estou fazendo análise, quando estou dando opinião...e como não tem ninguém pra me dizer 'você não pode fazer', eu faço.
No jornal tem, por quê? Até porque os meios convencionais de comunicação têm uma política....existe o próprio jogo do poder...A opinião é a opinião do jornal ou de algum convidado do jornal que escreve ali...as pessoas não podem ter opinião...muito menos repórteres...eles não podem ter opinião...apenas descrevem o fato...é assim que a gente aprende..como o blog não tem um manual de redação..e acho que não deve ter mesmo..

Na época que estive no Correio Braziliense, já era permitido reportagem com interpretação...no jornal do Brasil não era possível. A maioria dos jornais não é... a televisão não é...no rádio não é...diz que foge à objetividade e coisa e tal...

Como o blog e na internet ...eu não tenho patrão pra me dizer "você não pode dizer o que você pensa"...eu digo o que eu penso todas as vezes que eu acho necessário. E acho que digo muito menos do que eu que o leitor desejaria...os leitores querem que você opine sobre tudo...leitor de blog, internet, twitter...quer muito que você opine sobre tudo. Qual é a sua opinião sobre isso, sobre aquilo...e eu sou muito avarento para dar opinião. Primeiro, porque eu não sei sobre tudo...não me acho uma pessoa capaz pra opinar sobre tudo...depois eu acharia muita leviandade eu ter opinar sobre tudo...eu tenho opinião sobre algumas coisas que me sinto seguro para opinar...

Se você pegar o blog do Reinaldo Azevedo, na Veja, é um blog de opinião... ele faz catequese... ele tenta conduzir as pessoas a pensarem como ele pensa...conforme a cabeça dele. Não tô fazendo aqui uma crítica. Estou dizendo que é um tipo de blogueiro que existe. Eu não acho que eu tenho que fazer as cabeças das pessoas..embora saiba que posso influencias na medida em que dou opinião...que ela pode ser levada em conta ou não..
Não tô preocupado com isso...em fazer a cabeça das pessoas. E não acho que deva dar minha opinião e vulgarizar isso...

Eu prefiro mais fornecer informação...

Tag - Comentário

Eu tô expondo ou contando alguma coisa, refletindo, e dando minha opinião sobre aquilo ali...faço isso uma vez por semana...os leitores gostariam que eu fizesse isso duas, três vezes por dia...sobre qualquer assunto...agora, o Lupi acabou de dizer que não sai...e aí Noblat o que você acha sobre isso?? E eu sei lá o que é que eu acho....e eu tenho que achar alguma coisa sobre isso o tempo inteiro...então eu acho que opinião é uma coisa pra você valorizar, e não banalizar....não estou criticando quem vive opinando o tempo todo...até invejo as pessoas que têm facilidade de opinar sobre qualquer coisa... eu não sou assim...
E como minha formação é de repórter, correr atrás da notícia, tentar contar história, levantar informações... isso deve ter contribuído para que eu seja mais comedido em dar opinião. Não tô dizendo não ser afoito ...mas em opinar sobre todos os assuntos...

Por que o leitor quer sua opinião?

Ele quer opinião de todos os blogueiros....de todas as pessoas que escrevem... Pra orientação, pra ele confrontar com a dele...pra confirmar a dele. Na verdade, a maioria das pessoas, todos nós, só lemos de preferência aquilo que vem ao encontro do que a gente quer. E lemos com muita má vontade, quando lemos aquilo que nos contraria....acho isso de uma estreiteza fantástica...mas acho que as pessoas agem assim.

Muita vezes, a pessoa não tem opinião sobre determinado assunto... quer saber mais ..ou porque tá querendo, isso é muito comum na internet, quer saber se você pensa como ela, se é do “time” dela e aí fica essa guerra fla-flu...fantástico...principalmente em época de eleição.

E eu não quero caracterizar o meu espaço tentando fazer a cabeça das pessoas ou tentando trazer as pessoas para o meu lado..não...eu quero que seja um espaço somente de informação.

E eu aqui, acolá...eu digo o que penso sobre as coisas. Eu opino mais sobre aquilo que eu entendo mais... que eu me sinto mais confortável... confortável do ponto de vista de ter o que dizer..de conhecimento. Não porque acho que há assuntos incômodos...porque pode me deixar mal ou bem. Esse tipo de conta eu não faço. Na hora de opinar, eu escolho temas que eu tenho mais segurança... que tenho uma

opinião mais sólida sobre aquilo ou que eu tenho uma observação a acrescentar...não precisa ser coisa transcendental...

Por exemplo...o governo mudou, em dez meses, cinco ministro e está pra botar fora o sexto...então, este governo está podre. Ninguém diz isso??? Qualquer lugar do mundo, um governo que, em dez meses, manda embora cinco pessoas por roubo, está pra mandar o sexto por roubou ou suspeita de roubo..tá se desfazendo...moralmente tá desagregando...mas ninguém diz isso. Os jornais todos tratam, mostram a queda, pautam...mas não dizem “minha gente..tá podre isso...não é normal..”

Então, opinião aqui não é dizer coisa original...sobrenatural...é botar o dedo na ferida....dizer as coisas com todas as letras...nós não fomos treinados como jornalistas para dizer as coisas com todas as letras... nós fomos treinados para camuflar ou então dizer com muito cuidado...pra não botar nosso emprego em risco...

Não percebo nenhum traço meu naquilo que estou fazendo...acho que tudo já foi inventado...agora, há uma diferença de quando eu escrevo e quando eu falo, converso, convivo com as pessoas....quando eu escrevia no jornal do Brasil, que substituía o Castelinho (Carlos Castelo Branco), Abreu Sodré na época era ministro das Relações Exteriores (1986-1990)...ele dizia “mas Noblat é incrível...eu leio você na segunda-feira e você não tem nada a ver com essa pessoa doce e educada que você é. Na segunda-feira, você é um incendiário...é irreconhecível...”

Quando escrevo, eu sou muito mais duro. É uma manifestação pública...eu tenho um compromisso com quem me leê Eu não estou sendo julgado por duas, três pessoas ou cinco com quem estou convivendo e tenho a responsabilidade do que estou dizendo.
Eu meço o que vou dizer. Não digo nada sem pensar..posso ter feito muita bobagem...

“Foda-se”

Este material é o começo de um livro...que comecei a anotar e ainda não adiantei...espero fazer esse livro para os 10 anos do blog.
Quando escrevi, o post não tinha esse título aí não...é um título que seria o primeiro capitulo de um blog. A notícia dada no dia que aconteceu eu usei outro título.

Me senti seguro para publicar isso (ver figura ...) porque a fonte que me contou era o assessor de um dos ministro que estava presente na reunião. A pessoa não tava presente, o ministro tava. Quando voltou para o ministério horrorizado e chamou seu principal assessor e contou pra ele essa história. Esse assessor, pra sorte minha, tinha trabalhado comigo 4 anos no jornal e é muito amigo meu até hoje. Mal ouviu isso do ministro, ele ligou pra mim e contou esta história. Ele jamais mentiria...inventaria uma história dessa...

Ele contou pra mim porque sabia que eu iria publicar e se essa história fosse mentirosa, eu tava fodido. Era o enterro do blog...que mal começou (na época). Com esta notícia, o blog poderia ter fechado, ter acabado. Ter acabado não por ordem de

cima, que seja...mas pela desmoralização absoluta...bastava uma do nota com o desmentido da presidência da República...imagine o presidente da República soltar uma nota oficial desmentindo oficialmente com toda ênfase, manifestando sua repulsa a esse tipo de jornalismo, de baixa qualidade, que inventa um absurdo desse...(sic) e mesmo sendo verdade eu taria fodido...seria a palavra do presidente da República, através de uma nota oficial contra um blogueiro... e um blogueiro numa época, em 2004, que não tinha blog...tinha blog, claro...mas eu to dizendo que não havia blog como o meu com notícias de política, atuação diária...tinha um acadêmico que escrevia aqui um artigo por mês como um diário de adolescente...

E por que ele (o presidente da republica) não fez isso? Não é porque ele é bonzinho, não...porque ele sabe que ele disse isso... ele sabe que aquilo foi visto por pelo menos umas 10 pessoas...como é que ele vai soltar uma nota desmentindo um negócio...não é que todos vão falar alguma coisa, não...todos vão ficar calados...mas ele ia ficar mal diante daquelas 10 pessoas...então não é tão simples você desmentir uma coisa dessas...Seria simples se fosse uma mentira. Então, silencio absoluto o dia inteiro. Todos os jornais ligaram pra mim...

O que se faz com a notícia é publicar. Não é pra jogar no lixo. É arriscada essa profissão? É. Mas você tá nela...se não quiser..sai...mas se tiver nela, é pra correr risco. O risco de saber que eu tava publicado uma mentira era zero. O risco de ser desmentido era total...poderia acontecer...passei o dia todo esperando o desmentido...e com medo do desmentido...porque se tivesse o desmentido eu publicaria o desmentido e reafirmaria ...portanto, chamaria o presidente de mentiroso, claro. Porque aí não dava pra publicar um desmentido sabendo que não era mentira e ficar calado...aí é que tava fodido.
Não sei o que Lula disse sobre o assunto..nunca comentou...

O blog começou a bombar a partir desta nota (12 de maio 2004)...depois disso, o Sarney (José Sarney) me chamou pra conversar...não me lembro...depois de alguns meses. Daí eu achei, pô...o cara vai me dar notícia...mas não era. Ele queria que eu explicasse o que era um blog... porque ninguém sabia o que era um blog...

Fontes

A pessoa que me avisou e passou a informação, ligou pra mim porque era minha amiga. Ela imaginou que eu publicaria... mas também não tinha certeza disso. Porque ninguém mais publicou. Todo mundo telefonou pra mim...mas ninguém publicou...a Veja, seguramente, depois que eu publiquei deve ter apurado a mesma informação... mas não teve coragem de publicar.

Duvido que eu tendo publicado essa informação vários outros veículos não tenham corrido atrás e não tenham confirmado a informação...ah...não sei..presidente da República mandar a Constituição se foder...e até palavrões na época não se usava.... não era comum...hoje é comum...Pô, isso dito pelo presidente da República...vamos esperar se os outros publicam...ninguém publicou então deixa pra lá.

Usam várias...às vezes dependo de 4 ou 5 fonte...isso depende...

No caso do post “Foda-se”, por exemplo, só foi um única fonte...depende da possibilidade, da crença que você tem lá fora...se esse rapaz que me contou sobre o “foda-se a constituição” não fossem quem era...eu seguramente nunca tivesse publicado.
Seria muito difícil eu conseguir que algum outro ministro ou que algum outro assessor de ministro tivesse ouvido do seu ministro e fosse contar pra mim...vai depender das circunstância...
Quando falo com a fonte pessoalmente, funciona melhor, mas o problema é que como sou eu sozinho e, às vezes, com um repórter, se eu ficar no batendo perna no Congresso, no Palácio do Planaldo, num sei que... quem é que também atualiza o blog durante o dia.
Porque eu também ponho notícias de outros blogs, outros sites de outras coisas que são importantes...então essa relação de custo benefício de eu sair de casa todos os dias ficar batendo perna no Congresso...bato perna no Congresso e posso não achar nada de interessante...já por telefone isso funciona melhor.

Eu trabalho geralmente durante o dia por telefone, saio pra ver alguma coisa no Congresso, no Planalto quando é uma coisa muiiiito importante e sempre a noite, duas ou três vezes por semana, janto com pessoas, políticos...

Às vezes, é algo que eu quero pegar...às vezes, é algo que tá no ar..às vezes, é o cara que liga e diz ‘eu tenho uma história boa pra te contar’. Às vezes, é você que diz...pô, fulano não me procura há muito tempo...vou jantar com ele...às vezes, não rende nada aquele jantar. Mas, às vezes, não, o cara te conta uma história boa...

Informando

Uma vez que você apure uma informação que seja relevante e você tem a segurança que aquela informação se procedeu daquele jeito você publica. É simples assim...é isso que a gente aprende. Não é isso que a gente faz...acho até que hoje tem mais muito espaço para o exercício da profissão é muito maior do que antes. O jornal podia dizer não publico essa matéria porque não me interessa...porque ela vai prejudicar aqui o meu anunciante...não tô dizendo que isso não aconteça hoje...mas era mais fácil o jornal dizer isso antes... hoje, ele se arrisca. Se de repente essa informação vazar de dentro da redação e aquela matéria que ele não publicou tá amanhã na internet, em algum site, em blog...e ele fica desmoralizado....a competição no mercado hoje é muito maior..

Hoje é mais difícil você fazer um jornalismo sob censura....você faz um jornalismo com mais liberdade. O espaço é maior para exercer a liberdade de imprensa...eu sinto mais liberdade do que tinha antes....como no Correio Braziliense de 1994 a 2002 nunca tive tanta liberdade pra fazer jornalismo no impresso do que nesse período...muito mais do que no jornal do Brasil...

Jornalismo

Jornalismo é uma prestação de serviço...há uma confusão entre o que é interesse público do que é interesse do público.
Eu acho que, com frequência, o jornalismo se rende ao que é interesse do público e não ao que é interesse público...quem vai determinar isso aqui?? Bom...eu sei o que

é interesse público...e sei fazer a distinção. Então, Gianecchini (Reynaldo) com câncer é interesse público. Ele é um artista, uma pessoa conhecida...e portanto, é uma notícia que interessa às pessoas. Gianecchini reatando com a Marilia Gabriela é interesse do público. Se eu faço uma distinção entre uma coisa e outra, há espaço...mas uma informação é menor e a outra é maior, mais relevante.
Não acho que essas revistas de fofocas sejam condenáveis...acho que a matéria prima dela é menos relevante para o destino da comunidade, do país, das pessoas....agora não to dizendo que elas não devam existir...
Agora, quando se apela muito..aí se parte..para o que a gente chama de jornalismo sensacionalista... ai é complicado...deve ser combatido...

Os jornais populares, certamente alguns deles, apelam pra baixaria..mas eu acho que não mais...antigamente, os jornais populares era o jornalismo de sangue, só de crimes, assassinatos, de vedetes...na época que existiam vedetes...tinham coisas inventadas...hoje em dia os jornais populares melhoraram muito ...o Extra no Rio, o Super Notícia em Belo Horizonte, que hoje vende mais que a Folha de São Paulo...apelam muito pra cor...mas não apelam pra crimes...você não tem cadáveres na primeira página, nem na segunda, quinta...é um jornalismo popular que combina televisão, esperte, segurança publica..mas nada de apelar pra aquelas fotos de horror...

Jornalista sem diploma

Eu nunca fui a favor do diploma de jornalista como a única forma de você entrar no mercado de jornalismo. Eu sempre achei que o ideal é que todo mundo passasse por uma universidade de jornalismo já que é a profissão que você vai exercer é recomendável...mas, acontece se a pessoa tiver talento pra escrever, apurar e tudo...não tem porque ela ser proibida de exercer o jornalismo só porque ela não tem o diploma. E acho até que essa discussão se tornou bizantina depois que apareceu a internet. Pelo menos na internet pra você escrever conteúdo e aparecer não precisa ter diploma...tipo, você só pode fazer jornalismo na internet se tiver diploma....isso não existe.

Acho que a quebra do monopólio...o jornalismo tinha o monopólio da produção...perdeu esse monopólio principalmente para internet. Eu acho que isso é muito bom...porque a internet tem mais pessoas talentosas que não escreviam, não faziam jornalismo porque não eram formadas se possa fazer, isso aumenta a competição e isso não torna desnecessário o diploma.

O que sempre vai fazer diferença é a qualidade profissional e do que é produzido. Se você passa por uma faculdade de jornalismo por uma boa faculdade, você tem condições de ser um melhor jornalista do que aquele que é o leigo. Que não tem conhecimento das técnicas de apuração, por exemplo.

Não acho simplesmente porque o cara oferece conteúdo na internet ele pode-se dizer ou ele é jornalista. Jornalista é aquele que domina uma série de técnicas... quer tenha diploma quer não tenha, não é simplesmente porque colocou alguma coisa num blog que pode ser apresentar como jornalista....acho que não.

A universidade

As universidades, há muito tempo, pelo menos os cursos que conheço um pouco...estão a reboque das redações. Em nenhum momento, alias, elas estiveram à frente das redações. Elas apenas reproduzem o que as redações fazem. E reproduzem mal. Elas não fazem a critica do trabalho das redações....elas não estão adiante do jornalismo praticado nas redações.... eu não tô dizendo adiante no aspecto técnico, não....mas, sim, de elaborar, de pensar, de teorizar, de refletir a respeito....não...ela pensa o jornalismo de forma atrasada até em relação as redações....quando deveria ser o contrário.

A universidade deveria estar na frente...ela é ...propícia a isso. A elaborar e reelaborar novas teorias sobre aquela ciência que você cultiva, que você se dedica...e não. As universidades de jornalismo mais elogiadas são aquelas que conseguem reproduzir o que se passa nas redações... não só o que se passa no ponto de vista técnico.. também do ponto de vista técnico...
Não, não...aqui a gente tem uma ilha de edição...aqui nós aprendemos a editar...temos laboratórios, temos leptops e isso é comemorado como se fosse uma coisa fantástica...quando na realidade a universidade deveria estar a frente disso...refletindo criticamente sobre isso...

O pessoal que vem aqui às vezes vem da faculdade, às vezes do mercado...não pego estagiário...geralmente eu pego formado...

A teoria X prática

Mesmo o discurso da universidade eu acho atrasado. Não tô falando só...da dicotomia prática/discurso não..o discurso da universidade é atrasado. Ela não faz como deveria, por exemplo, a crítica ao jornalismo que é feito hoje ou que já vem sendo feito há muito tempo...mas enfim...ela não faz essa crítica. Ela procura ensinar esse tipo de jornalismo...se faz assim nas redações vamos tentar ensinar os alunos a fazerem assim...mas ela não refletem criticamente sobre aquilo...muito menos propõe coisas novas... ou aponta pra novos horizontes ou abre novas portas...isso eu tô falando no campo da teoria...

Acho que há uma limitação. Acho essas faculdades muito fraquinhas...não fazem como deveria...

Sou formado pela Católica de Pernambuco...mas comecei a trabalhar antes...eu sempre tive vontade de ensinar...lá em Recife eu ensinei na Escola de Relações Públicas...que eu nem sei se existe mais. Assim que cheguei aqui em Brasília, teve um ano que ensinei...no curso de jornalismo do Cup (Centro Unificado Profissional)...mas como eu reprovei mais da metade da turma...me mandaram embora no final do ano...os alunos não queriam nada...

Já fui chamado mais pelas universidades....logo que virei blogueiro...depois não sei o que houve...

Jornalista/colunista

Só sou jornalista...posso tá no exercício da função de colunista, na função de repórter, de redator, de editor, do que seja...mas, sou apenas jornalista.

Comentários

Eu leio os comentários...não é todo dia porque não dá tempo...eu não leio o que a moderadora tem bloqueado. Uma vez ou outra..como ela começou agora, eu vejo os comentários bloqueados até a gente sintonizar...porque a tendência é qualquer coisa se espantar com aquilo ali. Opa! Uma crítica mais forte, isso aqui não deve ...Não pode chamar Lula de ladrão...isso não pode. Mas pode dizer que ele tem um governo apontado como corrupto, por isso, mais aquilo...
Criticas ao meu respeito...a não ser que seja também palavrões, não pode... Noblat é ladrão...não sendo isso...quero que as críticas mais duras sobre mim, fiquem publicadas... porque se eu deixo as mais duras contra mim...ninguém vai se queixar em relação aos outros...isso me dá um argumento muito bom. Quando vem gente que diz..ah..você viu que falaram isso mais aquilo...eu digo, já viram o que falaram de mim? Se eu não corto o que falaram de mim, porque vou cortar o que falaram de você???
Agora, não pode haver nada que configure crime. Porque pode resultar em processo.

Ah...muitas matérias que fiz foram geradas por leitores...isso é muito importante pra mim..presto a maior atenção...vou atrás, confirmar, checar...e vejo que rende...

Post: “Meu nome é André Noblat. Ricardo é outra pessoa”

Na verdade, aquilo ali era o seguinte...eu tava sendo muito esculhambando porque tava criticando a Maria Bethânia....na verdade, eu não tava criticando, tava um pouco debochando dela...porque ela tava correndo atrás de recursos da Lei Rouanet pra fazer um blog onde ela ia recitar. Aí pra eu fazer um contraponto...eu comecei trabalhar...mande sua poesia pra cá que eu publico...que era um negócio interessante..

Na internet, tava sendo bem recebido a coisa...os comentários contra Maria Bethânia e coisa e tal...muita gente mandando vídeos...eram muitos...não sei exatamente quantos eu recebi...Daí o seu Caetano Veloso, com quem eu me dava muito bem...mas muito bem mesmo...quando tava no jornal A Tarde na Bahia...faz um artigo no O Globo defendendo a irmã...até aí tudo bem...mas aí escrotamente me esculhamba e ainda faz uma grave insinuação ...dizendo que essa história foi levantada pela colunista Mônica Bergamo da Folha de São Paulo e, em seguida, encampada pelo jornalista Ricardo Noblat com quem a Mônica tem uma relação extracurricular...

Porra!...não tenho nenhuma relação extracurricular com dona Mônica...eu sou casado, tenho filhos e netos....essa história de eu ter tido alguma relação com a

Mônica Bergamo foi o seu Luis Estevão de Oliveira, senador que acabou cassado, na época que eu dirigia o Correio Braziliense, que inventou essa história quando a Mônica trabalhava aqui na TV Bandeirante apareceu grávida...tem uma filhinha chamada Ana...e não é minha...o pai já assumiu e tudo e seu Luis Estevão na época que o Correio tava batendo muito nele...deu uma entrevista pra IstoÉ, claro que a IstoÉ nunca publicou essa história...dizendo não isso é uma campanha que na Bandeirante essa Mônica faz contra mim e no Correio o Noblat faz contra mim... e o Caetano simplesmente insinua isso, escrito por ele, no jornal O Globo...e nesse mesmo artigo, ele fala do André...que Noblat tem um filho, André, que ta aí e também fazendo isso pela Lei Rouanet...

O André, que não entendeu direito a referência a Mônica, mas entendeu a ele...chegou pra mim e disse, 'pai, eu queria fazer um artigo explicando. Eu não sou contra a Lei Rouanet...mas acho que deve servir melhor, principalmente para artistas novos...tá parecendo que to tendo o mesmo privilegio da Maria Bethânia...a gente não vai ganhar nada...é oito mil reais por quatro shows..."..
Porque eles fazem um negocio pra o pessoal da periferia assistir de graça...o show não é pago...o teatro é aberto....

Eu digo então escreva. E vamos publicar. Ele escreveu aquele texto. Isso também serviria pra ...quando querem me esculhambar...principalmente na época das eleições sempre procuravam me atingir, via filho. Os tucanos batem em mim porque o André é petista de carteirinha...e mesmo os petistas sendo André como um deles quando querem falar mal de mim...em determinado momento chegava até envolver André por alguma razão.

Depois disso... na segunda-feira...publiquei uma matéria sobre a Lei Rouanet... publiquei no próprio O Globo...e nada sobre o Caetano...
...
O André fez um artigo respondendo ao Caetano.

No twitter, eu respondi muito as pessoas sobre isso...

Pai ou jornalista?

Sempre que respondo, eu me sinto sempre como jornalista...e antes de ser jornalista, a gente tem que dar satisfação ao público...a gente é uma raça muito prepotente, soberba....jornalista detesta ter que dar explicação a sociedade... até um dia desse detesta o próprio o leitor. Até um dia desse, o telefone tocava numa redação..o jornalista pra atender...ir ao leitor...o chato leitor está ligando...era isso que eu ouvia na redação a vida inteira. Hoje tá todo mundo correndo atrás do leitor porque se não correr atrás dele tá roubado....
Ainda assim, tem muito jornalista que não dá satisfação ao leitor...
O Reinaldo lá no blog dele diz "oh..eu só publico aqui opiniões que sejam na direção da minha opinião..."ele não publica crítica contra ele...ele diz: "olha, bloqueie todos os petralhas que mandaram aqui críticas ao meu respeito...não me interessa a opinião deles..."

Eu sempre tive essa preocupação no meu blog. Primeiro, deixar as críticas, por mais duras que fossem a meu respeito, estão todas lá publicadas...quando eu achava que deveria responder alguma, eu respondia.
No caso, eu achei que deveria responder sim...oh..o Noblat critica a Lei Ruanet, e o filho dele usa...não tem nada a ver com meu filho...meu filho não tem que achar o que eu acho e eu achar o que ele acha...até que ele foi muito feliz no artigo dele ao escolher aquele título.

Foi ele quem bolou o título...eu achei muito boa a resposta dele. Assim como eu expliquei, ele que estava apanhando...tinha que se defender. Se eu abro espaço pra outras pessoas que eventualmente são alvo de críticas e podem responder essas críticas, por que não vou abrir espaço para André, que, por sinal, tava ali apanhando por causa de mim?

Tava apanhando só porque era meu filho....se não fosse meu filho, não tava nem citado ali...se ele vai se explicar bem ou mal... se vai ser feliz, coerente na explicação ele que arque com as consequências...apesar dele ter dado a explicação dele...apesar dele ter defendido a Lei Rouanet e tudo...na segunda-feira eu vim dizendo o contrário...não me referi a ele..mas minha opinião foi contrária...muito diferente da opinião dele.

Estilo - texto – modo de escrever

Tenho um modo de escrever...se isso é estilo, não sei... É uma questão de estilo? O que a gente aprende? Que informação é tudo aquilo que pode interessar ao distinto público. Estou na profissão há 44 anos... por isso sou conhecido...o meu jeito de escrever..o modo de dizer algo..você vai criando um estilo ao longo do tempo, tem a ver com as experiências que você já viveu...com seus gostos, com livros que você já leu, com escritores que você aprendeu a ler ou admirar...isso aí resulta um estilo que você acaba desenvolvendo ao longo da vida.

Agora, se aquilo faz com que você seja capaz de escrever um texto e alguém identificar...não, não...acho que as pessoas só conhecem meus textos, por exemplo, se eu assinar...

Acho que de tanto escrever, tanto tempo, e sobre as mesmas coisas tem uma linha...uma coerência, seja pro bem ou pro mal que eu escrevo...isso me faz pensar em parar daqui a alguns anos....porque é tudo igual... tudo a mesma coisa...o que escrevi sobre política há 8 anos é a mesma coisa... os personagens se repetem...os maus feitos, como prefere Dilma (presidente Dilma Rousseff), se repetem...não tem mais nada de original..

Nos 8 anos do blog

Não sei dizer qual o material ou a matéria mais relevante...posso dizer qual me deu mais prazer...o material sobre a morte do Getúlio Vargas que tá no arquivo dividido em duas partes, se não me engano...foi no ano da inauguração do blog. Fez 50 anos da morte de Getúlio... fiz como se o blog existisse naquele período...em 1954...foi uma coisa feita muito legal...foi uma bela pesquisa e ainda pedi artigos de várias

pessoas que escreveram como se estivessem fazendo em 24 de agosto de 1954...Milor Fernandes, Jânio de Freitas...Rui Mesquita...ele escreveu na primeira pessoa como se estivesse naquela época...ficou uma pesquisa muito legal. Foi emocionante.

Achei relevante a cobertura do caso do Francenildo, o caseiro, a queda do Palocci. Fiz o especial da morte de Miguel Arraes...fiz pela personagem...mas no caso do Palocci...foi o blog, sem nenhuma modéstia, que deu uma contribuição muito importante pra que se derrubasse rapidamente aquela farsa. Era uma sexta-feira de noite, um repórter amigo meu da Época me ligou dizendo a gente vai sair com uma bomba...o caseiro já tinha dado entrevista ao Estadão e tudo...mas não queria me dizer o que era...o site da Época, na época, era tão pouco conhecido...que eu pedi o endereço pra ele..e pedi pra ele me avisar quando a matéria entrasse no ar...quando entrou no ar ele ligou e disse...anota ai o endereço...

Eu entrei e tava lá..."Caseiro Francenildo recebeu uma nota preta que não sabe explicar..." e a grande insinuação era que ele poderia ter recebido aquela grana da oposição e tudo pra dizer que tinha visto o Palocci naquela mansão alegre do Lago Sul...frequentada por mulheres e pessoas da época que ele tinha sido prefeito de Ribeirão Preto... e aí eu publiquei, transcrevi...Olha, a Época faz uma bomba, isso, isso...

O post seguinte...daí eu comecei a postar sobre esse assunto, puxar uma coisa e outra...no segundo post eu dizia...vem cá, oh coleguinhas...é tá na hora de correr atrás da mãe do caseiro..pra ouvi-la... porque, na matéria, aparecia o caseiro dizendo 'eu recebi isso, esse dinheiro, do meu pai, fulano de tal...e o pai, o suposto pai...dizia: 'eu dei o dinheiro mas não sou o pai dele..."
Aí é que a coisa ficava complicada pro lado do caseiro, mesmo. Eu comecei, gente, corre atrás da mãe do caseiro pra descobrir essa história..quem é o pai do caseiro...se é se não é..

Eu sei que uma hora depois, essa história estava no chão. E aí eu é que entrei com o primeiro post dizendo: vem cá, o crime aqui é outra coisa. O crime aqui é quem quebrou o sigilo bancário do caseiro. Porque pra Época ter acesso aos extratos bancários do caseiro é porque alguém quebrou o sigilo...a revista não tem autoridade pra quebrar sigilo bancário...só quem pode quebrar o sigilo de alguém é a justiça. Se não foi a justiça que mandou o sigilo...quem quebrou?
Aí...a coisa se virou contra o governo...imediatamente... óbvio...foi aí que na semana seguinte, se descobriu que o cara da Caixa Econômica, mandado por Palocci...se descobriu que o assessor de imprensa do Palocci era pai do repórter da Época....que fez a matéria e num sei quê..era uma tramoia sem tamanho... Esse trabalho do blog foi muito relevante nessa cobertura

Em primeira mão

Qualquer noticia que eu tenha que é importante e tenho certeza que estou dando em primeira mão, eu coloco assim pra valorizar a notícia, chamar atenção do leitor....que olha isso aqui você ta lendo em primeira mão..

Já foi muito fácil dar furo na imprensa com blog...na época que não tinha tantos blogs e não se dava importância pra eles... era uma maravilha...

Hoje..acho que o blog funciona como um meio de pressão..mesmo que a notícia não seja em primeira mão, mas funciona...

Direto ao ponto (já meio cansando...abrindo a boca várias vezes..)

Numa escala de importância de 1 a 5, eu dou 1 para assessoria de comunicação. Eu não tenho nada contra assessoria apenas acho que não é jornalismo... ela usa as técnicas do jornalismo, mas não é jornalismo...porque se você entende o jornalismo como um oficio que você pode fazer o bem e mal... e eu tô falando isso de forma muito simplificada...numa assessoria você só pode fazer o bem. No dia que uma assessoria de imprensa distribuir uma matéria contra o seu assessorado, aí eu tiro o chapéu ..daí eu digo, essa assessoria de imprensa está fazendo o jornalismo. Como isso jamais vai acontecer....eu continuo pensando assim...

Entre o impresso e o online eu prefiro o impresso.

Navego o dia todo em outros sites pra saber o que ta acontecendo.

Deve ser importante os grupos em redes sociais discutirem...mas eu não participo em nada...

Uso link em muitas matérias.

O Globo utiliza newsletter....mas eu nem sei como...

Recebo muitas indicações de sites...eu vou lá, vejo e gosto, coloco no meu favorito...eu tenho também dentro do meu blog uma seção “Vale a pena ver..” que eu divido por área como cultura...isso eu preciso até ver... porque tá desatualizada...

Não sei por que as pessoas assinam com apelidos...mas de um tempo pra cá, tem umas que assinam com o próprio nome ou aparentemente com o próprio nome...

Não conheço nenhum código de ética do blogueiro...eu acho que qualquer código de ética descente que exista em qualquer empresa jornalística, no jornal, na TV, no rádio...pode ser o código de ética do blogueiro. Você tem que respeitar....do mesmo jeito que respeito as mesmas regras, as mesmas técnicas de apuração disso, daquilo outro...a ética é uma coisa só...

Eu respondo a 4 processos...4 ou 5. Dois de Renan Calheiros e dois de Eduardo Cunha, deputado do PMDB-RJ...

Lead e sublead

Quem faz o jornalismo online ainda não aprendeu a fazer até hoje....apenas reproduz o jornalismo que faz no impresso. O jornalismo online é outra coisa completamente diferente. Você pode fazer um texto desestruturado, mais coloquial, mais desregrado, mesmo sendo obrigado a usar as regra do impresso. No online,

você tem o recurso extraordinário do link. Raramente é usado todos os recursos da internet. Às vezes, o Jornal do Commercio, por exemplo, faz um puta trabalho com vídeo, link, imagens...mas isso é uma vez no ano...aquilo é uma equipe...não é todo dia...
Ou seja...isso ainda não foi incorporado a vida do jornalista do dia a dia. O jornalista escreve, e você vê quantos links na matérias...quase nenhum...

Blog no Twitter e no Facebook

Eu tô sem tempo pra fazer tudo, essas três coisas ao mesmo tempo porque é preciso interagir...mesmo assim, estou no twitter...o que me leva um tempo grande ...não sei como será essa coisa de levar o blog pro face porque vou precisar encarar um novo publico que é diferente....

Às vezes, eu fico duas, três horas com leitores no twitter discutindo coisas...no blog eu tenho feito pouco isso...o twitter tá se revelando, eu acho, um espaço mais civilizado pra discussão do que o blog. Facebook eu não sei ainda...

Porque como quem entra ali (twitter) quer ser seguido...quer ter seguidores e você se identifica...tirando um ou outro....no geral...entram pra discutir, divergem...convergem...mas com um certo padrão de elegância e civilidade.

No blog não. Como você tem o recurso do anonimato, aí você pode escrever e dizer qualquer coisa...e no twitter o cara quer ser seguido...se o cara entrar dizendo desaforo, batendo em todo mundo...esse cara não vai ser seguido....então, o cara é mais educado..por isso, eu interajo mais com leitores do twitter do que do blog.